

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Letras

LULA: A ENTREVISTA POLÍTICA

Uma análise das estratégias enunciativas do discurso de Lula no gênero entrevista

Alice Botelho Duarte

Belo Horizonte
2011

ALICE BOTELHO DUARTE

LULA: A ENTREVISTA POLÍTICA

Uma análise das estratégias enunciativas do discurso de Lula no gênero entrevista

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Orientador: Dr. Hugo Mari

**Belo Horizonte
2011**

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

D812l Duarte, Alice Botelho
Lula: a entrevista política : uma análise das estratégias enunciativas do discurso de Lula no gênero entrevista / Alice Botelho Duarte. Belo Horizonte, 2011.
102f. : Il.

Orientador: Hugo Mari
Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Letras.

1. Análise do discurso – Aspectos políticos. 2. Silva, Luiz Inácio Lula da, 1945-. 3. Entrevistas. 4. Gêneros literários. 5. Estratégia. 6. Enunciação (Linguística). I. Mari, Hugo. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

CDU: 800.85

Alice Botelho Duarte

LULA: A ENTREVISTA POLÍTICA

Uma análise das estratégias enunciativas do discurso de Lula no gênero entrevista

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas) e aprovada pela Comissão Examinadora:

Profa. Dra. Edna Aparecida Lisboa Soares
Pitágoras – Sistema de Educação Superior

Profa. Dra. Juliana Alves Assis
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Prof. Dr. Hugo Mari (Orientador)
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Belo Horizonte, 24 de fevereiro de 2011.

AGRADECIMENTOS

A DEUS,

Pela vida, saúde, proteção e por ser “fonte” de sabedoria e fé.

A MINHA FAMÍLIA,

Especialmente meus pais pelos ensinamentos, por me conduzirem sempre ao “caminho do bem” e por me ensinar a lutar pelos meus objetivos. Aos meus irmãos – Josias e José Geraldo – pelo carinho e amizade.

AO MEU ESPOSO PAULO,

Pelo amor, companheirismo e por ser o maior incentivador dos meus mais nobres “sonhos”. Te amo muito.

AOS MEUS AMIGOS DO CURSO,

Pela agradável convivência, em especial: Carlos Alexandre, Fernanda, Naíssa, Luíz e a amada Luciana pelas experiências compartilhadas e pela grande amizade.

AOS PROFESSORES DO MESTRADO,

Pela seriedade, dedicação acadêmica e pelas excelentes aulas ministradas.

AOS FUNCIONÁRIOS DA SECRETARIA,

Pelas orientações, eficiência e gentileza.

AOS MEMBROS DA BANCA EXAMINADORA,

Por me honrarem com a leitura deste trabalho e por colaborarem com presteza e desprendimento para o meu crescimento como pesquisadora.

A CAPES

Pelo incentivo à pesquisa.

AGRADECIMENTO ESPECIAL

HUGO MARI

Agradeço-lhe por ser um exemplo de pesquisador e educador, pelos maravilhosos ensinamentos obtidos durante suas aulas, durante a leitura de seus textos e durante sua orientação. E por fim, minha eterna gratidão pela sua simpatia, carinho e amizade. Obrigada por tudo.

A Única Crítica é a Gargalhada

A única crítica é a gargalhada! Nós bem o sabemos: a gargalhada nem é um raciocínio, nem um sentimento; não cria nada, destrói tudo, não responde por coisa alguma. E no entanto é o único comentário do mundo político em Portugal. Um Governo decreta? gargalhada. Reprime? gargalhada. Cai? gargalhada. E sempre esta política, liberal ou opressiva, terá em redor dela, sobre ela, envolvendo-a como a palpação de asas de uma ave monstruosa, sempre, perpetuamente, vibrante, e cruel – a gargalhada! Política querida, sê o que quiseres, toma todas as atitudes, pensa, ensina, discute, oprime – nós riremos. A tua atmosfera é de *chalaça*.

Eça de Queirós, in 'Uma Campanha Alegre'

RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo empreender uma análise das estratégias enunciativas do discurso de Lula compreendidas no gênero entrevista a partir dos pressupostos teóricos da Análise do Discurso e da Teoria da Enunciação. Partimos da hipótese de que ocorreram mudanças significativas no discurso de Lula no período compreendido entre a sua condição de Sindicalista a Presidente da República. Desse modo, este estudo evidencia fatos a respeito da posição que Lula ocupa em determinado contexto social e busca demonstrar como essa posição altera as unidades consolidadas dentro de um campo discursivo em relação aos outros vários discursos produzidos por ele no longo período que compreende sua trajetória sindical e política. É nessa direção, que buscamos verificar as estratégias enunciativas utilizadas por Lula para buscar a adesão do outro, convencendo seus co-enunciadores em suas respostas concedidas em entrevistas publicadas nos anos de 1978 a 1980 e em entrevistas concedidas entre os anos de 2003 a 2010 postadas no Site do Planalto.

Palavras-chave: Discurso Político. Lula. Entrevista. Gênero. Estratégias. Enunciação.

ABSTRACT

This dissertation has for objective to undertake an analysis of the enunciative strategies, of the Lula's speech, understood in the interview genre from the theoretical presupposed of the Analysis of the Speech and of the Theory of the Enunciation. We take for basis the hypothesis of that there were significant changes on the Lula's speech, in the period understood among his condition of Syndicalist to President of the Republic. So, this study shows up facts about the position that Lula occupies in determined social context and searches to demonstrate as this position changes the consolidated units inside a discursive field, in relation to the others several speeches produced by him, through the period that undertakes his syndical and politic trajectory. Is in this direction that we search to verify the enunciative strategies used by Lula to search the adhesion of the other, convincing his co-enunciators in their answers conceded in interviews published in the years of 1978 to 1980 and, in interviews conceded among the years of 2003 to 2010 posted on the Planalto web site.

Key-words: Politic speech. Lula. Interview. Genre. Strategies. Enunciation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 Tabela com a relação de Entrevistas de Lula 1978 a 1980.....	22
FIGURA 2 Tabela com a relação de Entrevistas de Lula 2003 a 2010.....	23
FIGURA 3 Propaganda da chapa	37
FIGURA 4 Convite para solenidade de posse da diretoria do sindicato.....	38
FIGURA 5 Panfleto.....	39
FIGURA 6 Página de Jornal.....	40
FIGURA 7 Foto.....	41
FIGURA 8 Panfleto.....	42
FIGURA 9 Página de Jornal	43
FIGURA 10 Página de Jornal.....	44
FIGURA 11 Página de Jornal.....	45
FIGURA 12 Página de Jornal	46
FIGURA 13 Panfleto.....	47
FIGURA 14 Panfleto.....	47
FIGURA 15 Fotografia	48
FIGURA 16 Fotografia	48
FIGURA 17 Esquema enunciativo.....	82
QUADRO 1 Organização textual das entrevistas concedidas por Lula.....	24
QUADRO 2 Fragmentos de entrevistas concedidas por Lula.....	51
QUADRO 3 Fragmentos de entrevistas concedidas por Lula.....	54
QUADRO 4 Fragmentos de entrevistas concedidas por Lula.....	63
QUADRO 5 Fragmentos de entrevistas concedidas por Lula.....	65
QUADRO 6 Fragmentos de entrevistas concedidas por Lula.....	72
QUADRO 7 Fragmentos de entrevistas concedidas por Lula.....	74

LISTA DE ABREVIATURAS

AD: Análise do Discurso

AIE: Aparelhos ideológicos de Estado

DL: Discurso de Lula

FD: Formação Discursiva

FD-S: Formação Discursiva Sindicalista

FD-P: Formação Discursiva Política

FI: Formação Ideológica

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	A CONSTITUIÇÃO DO CORPUS E QUESTÕES METODOLÓGICAS	12
3	GÊNERO – APROXIMAÇÕES E CONCEITOS	16
	3.1 O Gênero – Entrevista Política	18
	3.2 Organização textual das entrevistas de Lula	20
4	CONSIDERAÇÕES SOBRE A AD	27
	4.1 Condições de produção do discurso	32
5	LULA: DE SINDICALISTA A PRESIDENTE DA REPÚBLICA – CONSTITUIÇÃO E DESLOCAMENTOS DO SUJEITO DISCURSIVO	36
	5.1 Lula – sujeito apolítico/ político	51
	5.1.1 <i>Lula – sindicalista e político</i>	54
	5.1.2 <i>Lula – presidente da república</i>	61
6	ESTRATÉGIAS DO DISCURSO POLÍTICO	79
	6.1 Considerações sobre a enunciação linguística	80
	6.1.1 <i>As estratégias enunciativas e discursivas de Lula no gênero entrevista</i>	84
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
	REFERÊNCIAS	99

1 INTRODUÇÃO

Na presente dissertação, iniciamos nosso estudo discutindo a metodologia de pesquisa utilizada, a fim de descrever como os dados foram coletados e organizados. Assim, apresentamos o *corpus*, bem como os procedimentos adotados para sua seleção, que serviram de suporte nas análises.

No capítulo 3, apresentamos a noção de gênero, atentando especificamente para a entrevista política. Em linhas gerais, os pressupostos teóricos deste capítulo, os quais embasaram a construção da análise, provêm da contribuição bakhtiniana para os estudos da linguagem em se tratando da noção de gênero, bem como da visão de Charaudeau sobre a concepção de gênero de informação e sua pertinência para o estudo do gênero entrevista política.

No capítulo 4, recorremos aos princípios da AD, onde a noção de discurso é compreendida como um efeito de sentido entre sujeitos em interlocução, ou seja, sujeitos que se manifestam por meio da linguagem. A partir desses princípios, para darmos suporte à nossa análise, fizemos um recorte teórico, que contemplou os estudos de Pêcheux, Foucault e Althusser.

No capítulo 5, enfocamos a constituição de Lula como sujeito discursivo a partir da posição na qual ele se inscreveu em dois momentos marcantes de sua trajetória histórica – sindicalista a presidente da república –. Assim, fizemos uma análise na tentativa de compreender sua constituição a partir desses espaços ocupados. Nesse processo, consideramos os deslocamentos sofridos por esse sujeito e as consequências e transformações que se efetivaram a partir dos espaços ocupados por ele.

Por fim, no capítulo 6, avançamos nossas reflexões na direção do discurso político e, em especial, em relação à estratégia usada pelo sujeito Lula para buscar a adesão do outro na tentativa de convencer seus co-enunciadores – companheiros de fábricas e depois eleitores – da autenticidade de suas propostas políticas.

2 A CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS* E QUESTÕES METODOLÓGICAS

Neste segundo capítulo, discutiremos a metodologia de pesquisa utilizada para a elaboração deste estudo, a fim de descrever como os dados foram coletados e organizados. Assim, apresentaremos o *corpus*, bem como os procedimentos adotados para sua seleção que serão utilizados na análise.

Existem diferentes lugares de manifestação do discurso político, que não se esgotam apenas naqueles responsáveis pela governança. Qualquer ato enunciativo pode adquirir um sentido político a partir de uma dada situação de comunicação e de um lugar social ocupado pelo sujeito.

Dentro desse panorama, não podemos prescindir de um personagem que percorrendo uma trajetória comum de migrante nordestino, transformou-se num dos maiores líderes de massa do país: Luiz Inácio Lula da Silva ou, simplesmente “o Lula”. Pela sua atuação, primeiramente no movimento sindical e, *a posteriori*, na política brasileira, ele enseja o interesse e, conseqüentemente, a realização de estudos em diferentes áreas do conhecimento e especialmente na Análise do Discurso.

Qualquer que seja o lugar de aparição do discurso político de Lula – de sindicalista a presidente da república – é marcado por mudanças significativas. Isso é admitido pelo próprio Lula quando diz:

Pego a minha experiência de vinte anos no movimento sindical, e fico olhando a quantidade de coisas que eu falei e falava porque era moda falar, mas que não tinham substância para sustentar na hora em que você pega no concreto. Na hora em que você entra no ‘pão-pão, queijo-queijo’ tem uma diferença, e tem determinadas coisas que não podem ser um debate eminentemente ideológico, ele é real. (LULA, 17/07/07 diante do Conselho Econômico e Social).

A partir dessa matriz de pensamento, Lula justifica mudanças de atitude em relação ao que pregava antes de ser eleito deixando claro suas novas posições enquanto sujeito do discurso. Esse deslocamento de identidade – não mais o sindicalista, mas o presidente – exige certas restrições do próprio sujeito discursivo devido às posições enunciativas ocupadas.

Essas posições enunciativas, configuradas como lugares argumentativos e como estratégias de dizer introduz, por exemplo, na entrevista política, os lugares sociais de onde o sujeito enuncia, determinando a sujeição do indivíduo – Lula –, através da sua modelação ideológica, a que Althusser (2001) chamava de interpelação do sujeito pela ideologia.

Assim, se fala um sindicalista, um presidente, entende-se que quem fala tem algo a dizer e atribui-se um valor a esse dizer. Nas palavras de Charaudeau:

Para o locutor, falar é, pois, uma questão de estratégia, como se ele se perguntasse: Como é que vou / devo falar (ou escrever), levando em conta o que percebo do interlocutor, o que imagino que ele percebe e espera de mim, do saber que eu e ele temos em comum, e dos papéis que eu e ele devemos desempenhar. (CHARAUDEAU, 2009, p.75)

Pode-se dizer que, quem fala ou escreve acaba por organizar o discurso em “função de sua própria identidade, da imagem que se tem de seu interlocutor e do que já foi dito”. (CHARAUDEAU, 2009, p. 76).

Nesse sentido, tendo como fonte de observação às questões que envolvem a prática discursiva, a presente pesquisa tem por objetivo empreender uma análise das estratégias enunciativas do discurso político de Luiz Inácio Lula da Silva, compreendidas no gênero entrevista política. Sob o enfoque de saber as diferentes posições assumidas pelo sujeito enunciador Lula – de sindicalista a presidente da república –, a partir dos elementos discursivos, em especial das condições de produção no referido gênero, é que suscitou a escolha do recorte discursivo para análise neste estudo.

Para o desenvolvimento da pesquisa trabalhamos com dois *corpora*: um *corpus* de análise formado por entrevistas concedidas por Lula nos anos de 1978, 1979 e 1980 materializadas no Livro: Lula - Entrevistas e Discurso, editado pela ABCD (Sociedade Cultural) em São Paulo no ano de 1980. O livro conta com 09 (nove) entrevistas publicadas no ano de 1978, 11 (onze) publicadas no ano de 1979 e 06 (seis) publicadas no ano de 1980. Essas entrevistas foram concedidas a diferentes veículos de comunicação da época, tais como: *Pasquim*, *Visão*, *Jornal do Brasil*, *Vox Populi*, *Folha de S. Paulo*, *Manchete*, *Senhor Vogue*, *Diário do Grande ABC*, *Isto é*, *Movimento*,

Gazeta Mercantil, Jornal da Semana, Em tempo, Playboy, Jornal ABCD, Tribuna da Imprensa, Revista Especial. Depois, em 1980 elas foram reunidas e publicadas no já mencionado livro. As entrevistas desse contexto histórico constituem uma prova da legitimidade do discurso de Lula, pois foi por meio do discurso que ele, uma pessoa de origem simples, chegou à presidência.

O outro *corpus* de análise é formado por entrevistas também concedidas por Lula, referente aos anos de 2003 a 2010 postadas no *site* do planalto (www.info.planalto.gov.br) desenvolvido pela Secretaria de Comunicação Social – Secretaria de Imprensa. Neste *site* todos os discursos, entrevistas e cada programa ganham um link próprio, um arquivo eletrônico separado, o que torna mais organizada a procura dos dados. Essas entrevistas postadas no site do planalto marcam a trajetória presidencial de Lula e são propostas como uma nova maneira de divulgar seu discurso, fazendo valer o poder das novas instâncias midiáticas em trazer presente aquilo que nos é ausente, em outras palavras, qualquer pessoa que tenha acesso à Internet pode ler / ouvir ou até mesmo visualizar¹ as entrevistas.

Como nossa análise não pretende ser exaustiva, fizemos um recorte de algumas entrevistas referentes aos anos de 78 a 80 (impressas no livro) bem como um recorte de fragmentos de entrevistas entre os anos de 2003 a 2010 (postadas no site do Planalto).

A partir desse recorte discursivo, os dados foram comparados, a fim de detectar elementos indicadores de como as estratégias enunciativas do discurso de Lula foram criadas em função da argumentatividade e dos diferentes lugares enunciativos ocupados por ele.

Contamos ainda com o TextSTAT², um software livre que relaciona todas as palavras usadas num texto e a sua frequência. Isso nos permitiu coletar um léxico comum nas entrevistas concedidas por Lula. Assim, quando Lula toma o uso de um dado léxico (re) significando-o, deixa perceber as mudanças de atitude em relação ao

¹ Muitas dessas entrevistas possuem vídeo como meio de mostrar a veracidade dos fatos a fim de reconstruir a cena enunciativa do discurso presidencial feito no dia-a-dia.

² Disponível em: <http://www.niederlandistik.fu-berlin.de/textstat/software-en.html>

que pregava nas entrevistas precedentes (na condição de sindicalista) e atuais (na condição de presidente da república).

Desse modo, foi possível analisar o sentido de alguns itens lexicais proferidos por Lula em dois cenários³, na condição de sindicalista e na condição de presidente da república a partir de quatro temáticas: política, greve, classe empresarial e aborto.

Para a obtenção dos resultados da análise, optamos pela abordagem teórico-metodológica da Análise do Discurso e Teoria da Enunciação.

A aplicação das teorias nas entrevistas precedentes e atuais objetivou verificar as ocorrências da posição(ões)-sujeito assumida(s) por Lula ao longo dos anos estudados e sua vinculação a Formações Discursivas (FD), verificando as alternâncias em seus discursos e as estratégias enunciativas a partir das entrevistas políticas.

De um modo geral, essas entrevistas concedidas demonstram como o sujeito enunciador – Lula –, afetado pela formação discursiva e sustentado pelas condições de produção, passa a enunciar saberes diversificados sobre um mesmo assunto.

Evidentemente, que essas condições de produção do discurso, neste caso especificamente do discurso político, englobam um grande número de razões, causas e fatores que marcam e caracterizam o discurso. Assim, encontram-se indissociavelmente relacionadas as razões históricas próprias à sua constituição e, em função disso, as causas conjunturais que condicionam sua formulação simbólica manifestada em gêneros do discurso. Nesse sentido, julgamos válido, na sessão seguinte dessa dissertação, traçar noções gerais sobre gênero e variantes, no caso – a entrevista política –.

³ Consideramos nesse cenário o espaço de interlocução em que vem à tona o discurso político de Lula.

3 GÊNERO – APROXIMAÇÕES E CONCEITOS

Neste capítulo, apresentamos a noção de gênero, atentando especificamente para a entrevista política. Em linhas gerais, os pressupostos teóricos deste capítulo que embasam a construção da análise provêm da contribuição bakhtiniana para os estudos da linguagem em se tratando da noção de gênero, da visão de Charaudeau sobre a concepção de gênero de informação e sua pertinência para o estudo do gênero entrevista política.

Grande parte dos estudos contemporâneos sobre gêneros discursivos vem sendo desde Platão e Aristóteles uma temática constante entre estudiosos da linguagem os quais adotaram diferentes escolhas para propor suas classificações.

Em meados do Século XX, Mikhail Bakhtin (2000), concebe uma concepção de gêneros do discurso – “tipos relativamente estáveis de enunciados” –, que leva em consideração aspectos da interação e as condições sócio-históricas de produção.

Nessa perspectiva bakhtiniana, os gêneros do discurso são analisados à luz de uma concepção de enunciado como possibilidade de uso da língua. Cada gênero realiza-se em forma de enunciados – orais e escritos – concretos e únicos e são condicionados pelas diversas esferas da atividade humana. O enunciado, na visão bakhtiniana, adquire natureza dialógica e assume formas específicas relativamente estáveis. Ainda, segundo o autor, enunciados são unidades da comunicação verbal que supõem uma atitude responsiva marcada por fronteiras de continuidade entre eles. Nesse sentido, “o gênero do discurso não é uma forma de língua, mas uma forma de enunciado que, como tal, recebe uma expressividade determinada, típica, própria do gênero dado.” (BAKHTIN, 2000, p.312)

Assim, enunciados e gêneros refletem condições específicas e finalidades sociais através de determinado conteúdo temático, estilo e construção composicional. (BAKHTIN, 2000, p.279). A fusão desses três elementos no enunciado, em uma dada esfera da atividade humana, determina o que Bakhtin chamou de “tipos relativamente estáveis de enunciados”, isto é, os gêneros do discurso.

Esses gêneros tornam-se inesgotáveis pela riqueza e variedade que acabam por representar a partir dessas inúmeras esferas de atividades humanas e pela capacidade que têm de ampliar-se a partir dos tipos estáveis.

Nessa perspectiva, o autor ainda exemplifica a heterogeneidade dos gêneros do discurso, apontando que eles vão da réplica mais simples de um diálogo às manifestações literárias (provérbios, contos, poemas, romances etc), passando pelos relatos familiares (a carta, os bilhetes etc), pelas formas padrão dos documentos oficiais (atas, relatórios, declarações etc) e pelas exposições científicas (artigos, teses, dissertações etc).

Podemos admitir, portanto, que o conceito de gênero adquiriu um caráter mais amplo, referindo-se também aos diversos textos que utilizamos nas situações cotidianas de comunicação.

Em termos mais complexos, Bakhtin distingue os gêneros do discurso em “primários”, precedentes da comunicação verbal espontânea, no âmbito da ideologia do cotidiano (as ideologias não formalizadas e sistematizadas); e em “secundários”, aqueles advindos de uma comunicação verbal produzida, – o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico –, que formados a partir dos gêneros primários, aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural mais complexa e relativamente evoluída, sobretudo na modalidade escrita (BAKHTIN, 2000, p. 281-287). Isso significa, no dizer de Bakhtin, que:

Os gêneros discursivos secundários (complexos – romances, dramas, pesquisas científicas de toda a espécie, os grandes gêneros publicísticos, etc.) surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) – artístico, científico, sócio-político, etc. No processo de sua formação eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples), que se formam nas condições da comunicação discursiva imediata (BAKHTIN, 2000, p.263).

Com base nessas considerações, podemos entender que a definição de gêneros proposta por Bakhtin compreende certa estabilidade, ou normatividade, nas produções verbais dos falantes, ou seja, os gêneros enquanto entidades sócio-discursivas contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia das pessoas. Nesse sentido, os gêneros não podem ser considerados instrumentos

estanques; ao contrário, podem ser fenômenos dinâmicos que surgem, transformam e até mesmo desaparecem em função das necessidades e atividades (relacionadas às diferentes esferas de utilização da língua) de uma dada conjuntura social.

Em suma, os estudos que Bakhtin desenvolveu sobre os gêneros discursivos são considerados não a classificação das espécies, mas o dialogismo do processo comunicativo, de forma que as relações interativas são processos produtivos de linguagem. Assim, gêneros e discursos passam a ser focalizados como esferas de uso da linguagem verbal ou da comunicação fundada na palavra. Graças à abertura conceitual a partir desses estudos bakhtinianos, foi possível considerar as formações discursivas do amplo campo da comunicação mediada pelos meios de comunicação de massas ou das modernas mídias digitais.

3.1 O Gênero – Entrevista Política –

Conforme discutido até aqui, a noção de gênero foi primeiramente pautada pela nomeação e delimitação dos textos. Em meados do Século XX foi objeto de investigação de Bakhtin. Mais tarde, é retomada pela análise do discurso no reconhecimento das práticas discursivas. Nessa perspectiva, somos também levados a assumir junto com Mari (2004) a relevância da noção de gênero para o estudo de fatos do discurso ao dizer que: “nenhuma categoria parece, no momento, reunir tantas propostas conceituais, tantos caminhos a trilhar na busca de uma compreensão da diversidade das práticas discursivas (...)” (MARI, 2004, p.60).

Já na visão de Charaudeau (2004) os gêneros podem ser o resultado de construtos sociais que determinam os “domínios da palavra”. Nesse sentido, faz-se necessário para a compreensão dos gêneros três níveis: i) a **ancoragem social do discurso** (as restrições situacionais); ii) a **natureza comunicacional** (tipos de atividades languageiras envolvidas – o discurso); e iii) as **recorrências de marcas formais** (restrições formais).

Ao inserir a entrevista dentro do gênero de informação midiático, Charaudeau (2006) impõe uma diferenciação que ele chama de *status*, isso permite que um dos parceiros em situação dialógica seja legitimado no papel de “questionador” e o outro

num papel de “questionado-com-razões-para-ser-questionado”. Desse modo, o gênero entrevista possui características interativas já que se apresenta em forma de diálogo estruturada com pergunta/resposta a fim de divulgar ou elucidar atos, ideias, ações e planos de um dos participantes do contrato midiático. Esse por sua vez, supõe um dispositivo triangular que segundo Charaudeau envolve entrevistador e entrevistado, que são ouvidos por um “terceiro-ausente”, o ouvinte/público. O primeiro tem sua legitimação ancorada pelo seu papel de “procurar fazer falar”; o segundo de um “tenho algo a dizer”; e o terceiro de um “estou aqui para ouvir alguma coisa de interesse geral que me seja dada como uma revelação”. A partir dessas bases, Charaudeau coloca em cena como variante desse gênero, entre outras, a entrevista política.

Esse gênero – entrevista política – se baseia segundo o autor num “é-preciso-dizer-a-qualquer-preço” (CHARAUDEAU, 2006, p.215). Esse “dizer-a-qualquer-preço” faz com que esse gênero se defina pelo propósito de concernir à vida cidadã, e pela identidade do entrevistado. Nesse sentido, a entrevista coloca à disposição da opinião pública uma série de análises e julgamentos que justificam o engajamento desse entrevistado.

Assim, o entrevistado, enquanto representante de si mesmo ou de um grupo que participa da vida política ou cidadã, é um ator que sabe que o que disser será interpretado de diversas maneiras, o que faz com que esse ator não expresse tudo que pensa, ou seja, na maioria das vezes esse ator (entrevistado) regula sua própria fala como garantia de uma boa “imagem”. Entretanto, este pode ser considerado o maior problema, pois nem todo mundo quer ser decifrado. Menos ainda em política, atividade em que discurso e palavra servem de instrumento para a construção de imagens no jogo “ilusório das aparências”.

E ainda, temos na entrevista política, o papel do entrevistador⁴ que é justamente abrir ao público ideias, informações, fatos e intenções que, muitas vezes, um agente político prefere omitir.

⁴ Sabemos da importância do papel do entrevistador numa entrevista. Porém, nesta pesquisa não é nosso intuito focalizá-lo.

Nesse sentido, desenvolver todas as técnicas de uma entrevista requer do entrevistador, segundo Medina (2008), “virtudes dialógicas”, ou seja, a interatividade. Segundo a autora, na entrevista:

sua maior ou menor comunicação está diretamente relacionada com a humanização do contato interativo: quando, em um desses raros momentos, ambos – entrevistado e entrevistador – saem “alterados” do encontro, a técnica foi ultrapassada pela “intimidade” entre o EU e o TU. Tanto um como outro se modificaram, alguma coisa aconteceu que os perturbou, fez luz em certo conceito ou comportamento, elucidou-se determinada autocompreensão ou compreensão do mundo. Ou seja, realizou-se o Diálogo Possível.(MEDINA, 2008, p.7).

É nesse sentido que a entrevista, nas suas diversas práticas, pode ser ainda considerada, segundo Medina (2008), como uma técnica de interação social, que envolve interpenetração informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; podendo servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação. Nessas diversas práticas, a entrevista constitui sempre um meio cujo norte é o inter-relacionamento humano.

De maneira geral, a entrevista se funda numa das mais duvidosas e ricas fontes, a palavra. Isso permite que a entrevista corra o risco permanente de dissimulação ou fabulação. Pode representar, por si só, o fato histórico, ou a entrevista pode, simplesmente, provocar a sociedade a refletir melhor sobre si mesma. Em qualquer caso, a boa entrevista política suscitará no cidadão escolhas que o faz (re) pensar o discurso político.

3.2 Organização textual das entrevistas de Lula

Vimos em Bakhtin (2000), que cada esfera de utilização da língua elabora seus “tipos relativamente estáveis de enunciados (...)”. Diante dessa assertiva Mari e Silveira (2004) apontam que pensar o gênero como algo estável nas práticas de linguagem é colocada em dúvida por Bakhtin ao mencionar o termo – relativamente estáveis –, mas segundo os autores isso não implica assumir que o gênero esteja desprovido de

qualquer padrão à disposição do locutor, pois segundo eles “parece ser a disponibilidade de modelos pré-construídos, em alguma extensão, que torna um gênero discursivo um mecanismo importante nas práticas de linguagem.” (MARI; SILVEIRA, 2004, p. 5). Toda essa disponibilidade de padrões podem segundo Mari e Silveira (2004) agilizar as práticas, torná-las mais econômicas e eficazes do ponto de vista da produção do sentido.

É dessa forma, que o usuário de um sistema linguístico, com algum grau de letramento, quando se trata de utilizar mecanismos de gênero transitam segundo Mari e Silveira (2004) por diversas instâncias discursivas com habilidade que a circunstância o exige.

Se um gênero “deve existir por disponibilizar para o usuário certos procedimentos de alcance de sentido” (MARI; SILVEIRA, 2004, p.6), e que para ser acionado requer ajustes constantes, percebemos que o gênero entrevista política que é foco dessa dissertação possui semelhanças e dessemelhanças que requerem do usuário certos ajustes para uma efetiva produção de sentido.

Diante do exposto, julgamos válido apresentar a organização textual⁵ das entrevistas concedidas por Lula a fim de confirmar o que os autores Mari e Silveira apontam ao perceberem a própria instabilidade do gênero proposta por Bakhtin. Nesse sentido, a organização textual terá o propósito de mostrar também que apesar da instabilidade do gênero em determinados suportes – impresso e online (site) – e épocas em que foram veiculados, é possível reconhecer a composição do gênero e produzir sentido.

A organização textual, como o nome já explicita, diz respeito aos elementos que compõem textualmente o gênero entrevista, como título, subtítulo, introdução, sequência de perguntas e de respostas, imagem etc. Nesta parte da pesquisa, abordamos esse conjunto de elementos, bem como sua sequenciação na organização da dimensão linguageira do gênero (materialidade do gênero).

⁵ A noção de organização textual está relacionada à composição do gênero de Bakhtin. Porém a composição do gênero nos termos bakhtinianos é mais ampla que a noção de organização (ou composição) textual, uma vez que inclui os aspectos da dimensão social, como a composição dos participantes da interação. Usamos o termo *organização textual* por estarmos apresentando apenas uma faceta, a textual, da noção de composição do gênero.

Inicialmente, vale salientar que, durante a análise dos dados, percebemos manifestações diferenciadas do gênero nos suportes pesquisados (no que se refere à materialização no livro e no site). Em virtude disso, fizemos, primeiramente, um agrupamento das entrevistas em duas tabelas, de acordo com a quantidade delas concedidas por ano. Em seguida, apresentamos a organização textual das entrevistas políticas concedidas por Lula nos dois suportes em questão – impresso e eletrônico (Site) –. Vejamos:

ENTREVISTAS IMPRESSAS (Editadas no suporte livro)	1978	1979	1980
Pasquim	01	-	-
Visão	01	-	-
Jornal do Brasil	01	01	-
Vox Populi (TV Cultura)	01	-	-
Folha de S. Paulo	02	01	-
Manchete	01	-	-
Senhor Vogue	01	-	-
Diário do Grande ABC	01	-	-
Isto É	-	01	02
Movimento	-	01	-
Gazeta Mercantil	-	01	-
Jornal da Semana	-	01	-
Renato Tapajós	-	01	-
Em Tempo	-	01	02
Playboy	-	01	-
ABCD	-	01	-
Escrita Ensaio	-	01	-
Tribuna da Imprensa	-	-	01
Revista Especial	-	-	01
Total de entrevistas por ano	09	11	06

Figura 1: Tabela com a relação de Entrevistas Concedidas por Lula em 1978, 1979 e 1980

Fonte: Livro – Lula: entrevistas e discursos

ENTREVISTAS (Editadas no Site do Planalto ⁶)	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Concedidas à imprensa nacional	37	32	33	83	134	152	201	167
Concedidas à imprensa internacional	33	19	24	21	57	57	120	41
Exclusivas	10	19	17	16	53	56	118	83
Coletivas	34	20	24	76	110	126	145	99

Figura 2: Tabela com a relação de Entrevistas Concedidas por Lula 2003 a 2010

Fonte: www.info.planalto.gov.br

A leitura da tabela 1 revela-nos a quantidade de entrevistas concedidas por Lula nos anos de 1978, 1979, 1980. Essas entrevistas foram concedidas a diversos veículos de comunicação da época tais como: Pasquim, Visão, Jornal do Brasil, Vox Populi, Folha de S. Paulo, Manchete, Senhor Vogue, Diário do Grande ABC, Isto é, Movimento, Gazeta Mercantil, Jornal da Semana, Em tempo, Playboy, Jornal ABCD, Tribuna da Imprensa, Revista Especial. Posteriormente, em 1980 elas foram reunidas e publicadas no já mencionado livro. As entrevistas desse contexto histórico constituem uma prova da legitimidade do discurso de Lula, pois foi por meio do discurso que ele, uma pessoa de origem simples, chegou à presidência.

Notamos ainda na tabela que, o maior índice de entrevistas concedidas por Lula concentra-se no ano de 1979. Este ano, por sua vez, marca o destaque de Lula como sindicalista e suas reivindicações em prol do trabalhador em uma das mais notáveis greves da história do país – a greve do ABC paulista –, esse contexto histórico também é marcado pelo pensamento de Lula em direção a questões políticas que seguiam, na época, orientadas para a criação do Partido dos Trabalhadores (PT).

Na tabela 2, há também uma relação da quantidade de entrevistas concedidas por Lula entre os anos de 2003 a 2010. Dentro dessa relação, incluem-se: entrevistas concedidas à imprensa nacional, à imprensa internacional, exclusivas e coletivas. Esse levantamento quantitativo também serviu para averiguarmos as semelhanças e

⁶ Na tabela acima (Figura 2 Tabela com a relação de Entrevistas Concedidas por Lula 2003 a 2010) não colocamos a totalização das entrevistas, pois verificamos que muitas delas se repetem. Por exemplo: se Lula deu uma entrevista exclusiva ao Jornal *New York Times*. Essa entrevista é contada como exclusiva e como concedida à imprensa internacional, ou seja, a entrevista é contada duas vezes.

dessemelhanças de um mesmo gênero – entrevista – porém veiculadas em épocas e suportes diferenciados, o que nos permitiu organizá-las textualmente da seguinte forma:

ENTREVISTAS (Impressas e Editadas no livro) 1978, 1979, 1980	ENTREVISTAS (Editadas no Site do Planalto) 2003-2010
Breve introdução acerca da temática da entrevista e do entrevistador.	Timbre da Presidência da República (Secretaria de Imprensa e Divulgação). Forma padrão em todas as entrevistas
Sequência de perguntas e resposta.	Apresentação da entrevista (coletiva, exclusiva, à imprensa nacional ou internacional), em seguida o nome do entrevistado (Lula) em seguida local e data.
Nome do suporte e data em que a entrevista foi publicada.	Apresentação do entrevistado (Lula). Na maioria das vezes a apresentação é feita pelo próprio entrevistado.
Nome do (s) entrevistador (es).	Sequência de perguntas e resposta. Vale ressaltar que, essa sequência não é fixa visto que algumas entrevistas possuem apenas uma pergunta.

Quadro 1: Organização textual das entrevistas concedidas por Lula.

Os dados apresentados no quadro 1 revelam que as entrevistas publicadas nos anos de 78, 79 e 80, materializadas no livro, apresentam uma estabilidade na organização textual do gênero, que obedece à seguinte seqüenciação textual:

- a) Inserção de introdução – a introdução contextualiza o entrevistado, destacando seu papel social, suas realizações e o assunto/tema sobre o qual ele (Lula) se pronuncia;
- b) Inserção de seqüência de perguntas e respostas – são introduzidas, respectivamente pelo (s) entrevistador (es) que muitas vezes inicia propiciando ao entrevistado – Lula – uma breve introdução livre. Em meio ao processo dialógico da entrevista, o entrevistado responde, justifica e até discursa nas respostas;
- c) Inserção do suporte e data – aparece no final de cada entrevista seguido da data em que a entrevista foi proferida;
- d) Inserção do nome(s) do(s) entrevistador(es) – aparece no final da entrevista e muitas vezes é ocultada.

Já as entrevistas concedidas por Lula nos anos de 2003 a 2010 também se caracterizam fundamentalmente pela “estrutura” pergunta-resposta, porém não contempla todos os elementos observados no outro suporte em análise – livro –. Isso ocorre em virtude de as entrevistas serem pingue-pongue, ou seja, entrevistas rápidas que contêm apenas um trecho ou pequeno comentário de Lula; entrevistas escritas; entrevistas orais concedidas a jornais, revistas, rádios, jornalistas, blogueiros etc. Essas diversas formas de materialização das entrevistas contribuem para a instabilidade do próprio gênero, mas, apesar da instabilidade, o gênero disponibiliza “para o usuário certos procedimentos de alcance de sentido” (MARI; SILVEIRA, 2004, p.6) . A organização textual das entrevistas, publicadas no site, contempla a seguinte sequência de elementos:

- a) Inserção do timbre da Presidência da República – trata-se de uma forma de padronizar as entrevistas no site. Todas recebem o timbre independente do suporte em que foram publicadas e da extensão do texto. Vale ainda mencionar que as entrevistas que não passam por nenhuma revisão textual recebem uma nota de pé de página que informa: “Transcrição sem revisão”;
- b) Inserção da apresentação da entrevista – todas as entrevistas, postadas no site, têm uma apresentação que diz respeito ao estilo de entrevista como coletiva, exclusiva, à imprensa nacional ou internacional; em seguida, coloca-se o nome do entrevistado, no caso o nome do Lula, e depois o local e data;
- c) Inserção da apresentação do entrevistado – essa apresentação do entrevistado – Lula – ocorre com frequência em entrevistas concedidas a rádios, onde o próprio entrevistador faz a apresentação ou deixa à escolha do entrevistado – Lula –. Com relação às demais entrevistas, muitas não possuem uma introdução acerca do entrevistado e já partem diretamente para a sequência de perguntas-respostas;
- d) Inserção de sequência de perguntas e respostas – são introduzidas, respectivamente pelo (s) entrevistador (es) que muitas vezes inicia propiciando ao entrevistado – Lula – uma breve introdução livre. Em meio ao processo dialógico da entrevista o entrevistado responde, justifica e até discursa nas

respostas. Vale ressaltar que essa sequência não é fixa visto que, algumas entrevistas possuem apenas uma pergunta.

Ainda, na organização dessas entrevistas, constatamos a inserção em algumas delas de vídeo ou áudio onde o internauta pode ver ou ouvir as entrevistas. Vale mencionar que, no site, essas entrevistas são organizadas por meses e anos, tornando-se uma forma prática de manusear e ler os arquivos.

Partimos agora para uma reflexão teórica sobre a AD, relevante para as análises das entrevistas.

4 CONSIDERAÇÕES SOBRE A AD

Ao tomar o discurso como objeto de investigação, a AD entende que a noção de discurso deve ser compreendida como um efeito de sentidos entre sujeitos em interlocução, ou seja, sujeitos que se manifestam por meio da linguagem. Considerando esses princípios, para darmos suporte à nossa análise, neste capítulo, fizemos um recorte teórico, que contempla os estudos de Pêcheux; Foucault e Althusser. Vale ressaltar que, não pretendemos dar conta de todas as noções teóricas dos referidos autores, visto que, na análise do *corpus* nos ocupamos com a configuração da Formação Diacursiva de Lula e com a posição-sujeito em que o discurso de Lula se inscreve na condição de sindicalista a presidente da república.

Um dos precursores da Análise do Discurso francesa foi Michel Pêcheux. Para a criação da AD, Pêcheux realiza rupturas com as pesquisas estruturalistas e analisa a língua a partir de aspectos que vão além do ato comunicativo, ou seja, aprofunda-se nos aspectos extralinguísticos do discurso a fim de chegar à construção de sentidos do contexto social, histórico e ideológico no qual um determinado enunciado está inserido. Isso implica dizer que a língua é tomada como produto da interação entre os falantes. Assim, a linguagem é a materialização do discurso e carrega consigo as manifestações ideológicas de ordem sócio-histórica enunciadas pelo sujeito do discurso.

Partindo do pressuposto de que o discurso ou qualquer enunciado está relacionado com o contexto e a situação em que este enunciado foi produzido, Pêcheux confere ao contexto atribuições sobre as condições de produção. É nessa perspectiva que o sujeito, ao produzir o seu discurso, entra num jogo de imagens, ou seja, ele faz uma imagem do local em que ele enuncia, a imagem de si mesmo e do seu interlocutor, já que a existência do interlocutor é uma condição para que um sujeito se expresse de uma forma e não de outra. Assim, vemos que um enunciado de um locutor só ocorre quando este imaginariamente antecipa e organiza o seu discurso de modo estratégico de acordo com aquilo que o seu receptor espera desse enunciado.

Vale salientar também que no momento em que um sujeito se inscreve num ato discursivo, o vemos como um receptor de vários outros discursos através dos quais assume o papel de enunciadador de discursos a fim de justificar a sua própria atuação por

meio de crenças imaginárias da realidade que o cerca. Em outras palavras, o princípio básico que rege a noção de sujeito é o fato de que este é influenciado por uma ideologia.

De acordo com os princípios básicos da AD, o sujeito não pode ser concebido como um ser um sujeito único e egocêntrico, mas como um ser ideológico, cujo discurso é na verdade "um recorte das representações de um tempo histórico e de um espaço social" (BRANDÃO, 2004, p. 59). Isso implica dizer que para a AD a língua/linguagem não corresponde a um ato homogêneo, mas a um produto de interação social entre os homens; é concebida como um fato dialógico em que o "Outro" é essencial para a constituição do sujeito.

Após revisões e mudanças em seus principais conceitos, Pêcheux (GADET & HAK, 1990) configura a AD em três etapas: AD-1, AD-2, AD-3. A primeira etapa da AD, a AD1, é marcada por um sujeito considerado assujeitado, mas que tem a ilusão de ser a fonte do discurso, sendo que o discurso aqui é visto como resultante de condições de produção estáveis e homogêneas, fechado em si mesmo, como afirma Pêcheux:

Um processo de produção discursiva é concebido como uma maquinaria, uma máquina autodeterminada e fechada sobre si mesma, de tal modo que um sujeito-estrutura determina os sujeitos como produtores de seus discursos: os sujeitos acreditam que utilizam seus discursos quando na verdade são seus servos assujeitados, seus suportes. (PÊCHEUX, 1990, P.311).

Na segunda etapa da AD, AD-2, o autor tomou emprestado de Foucault (1969) a concepção de formação discursiva, que segundo o próprio Pêcheux:

[...] começa a fazer explodir a noção de máquina estrutural fechada na medida em que o dispositivo da FD está em relação paradoxal com o seu "exterior": uma FD não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente invadida por elementos que vêm de outro lugar (isto é de outras FD) que se repetem nela, fornecendo-lhe suas evidências discursivas fundamentais [...]. (PÊCHEUX, 1990, p.314)

Na AD-2 percebemos, portanto, que uma formação discursiva constitui-se de outras formações discursivas e de elementos que vêm de seu exterior que recebem, segundo o autor, a denominação de pré-construído. Assim, a terceira etapa da AD, a AD-3, marca-se pela desconstrução da noção de maquinaria discursiva fechada. Este é o momento em que a homogeneidade do discurso é abandonada, começa-se a

reconhecer a não neutralidade da sintaxe, a noção de enunciação passa a ser abordada e começam as reflexões e indagações sobre a heterogeneidade enunciativa, levando assim, a uma discussão sobre o discurso outro.

Após lembrarmos as três etapas da AD proposta por Pêcheux iremos nos ater na AD2 no que diz respeito a formação discursiva.

Em Pêcheux, a FD está, pelo menos em seu início, intimamente relacionada com a noção de formação ideológica, decorrente da leitura que ele fez dos "Aparelhos Ideológicos do Estado" de L. Althusser⁷, o que, por conseguinte, explica o seu estreito laço com o marxismo. Assim Pêcheux expõe sua ideia:

Chamaremos, então, formação discursiva aquilo que, em uma formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina "o que pode e o que deve ser dito" (articulado sob a forma de uma alocução, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.). (PÊCHEUX, 1997, p. 160).

Esse recorte pecheutiano sugere que a ideologia é materializada por meio dos discursos e articulada por sujeitos.

Nesse sentido é que Pêcheux pôde retomar a formulação de Althusser de que o sujeito é interpelado pela ideologia que o constitui, ou seja, o assujeitamento; mostrando que, ao enunciar, todo sujeito fala a partir de uma FD e, assim, marca uma posição de sujeito. Dessa maneira, esse posicionamento acaba por constituir no sujeito uma *identidade enunciativa*.

Num campo discursivo, "posicionamento" define, mais precisamente, uma identidade enunciativa forte "o discurso do partido comunista de tal período", por exemplo, um lugar de produção discursiva bem específico. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 392).

Não se deve compreender essa identidade que o sujeito mantém com a FD de maneira estável, cristalizada. Isso é evidente quando Pêcheux, ao rever a trajetória da Análise do Discurso, observa que no seu segundo momento, ou seja, a AD-2, uma FD não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente "invadida" por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras FDs) que se repetem nela, fornecendo-lhe

⁷ Será melhor discutido no próximo subcapítulo.

suas evidências discursivas fundamentais (por exemplo sob a forma de "pré-construídos" e de "discursos transversos"). (PÊCHEUX, 1997, p. 314).

É nesse aporte que se instaura a noção de *interdiscurso*; é ele que possibilita ao sujeito concretizar o seu discurso; marca a exterioridade, o lugar anterior determinante do próprio discurso. Essa reflexão traz a ideia de que o sujeito não somente materializa a ideologia como também é aquele responsável por agenciar os sentidos.

No entanto, esse agenciamento não decorre da pura transparência da linguagem. O que ocorre é que a ideologia cria a ilusão no sujeito de que ele é a fonte do seu dizer, origem do sentido. Como assevera Pêcheux,

(...) o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe "em si mesmo" (...) mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas). (PÊCHEUX, 1997, p. 160).

Outro autor que contribui para a noção de FD é Michel Foucault, porém sua formulação é um pouco distinta daquela proposta por Pêcheux.

Foucault apresenta seu conceito na obra *Arqueologia do saber* (2005), e levanta quatro aspectos com o intuito de decifrar as relações que podem ser descritas entre determinado número de enunciados, e que o conduzem a formular a primeira definição de *formação discursiva*:

- a) Primeiro aspecto: *“os enunciados, diferentes em sua forma, dispersos no tempo, formam um conjunto quando se referem a um único e mesmo objeto”, no entanto, “definir um conjunto de enunciados no que ele tem de individual consistiria em descrever a dispersão desses objetos, apreender todos os interstícios que os separam, medir as distâncias que reinam entre eles – em outras palavras, formular sua lei de repartição”,*
- b) Segundo aspecto: *“para definir um grupo de relações entre enunciados: sua forma e seu tipo de encadeamento”(...) “seria preciso caracterizar e individualizar coexistência desses enunciados dispersos e heterogêneos: o sistema que rege sua repartição, como se apóiam uns nos outros, a maneira pela qual se supõem*

ou se excluem, a transformação que sofrem, o jogo de seu revezamento, de sua posição e de sua substituição”;

- c) Terceiro aspecto: a possibilidade de se *“estabelecer grupos de enunciados, determinando-lhes o sistema dos conceitos permanentes e coerentes que aí se encontram em jogo”*, ou seja, *“não buscaríamos mais, então, uma arquitetura de conceitos suficientemente gerais e abstratos para explicar todos os outros e introduzi-los no mesmo edifício dedutivo; tentaríamos analisar o jogo de seus aparecimentos e de sua dispersão”;*
- d) Quarto aspecto: *“para reagrupar os enunciados, descrever seu encadeamento e explicar as formas unitárias sob as quais eles se apresentam: a identidade e a persistência dos temas”*, ou ainda, *“mais do que buscar a permanência dos temas, mais do que retrazar a dialética de seus conflitos para individualizar conjuntos enunciativos, não poderíamos demarcar a dispersão dos pontos de escolha e definir, antes de qualquer opção, de qualquer preferência temática, um campo de possibilidades estratégicas?”*.

A partir daí, pode-se então dizer que uma *formação discursiva* relaciona um sistema de *dispersão*, no qual é possível perceber uma regularidade em relação aos objetos, tipos de enunciação, conceitos e escolhas temáticas, estabelecendo assim, uma ordem, correlações, posições, funcionamentos e transformações para os elementos nela integrados. Dessa maneira, todo enunciado faz parte de uma formação discursiva e também de um texto e os vários enunciados, apoiados numa mesma formação discursiva, constituirão um discurso em função do arranjo dos objetos e dos temas nele presentes.

Vale mencionar ainda que, o sujeito ao se materializar no discurso não é autônomo com relação ao que profere. Na verdade, são as posições deste sujeito, que se materializam no discurso. E estas posições de sujeito constituem-se pela situação que podem ocupar, de acordo com os diversos domínios ou grupos de objetos.

Nesses termos, as características do lugar histórico-social ocupado pelo sujeito – Lula – sempre estão presentes nos discursos por ele produzidos. A posição de sujeito que ocupa também é marcada por tais características. Sendo assim, pode-se afirmar

que os discursos e as ações de Lula são marcados por determinadas *formações discursivas* que, por sua vez, são determinadas por papéis sociais.

De acordo com Foucault, as normas que organizam uma sociedade refletir-se-ão na constituição das *formações discursivas*, o que significa uma forma de poder. As relações de poder de uma determinada formação social são historicamente constituídas e cristalizadas ao longo do tempo. Dessa forma, “só há poder exercido uns sobre os outros; o poder só existe em ato, mesmo que, é claro, se inscreva num campo de possibilidades que se apóia sobre as estruturas permanentes” (FOUCAULT, 1995). Essa ideia é desenvolvida por Foucault em "A Ordem do Discurso". Para o propósito deste trabalho, tenta-se apenas evidenciar essa relação sem, contudo, abordá-la de modo mais acurado.

4.1 Condições de produção do discurso

O conceito de Formação Discursiva desenvolvido representa aquilo que, “numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito*”. (PÊCHEUX, 1997, p.160). No caso concreto do discurso político de Lula, são elas que possibilitam identificar o “falar” de Lula na condição de sindicalista e político (Presidente).

Nesse sentido, podemos dizer que um indivíduo torna-se sujeito enunciador na medida em que veicula uma FD ou que nela se inscreve assumindo posições-sujeito a ela ligadas em determinadas circunstâncias de enunciação. De acordo com Pêcheux:

O sujeito, ao relacionar-se com a forma-sujeito, pode assumir diferentes posições de sujeito, as quais vão desde a plena identificação com a forma-sujeito, refletindo o saber de sua formação discursiva, até divergir desse domínio de saber, aí introduzindo o diferente e o divergente, que instauram uma contradição (PÊCHEUX, 1997, p. 116).

Essas diferentes posições-sujeito vinculam-se às FDs que, por sua vez, relacionam-se às Formações Ideológicas (FIs), as quais podem ser entendidas como as atitudes e representações, não individuais e nem universais, que se relacionam às

posições de classes em conflito umas com as outras. São elas, portanto, suscetíveis de intervir, como uma força em confronto, com outras forças na conjuntura ideológica, característica de uma formação social.

Essa perspectiva teórica é marcada pela filiação de Pêcheux a Althusser, cuja obra aponta que o processo de assujeitamento dos indivíduos dá-se a partir dos Aparelhos Repressivos de Estado e dos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE). Como exemplos de AIE, que se relacionam a elementos dessa pesquisa destacamos o AIE partidário, AIE sindical, AIE midiático. Eles dizem respeito à constituição e às condições de produção do discurso político aqui focalizado. Ainda segundo o autor, as ideologias não se compõem apenas de ideias, mas de práticas. Por outro lado, os AIE são a expressão das condições ideológicas de transformação das relações de produção. Elas não podem e nem devem ser consideradas como aparelhos repressivos. Antes, devem ser entendidas como aquilo que permite ao sujeito se veicular, ou seja, a assumir uma determinada posição enquanto sujeito do discurso. Dessa forma, o que distingue os AIE's dos Aparelhos Repressivos do Estado é que este funciona pela violência, ao passo que aquele age por meio da ideologia. Althusser vê, então, no sistema social, dispositivos, os AIEs, que, ao serem acionados, tendem a assegurar as classes dominantes no poder e têm como finalidade manter e gerar a reprodução social. Nesse sentido, podemos compreender com Althusser que os AIE, sendo ideológicos, provocam uma sujeição dos indivíduos a essas ideologias. Vale ressaltar, que o sujeito não percebe sua sujeição, pois essas ideologias são constituídas por crenças que o faz aceitar as estruturas sociais existentes como boas, necessárias e desejáveis.

Dentro desse panorama, Pêcheux reconhece que, no processo discursivo, a posição dos sujeitos é resultante das formações imaginárias cuja função é designar o lugar que destinador e destinatário atribuem a si mesmos e ao outro, ou seja, apontar a imagem que cada um faz do seu próprio lugar e do lugar do outro, abrindo perspectivas para antecipar, por essa visão imaginária, as representações do receptor com vistas à criação de estratégias de discurso. Isso estabelece o que Pêcheux (1997) chama de jogo de imagens, obtido por meio de expressões / sentenças e respectivas questões com as quais se visualiza o imaginário das condições de produção de um discurso,

as condições de produção a partir da ação das regras e normas que os interlocutores estabelecem entre si e dos lugares determinados que ocupam na formação social, funcionando assim uma série de formações imaginárias que designam os lugares que interlocutores atribuem a si mesmos e ao outro.(PÊCHEUX, 1997, p.83).

Esquemáticamente, podemos pensar: 1) a imagem do lugar de A para o sujeito colocado em A, com a pergunta “*Quem sou eu para lhe falar assim?*”; 2) a imagem do lugar de B para o sujeito colocado em A, com a pergunta “*Quem é ele para que eu lhe fale assim?*”; 3) a imagem do lugar de B para o sujeito colocado em B, com a pergunta “*Quem sou eu para que ele me fale assim?*”; 4) a imagem do lugar de A para o sujeito colocado em B, com a pergunta “*Quem é ele para que me fale assim?*”.

Nessa perspectiva, o conceito de formações imaginárias é de fundamental importância para entender o funcionamento do discurso político. É através desse funcionamento que são fabricadas as imagens que sustentam os propósitos de convencimento e persuasão dos políticos. Acerca das posições-sujeito assumidas pelo político e da identificação do interlocutor com o mesmo, é interessante destacar o que aponta Osakabe:

Parece que a melhor forma de se saber qual a imagem que o locutor pensa que o ouvinte faz dele é a de tentar saber a quais imagens, enquanto candidato, o locutor insiste em atender. Isso porque é na insistência em atender a essa imagem que se pode explicitar essa própria imagem (OSAKABE, 1999, p.82).

Assim, a somatória dos valores ideológicos constitui o imaginário que designa o lugar que os sujeitos do discurso se atribuem mutuamente. Nas palavras de Pêcheux, “um discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas”. (PÊCHEUX, 1997, P.77).

As noções teóricas até aqui apresentadas estão correlacionadas com toda a análise do *corpus* que realizaremos nos próximos capítulos. Vale ressaltar que outras noções teóricas serão abordadas quando se fizerem necessárias.

No próximo capítulo, faremos algumas considerações acerca da vida de Lula, perpassando por sua infância, sua trajetória sindical, até sua chegada ao cargo mais elevado na esfera política nacional, o de presidente da república. O objetivo desse histórico é o de traçar um perfil da vida desse político com o propósito de caracterizá-lo

social e politicamente. A partir dessa trajetória histórica buscaremos compreender os cenários discursivos, entendidos nesta pesquisa como o espaço de interlocução no qual vem à tona o discurso político de Lula. Diante desse cenário discursivo, procuraremos, através dessa retomada biográfica, entender a formação de sua identidade e a partir disso identificar com que FD o sujeito compactua no período histórico que compreende da sua função de líder sindical à presidente da república.

5 LULA: DE SINDICALISTA A PRESIDENTE DA REPÚBLICA – CONSTITUIÇÃO E DESLOCAMENTOS DO SUJEITO DISCURSIVO

Neste capítulo enfocaremos a constituição de Lula como sujeito discursivo a partir da posição na qual ele se inscreveu em dois momentos marcantes de sua trajetória histórica – sindicalista a presidente da república –. Assim, iremos analisá-lo na tentativa de compreender sua constituição a partir desses espaços ocupados. Consideraremos os deslocamentos sofridos por esse sujeito e as consequências e transformações que se efetivaram a partir dos espaços ocupados por ele.

Luiz Inácio Lula da Silva, nasceu em Garanhuns, Pernambuco no ano de 1945. É o sétimo filho de Aristides Inácio da Silva e Eurídice Ferreira Mello. Após seu nascimento, seu pai decide migrar para São Paulo a procura de melhores condições de vida. Essa mudança repentina do pai fez com que Lula o conhecesse aos cinco anos de idade, quando Aristides retorna a Pernambuco para visitar a família.

Depois disso, Aristides novamente deixa a família para trabalhar na estiva do porto de Santos, carregando sacas de café. Somente anos depois, sua esposa juntamente com os filhos decide fazer o mesmo trajeto percorrido pelo marido.

Em 1952, ainda criança, Lula viajou com sua mãe e os seis irmãos para a cidade de São Paulo. A viagem feita em um pau-de-arara – caminhão que transporta pessoas de uma cidade a outra –, durou treze dias.

Pouco depois de chegarem a São Paulo, seus pais se separaram. Morou na periferia e, para sobreviver, vendia tapioca nas ruas.

Aos 15 anos, consegue uma vaga no curso de torneiro mecânico, oferecida pelo SENAI. Durante o curso, trabalha na Fábrica de Parafusos Marte. Logo após o término do curso, passa a integrar o quadro de operários da Villares (empresa metalúrgica), em São Bernardo do Campo, município da Grande São Paulo.

Em 1969, Lula é convidado a participar da diretoria do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Metalúrgicas e de Material Elétrico de São Bernardo e Diadema.

Com o passar do tempo, já em 1972, Lula⁸ novamente é chamado a compor a diretoria. Vejamos abaixo, a propaganda da chapa da diretoria e convite para solenidade de posse da mesma:

eleição 1972

Chapa Verde

— ONTEM ESPERANÇA, HOJE CERTEZA —

M30007

ELEIÇÕES DIAS
21, 22 e 23 de
Fevereiro de 1972



Paulo Vidal



Sinal Aberto

CHAPA DE REALIZAÇÕES, PROGRESSO E LUTA DOS TRABALHADORES

Companheiros:

Ná três anos vocês compareceram às urnas, elegendo a atual diretoria do Sindicato. Naquela época, a CHAPA VERDE representava a esperança de uma direção honesta e moralizadora para uma entidade. Então, trabalhamos dia e noite para cumprir um programa de redenção de nossa categoria. Cumprimos quase integralmente o programa apresentado e realizamos muitas outras coisas fora dele. Portanto, esta diretoria, que ontem era uma esperança, hoje é uma certeza.

Certamente, muitos companheiros sabem que a atual diretoria, quando empossada, encontrou nosso Sindicato em uma situação verdadeiramente calamitosa. Para que se tenha uma idéia, basta dizer que assumimos com uma dívida de mais de sessenta milhões de cruzeiros antigos. A primeira coisa, portanto, foi pôr a casa em ordem, recuperar as finanças. Foi um trabalho duro e sem publicidade. Hoje, podemos colher bons frutos.

Acontece que alguns diretores desonestos e incapazes começaram a atrapalhar a diretoria. Uns abandonaram o cargo, outros tiveram de ser mandados de volta para as fábricas, pois não faziam, e não ser em benefício próprio. Mas, para não ficarem mal com os associados e esconderem o verdadeiro motivo de sua volta à fábrica, começaram uma campanha de calúnias e injúrias contra a diretoria. Você certamente já os conhece. Com certeza já ouviu comentários em sua fábrica e muitos já receberam até visitas em suas casas. É a campanha suja. A maior dificuldade disso é que não têm coragem de falar "cara a cara" pois seriam desmascarados. Por isso, falam por detrás. A única vez em que tiveram a ousadia de levar críticas à assembleia, foi uma verdadeira vergonha: tropezaram, gaguejaram e conseguiram apenas o repúdio de categoria. Vocês os conhecem bem. Hoje eles formaram a chapa da oposição.

Enquanto os cães ladram, a caravana passa", diz o ditado popular. Não, no meio de todas as calúnias, continuamos a trabalhar, sem espulhato, sem demagogia.



Rubens Teodoro
de Arruda



Luis Inácio da
Silva



Geraldo Costavo
P. Lima



Nelson Campinho



Anacleto Coltri



Antenor Biocatti

Propaganda da chapa
Boletim de divulgação da Chapa Verde
Sind. ABC 1972

Figura 3: Fonte: www.abcdeluta.org.br

⁸ A documentação inserida nesta parte da dissertação (recorte de jornais, panfletos de greve, volantes de eleição, fotografias, convites) não será objeto de uma análise específica; pretende apenas ilustrar parte do trajeto político de Lula em termos de seu registro no Sindicato e na Imprensa.

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de São Bernardo do Campo e Diadema	
<p>CONVITE</p> <p>A nova Diretoria do Sindicato, eleita nos dias 21, 22 e 23 de fevereiro do corrente ano, para administrar os destinos da entidade no triênio 1975/75, convida o precado companheiro e excelentíssima família, para participarem da solenidade de posse, que será realizada no dia 21 de abril de 1975, no Ginásio do Esporte Clube S. Bernardo à Rua Marechal Deodoro, 880, centro de São Bernardo do Campo.</p> <p>PROGRAMA</p> <p><u>Dia 21 de Abril de 1975</u></p> <p>19,00 hs. - Início das Solenidades, com a formação da Mesa Diretora e execução do Hino Nacional;</p> <p>19,30 hs. - Posse dos novos diretores eleitos;</p> <p>20,30 hs. - Ala Cívica em homenagem a Tiradentes "Mártir da Independência" e Patrono dos Trabalhadores Metalúrgicos;</p> <p>21,00 hs. - Palavra livre às autoridades presentes;</p> <p>21,30 hs. - Será oferecido um Coquetel aos presentes;</p> <p>22,00 hs. - Baile de Posse.</p> <p>A sua presença nas solenidades será o fator mais importante. Por isso o qualificamos como o mais importante e esperamos contar com a vossa honrosa presença, acompanhado da excelentíssima família.</p> <p>Vamos iniciar um mandato juntos, para podermos realizar tudo o que os trabalhadores precisam.</p> <p style="text-align: right;">A. DIRETORIA</p>	<p>DIRETORIA</p> <p>Efetivos</p> <p>Paulo Vidal Neto Rubens Teodoro de Arruda Nelson Campanholo Luiz Inácio da Silva Anacleto Celmi Geraido Cestivo Pereira de Lima Antenor Biolozzi</p> <p>Suplentes</p> <p>Antonio Joaquim Figueredo Espirídio Cardoso Campos Devanir Ribeiro Benedo Moraes Aparecido Gripa Joaquim Vicente de Oliveira Vale Volcov Filho</p> <p>CONSELHO FISCAL</p> <p>Efetivos</p> <p>Antonio Fernandes Pina João Justino de Oliveira José Roberto Mori Machado</p> <p>Suplentes</p> <p>João Lima dos Santos Orlando Galina Pereira José Francisco de Barros</p> <p>DELEGADOS NO CONSELHO DA FEDERAÇÃO</p> <p>Efetivos</p> <p>Alicio Antonio da Silva José Ferreira de Souza</p> <p>Suplentes</p> <p>Samuel Souza dos Santos Luiz dos Santos</p>

Convite para solenidade de posse da diretoria do sindicato
Sind. ABC 21/04/1972

Figura 4: Fonte: www.abcdeluta.org.br

Para Paraná (2009), Lula, “aquele que antes era um jovem inexperiente já havia se constituído numa liderança sindical promissora, respondendo, como primeiro-secretário, pelo setor de previdência social da entidade”. (PARANÁ, 2009, p. 27)

Em 1975, a nova eleição da diretoria do sindicato coloca Lula na presidência da instituição. Recordemos abaixo, o panfleto circulado na época para a composição da chapa única:

COMPOSIÇÃO DA CHAPA ÚNICA

DIRETORIA

EFETIVOS

PAULO VIDAL NETO
 RUBENS TEODORO DE ARRUDA
 LUIZ INACIO DA SILVA
 NELSON CAMPANHOLO
 GERALDO CESTAVO PEREIRA DE LIMA
 LUIZ DOS SANTOS
 ANTENOR BIOLCATTI

EMPRESA

— Molins do Brasil S/A
 — Mercedes Benz do Brasil S/A
 — Industrias Villares S/A
 — Karmann Ghia do Brasil S/A
 — Chrysler do Brasil S/A
 — Volkswagen do Brasil S/A
 — Ford Brasil S/A



SUPLENTES

JOSE ROBERTO MORI MACHADO
 DEVANIR RIBEIRO
 SEVERINO ALVES DA SILVA
 ADÃO PRIMO DE OLIVEIRA
 LUCIANO GARCIA GALACHE
 SALVADOR VENANCIO
 SILAS APARECIDO DOS SANTOS

— Mercedes Benz do Brasil S/A
 — Volkswagen do Brasil S/A
 — Saab - Scania do Brasil S/A
 — Resil S/A
 — Ford Brasil S/A
 — Volkswagen do Brasil S/A
 — Mercedes Benz do Brasil S/A

CONSELHO FISCAL

EFETIVOS

JOÃO JUSTINO DE OLIVEIRA
 ANTONIO JOAQUIM FIGUEIREDO
 VASILE VALCOV FILHO

— Ford Brasil S/A
 — Brastemp S/A
 — Chrysler do Brasil S/A

SUPLENTES

HELENO CORDEIRO OLIVEIRA
 DIALMA DE SOUZA BOM
 JAIME BARROS VIANA

— Volkswagen do Brasil S/A
 — Mercedes Benz do Brasil S/A
 — TRW Gemmer S/A



CONSELHO DE REPRESENTANTES DA FEDERAÇÃO

EFETIVOS

PAULO VIDAL NETO
 ORLANDO GALINA PEREIRA

— Molins do Brasil S/A
 — Ford Brasil S/A

SUPLENTES

JOEL FARIA DE CAMARGO
 JOÃO CARLOS DE MOURA

— Volkswagen do Brasil S/A
 — Motores Perkins S/A



VOTE NO TRABALHO DA ATUAL DIRETORIA

ATENÇÃO: Ao votar coloque o "X" nos 3 quadradros

Panfleto para composição da chapa única
 Sind ABC 1975

Figura 5: Fonte: www.abcdeluta.org.br

Ainda nessa época, por meio da atuação de Lula e de outros sindicalistas, surge o chamado “novo sindicalismo”, diferente do que antes era caracterizado como clientelismo e assistencialismo sindical. Diante desse contexto,

Lula retoma antigas lutas em defesa dos interesses dos trabalhadores: remuneração salarial digna, garantia de emprego e melhores condições de trabalho eram algumas de suas reivindicações. O sindicato abre suas portas, assume uma nova dinâmica, leva as assembleias para o local de trabalho dos operários, amplia o quadro de sindicalizados e também os horizontes da enorme massa de trabalhadores que representa. (PARANÁ, 2009, p. 27).

Em 1978, eclodiu a primeira greve de destaque no cenário político nacional. O Sindicato dos Metalúrgicos juntamente com os trabalhadores somaram forças e desafiaram o regime autoritário e iniciaram as paralisações por melhores condições de vida e de salários. Vejamos abaixo uma página de jornal e uma foto que marcaram a época:

Operários da Scania entram em greve

Toda a produção da Saab-Scania, foi paralisada ontem, das 7 às 17 h., em virtude da greve feita pelos operários, reivindicando um aumento salarial de pelo menos 20% a mais do que o índice de 39% estabelecido pelo governo para o mês de abril. A direção da empresa convocou, às pressas, uma reunião com o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, Luiz Inácio da Silva, pedindo para que interferisse junto aos trabalhadores, orientando-os para que retornassem ao serviço. Mas, o líder sindical recusou a proposta, durante o encontro realizado às 13 h., no Holiday Inn Hotel. Também a Ford Brasil sofreu, mais uma vez, paralisação em um de seus setores, durante 20 minutos. Notícias não confirmadas davam conta de que ontem igualmente na Volkswagen do Brasil e na indústria de vidros Wheaton os funcionários pararam suas atividades.

Os operários, como de costume começaram a sair às 17:30 h., sendo abordados pela imprensa. A maior parte se recusava a comentar a greve, nem negando, nem confirmando. Mas, alguns declararam que a greve havia sido limpa, isto é não havia acontecido qualquer bagunça ou quebra-quebra e que isso demonstrava claramente o espírito de amadurecimento e organização a que haviam chegado.

Um dos operários disse que havia se assustado quando ao receber seu salário no último dia 10 e constatou que o aumento não tinha sido praticamente nada em relação ao mês anterior. Os funcionários da Scania receberam antecipação salarial em novembro (10%) e janeiro (5%), e devido a compensação no reajuste de 39%, restou-lhes apenas aumento de 24%. Entre eles muitos falavam em 20%, outros em 25% e outros até em 30%, mas todos concordavam que o índice de 39%, dado pelo governo, não representava as necessidades da classe e que não correspondia ao aumento do custo de vida.

Os operários da Saab-Scania, do setor de produção - quase 2.500 - paralisaram ontem suas atividades reivindicando aumento de 20 a 25%, além do índice de 39% estipulado pelo governo para o mês de abril. A greve, que teve início às 7h. da manhã começou na fábrica A, onde fica o setor de usinagem, ferramentaria, manutenção e protótipo após os funcionários baterem o ponto. Logo o gesto foi seguido pela fábrica B, que abrange controle, pintura e jato, tendo sido em poucos minutos paralisado todo o setor de produção da empresa, somente não participando os funcionários do escritório, cozinha e vigilância. A diretoria da Saab-Scania, através de seu gerente de Comunicação Richard Speyer, declarou que por decisão superior não se comentaria o assunto e acrescentou: "É duro, porque eu não gosto de ficar sem falar".

observar o silêncio dentro da indústria. Os operários caminhavam tranquilos de um lado para outro, sem nunca formarem grupos, mas dando a nítida impressão de que não estavam exercendo atividade nenhuma. Enquanto se aguardava qualquer informação oficial da empresa, alguns de seus funcionários, que pelas roupas não deviam ser operários, começaram a circular com o *minhocão*, novo modelo de ônibus articulado em teste, pela fábrica e em suas ruas laterais, tentando chamar a atenção da imprensa.

As 16:20 h., chegou à fábrica o delegado Regional do Trabalho, Vicius Ferraz Torres, que subiu à diretoria onde permaneceria em reunião até as 17 h. No caminho perguntou a alguns operários o que estava acontecendo, recebendo a resposta de que não havia nada. O delegado insistiu, dizendo que as máquinas não estavam trabalhando, pois não ouvia ruído algum, o que foi respondido com uma risada de um dos funcionários.

Não foi permitida a entrada da imprensa em qualquer dependência da fábrica, porém em frente ao portão de entrada da diretoria podia se

Trabalhadores da Scania entram em greve/ DGABC 13/05/78

Figura 6: Fonte: www.abcdeluta.org.br



Trabalhadores da Scania entram em greve/ 1978

Figura 7: Fonte: www.abcdeluta.org.br

Em 1979, repete-se a experiência grevista do ano anterior, porém, desta vez, a greve é de toda a categoria metalúrgica, trata-se de uma greve unificada. O sindicato através de sua representatividade abre um leque de discussões por melhorias salariais e condições de trabalho. Assim, conseguiam se reunir em assembleias compostas de até 150 mil pessoas. A partir da união, os trabalhadores demonstravam mais organização o que levou a protestarem durante 15 dias. Recordemos abaixo, panfletos que circularam na época para a convocação dos trabalhadores nas campanhas em prol da greve e a repercussão que tiveram na mídia através dos principais veículos de comunicação da época:



Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de São Bernardo do Campo e Diadema

Rua João Basso, 121 Telefone 452 3922 - Centro - S.B.Campo

Companheiros da FORD (turma noturna)

REUNIÃO SEGUNDA FEIRA 9 HORAS

A vitória nesta Campanha Salarial é uma questão de honra para todos nós.

Não podemos nos contentar com as migalhas - que os patrões e o governo querem dar. O custo de vida não permite que nós trabalhadores nos demos ao luxo de cruzar os braços e correr para casa assistir televisão.

É hora de luta e de organização da classe trabalhadora. Se a gente se acomodar o aumento vai ser aquela mixaria de sempre.

Vamos nos preparar. Desta vez os trabalhadores da FORD precisam dar uma lição de unidade e espírito de luta.

Você está convocado !

REUNIÃO PREPARATÓRIA DA CAMPANHA SALARIAL
DIA 05 DE MARÇO DE 1979, ÀS 9:00 HORAS

Local: Sede do Sindicato, Rua João Basso, 121
Centro - SBC

A Diretoria

Convocação dos trabalhadores da Ford para discutir a campanha
Sind. ABC 05/03/79

Figura 8: Fonte: www.abcdeluta.org.br

Patrões podem evitar greve de metalúrgicos

Nessa última semana o movimento sindicalista dos metalúrgicos tomou rumos definitivos com a fixação da data de início da greve, a partir da zero hora da terça-feira, caso os patrões não apresentem até amanhã, às 18 h, um acordo que satisfaça aos empregados. Os sindicatos da categoria do interior, mais precisamente do Grande ABC, já decretaram a greve e começaram a mobilização. Eles querem que o movimento tenha os mesmos resultados do que ocorreu no mês de maio do ano passado.

Amanhã à noite todos os sindicatos terão suas assembleias, dando ciência aos empregados de tudo o que ocorreu, bem como dos resultados das negociações que serão realizadas hoje, entre os representantes dos metalúrgicos e dos patrões na Fiesp. Segundo o presidente do Sindicato de Santo André, Benedito Marçilio, os patrões continuam irredutíveis e, definitivamente, apresentando até amanhã, um acordo.

Os trabalhadores estão reivindicando 21 itens, sendo os principais: aumento de 34,1% acrescido do índice oficial de abril; piso salarial igual a três salários mínimos vigentes; estabilidade para delegados sindicais na proporção de um para cada grupo de 500 empregados; Os patrões durante as negociações ofereceram apenas 5%, de aumento para aqueles que ganhavam até três salários mínimos; 54% para a faixa de três a sete salários; 50% para os de oito a 10 salários; e apenas o índice para os demais. O aumento pro-

posto por dia é o mesmo oferecido aos metalúrgicos de São Paulo, Guarulhos e Osasco, durante a greve de novembro último.

Todos os sindicatos da região estão em assembleia permanente com diretores em plantão para atender os trabalhadores. Ontem o Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema realizou duas sessões para atender o pessoal que trabalha à noite. Hoje, às 9 h, o Sindicato de Santo André, realizou uma assembleia com os empregados da Pirêli.

Os metalúrgicos que têm data base em junho, querem a mudança da mesma para o mês de abril, para coincidir com os demais. A firma concordou com a mudança, mas pretende dar o aumento que foi fixado no dia-dito, dividido em 10/12 anos. Durante a assembleia, os empregados da Pirêli poderão optar também pela paralisação.

São Caetano

Com objetivo de orientar a população, o Sindicato dos Metalúrgicos de São Caetano, começou a distribuir desde ontem, nas ruas do Município, um boletim explicativo a respeito da mobilização. "Ao povo de São Caetano - Não trabalhadores metalúrgicos envolvidos com o nosso sindicato de classe, neste momento difícil, semimo-nos na obrigação de dirigir ao povo uma palavra de esclarecimento sobre a nova campanha de 1979" - diz o início do documento.

Ao esclarecer a população o boletim diz

que a campanha visa exclusivamente reivindicar os direitos por um salário mais justo, além de assegurar garantia de emprego a todos os trabalhadores, melhores condições de higiene e segurança no trabalho, garantia de emprego ao empregado acidentado no serviço, estabilidade para o mulher gestante.

Com respeito aos empregadores, o boletim declara que a classe patronal, como nas vezes anteriores, não está atendendo os reclamos dos operários e afirma: "Desta forma, os trabalhadores metalúrgicos de São Caetano, em legítima defesa de seus direitos legais, inclusive constitucionais, desobedeceram aos patrões, caso os patrões não atendam suas reivindicações, até o dia 12 de março, segunda-feira, entrarão em greve, a partir do dia 13 a zero hora.

O secretário geral do Sindicato, Antonio Alberti, diz que além desse boletim à população, está sendo distribuído outro aos trabalhadores nas portas das fábricas.

Esse boletim esclarece o motivo da greve e dá algumas instruções de como o trabalhador deve proceder. As recomendações são as seguintes: Não entre na fábrica para trabalhar, venha direto para o sindicato, evite pressão por parte da chefia; não tome conduta da empresa e não dê atenção a qualquer tipo de provocação; cedeu com boicote ou patifeiro estranhos ao nosso movimento. O boletim adverte que os informes do sindicato tem a rubrica do assinatura do presidente.

Metalúrgicos deflagram greve em toda a região

Mais de 200 mil metalúrgicos do Grande ABC decidiram, em assembleias realizadas em seus sindicatos ontem à noite, entrar em greve a partir de zero hora de hoje. A decisão foi votada por milhares de operários que lotaram ontem as dependências dos três sindicatos, espalhando-se também pelas ruas próximas, após rejeitarem a proposta dos empregadores feita à tarde na sede da Fiesp, em São

Paulo. Os empregadores propuseram 63% de aumento para aqueles que ganham de um a três salários mínimos; 57% para aqueles de três a 10 mínimos, com base em abril de 1978, compensados os aumentos das greves de maio do ano passado. O piso salarial foi fixado pelos patrões em Cr\$ 3.204,00, equivalente a Cr\$ 13,35 por hora.

Multidão aprova por unanimidade

Estavam 15 minutos para as 21 h, quando o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André, Benedito Marçilio da Silva, sob os gritos de greve da multidão que lotava as dependências da entidade à rua Siqueira Campos, 722 e ruas das proximidades, declariou a paralisação geral. Imediatamente, foram formadas comissões de fábrica para fazer piquetes e, a partir de zero hora de hoje, impedir que funcionários iniciem os trabalhos.

Antes de declarar a greve, Marçilio apresentou o relatório das negociações com os patrões na Fiesp - Federação das Indústrias do Estado de São Paulo - e a contraproposta oferecida: 63% de aumento para aqueles que ganham de um a três salários mínimos; 57% para aqueles de três a 10 salários, com base em abril de 1978, compensados os aumentos das greves de maio do ano passado. O piso salarial foi fixado pelos patrões em Cr\$ 3.204,00, equivalente a Cr\$ 13,35 por hora.

Os metalúrgicos queriam 34,1% acrescido do índice oficial do mês de março, no qual atingira um percentual de aproximadamente 37,1%, e um piso salarial igual a três salários mínimos vigentes e a vigência da convenção coletiva no período de abril a

outubro deste ano para igualar a data-base com os sindicatos da capital, Guarulhos e Osasco. Os patrões aprovaram a vigência do acordo de abril deste ano até 31 de março de 1980. Prometeram ainda: antecipação salarial de 12% em setembro deste ano e 12% em janeiro de 1980, tendo como base abril de 1979.

Entre as cláusulas corretivas, durante as negociações ficou aprovada a garantia de emprego ao acidentado e ao empregado admitido para a mesma função de outro dispensado sem justa causa, de igual salário ao do empregado de menor salário na função, sem considerar vantagens pessoais.

Explicações

Antes de declarar oficialmente a greve, Benedito Marçilio, explicou por diversas vezes a proposta dos patrões e afirmou constantemente, que tudo dependia da assembleia. No pequeno piquete do sindicato, a multidão cercou os diretores, que se mostravam muito nervosos e não sabiam qual a posição a ser tomada.

Muitos trabalhadores calavam cartazes e faixas e gritavam pedindo a decretação da greve. "Companheiros vamos fazer uma greve pacífica, sem violência. Vamos mostrar aos patrões que estamos organi-

zados e conscientes da nossa responsabilidade" - afirmou Marçilio, sobre uma mesa, abarçado pelo tesoureiro-geral do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, Djalma de Souza Bom, que veio trazer sua solidariedade.

Antes de dar por encerrada a reunião, os diretores do Sindicato apelaram para que os trabalhadores não deem atenção a qualquer tipo de provocação nem causem depreciação ao patrimônio industrial. "Na greve de maio, os trabalhadores entraram na fábrica e ficaram com as máquinas desligadas. Agora, vamos fazer diferente: não vamos entrar nas fábricas" - declarou o tesoureiro Ernesto Sengier.

O vice-presidente Francisco das Chagas Barros, diz que a categoria na base territorial do Sindicato, ou seja, Santo André, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra, conta com cerca de 60 mil trabalhadores. "Hoje (ontem), antecipando a decretação da greve, paralisaram suas atividades os funcionários da firma Pellicioni & Cia, em Santo André, num total de 11 pessoas e mais 100 da Inoa, de Capuava" - fala Francisco - acrescentando que isso significa uma demonstração de união da categoria.

Patrões podem evitar greve
11/3/1979

Metalúrgicos deflagram greve
13/3/1979

Figura 9: Fonte: www.abcdeluta.org.br

Luís Inácio pede voto de confiança por 45 dias

É este o discurso em que Luís Inácio da Silva pediu aos metalúrgicos que voltassem ao trabalho a partir de hoje, dando-lhe um voto de confiança para negociar as reivindicações da categoria dentro de 45 dias:

“Companheiros: Vocês sabem perfeitamente bem que a regra do jogo se inverteu de quinta-feira para cá. Vocês sabem que eu fiquei praticamente dois dias sem manter nenhum contato com os trabalhadores, porque o meu Sindicato sofreu uma intervenção federal e foi lamentável a intervenção federal. Vocês sabem que a diretoria do Sindicato e a Comissão de Salários está com vocês — e eu volto a repetir — até as últimas consequências.

“Já não há mais com quem negociar, já não existe mais diretoria do Sindicato. Então, ontem, em conversa com o dr. Maurício, eu pedi para que o dr. Maurício representasse os trabalhadores, ao invés de o interventor representar os trabalhadores. E pedi também, depois de colocada junto ao ministro, a possibilidade de que, através da CNBB, de dom Cláudio, da Diocese do ABC, também fosse mediador e representante dos trabalhadores metalúrgicos. Existe uma proposta que eu gostaria que os companheiros meditassem. A coisa se inverteu de tal forma que existem hoje três coisas importantes, existem hoje três coisas fundamentais. Eu não estou falando como presidente de direito, mas me sinto no direito de falar como presidente de fato, como representante dos trabalhadores. Existem, hoje, três coisas fundamentais: a primeira delas é a garantia da volta à normalização do nosso Sindicato, que nunca foi livre. Nós vimos, esta semana, o Sindicato tomado por cachorros policiais. Existe uma outra coisa mais importante ainda — que é a reabertura das negociações, o que quer dizer, é que alguém vá negociar pelos trabalhadores, porque nós temos 11% em jogo, não vamos abrir mão desses 11%. E há uma outra coisa a ser feita: nós queremos receber nossos dias. É ponto de honra para a gente voltar a trabalhar. Já há promessas de que dia 10 do mês que vem não será descontado nada. Já há promessas.

“Eu gostaria de ser curto e grosso para vocês; curto e grosso e me comprometer com vocês, aqui, em uma coisa. Estão dizendo que nós, trabalhadores, somos radicais; de que há, da nossa parte, a insensibilidade e de que nós não queremos negociar. Em primeiro lugar, nós queremos negociar. Eu quero, aqui, aí, é um voto de confiança que eu peço para vocês, trabalhadores; é um voto de confiança. Primeiro, eu tenho a certeza absoluta de que o nosso Sindicato vai para a normalidade, dentro de um determinado prazo; eu acho que não vai demorar por 45 dias. Em segundo lugar, eu tenho certeza absoluta de que as nossas horas serão pagas. Também tenho a certeza absoluta de que nós, trabalhadores, faremos, isto eu prometo, prometo é palavra de honra, de que nós faremos um acordo melhor do que aquele que foi feito pela Federação dos Metalúrgicos. Prometo para vocês que nós faremos um acordo muito melhor do que este que está feito e que a gente vai recuperar os nossos 11%. A única coisa que eu peço para vocês, e venho a assumir o compromisso em nome da minha diretoria, é que, se não vier isso que a gente está discutindo aqui, hoje, nós paramos outra vez.

“É uma coisa importante, companheiros, outra coisa importante que eu quero assumir na frente de todos vocês, que estiveram com a gente durante todo esse tempo, é que, se eu e a minha diretoria fracassarmos, eu venho aqui, no meio de vocês, e me retiro, de uma vez por todas, como representante de vocês. Então, o pedido que eu faço para vocês é um favor, é um voto de confiança que eu peço a vocês, para não dizerem que nós somos radicais; para não dizerem que nós somos radicais, nós vamos aceitar o pedido do governo. Vamos voltar a trabalhar. E se não for cumprido o nosso pedido, nós paramos. E eu assumo o compromisso com vocês, eu mesmo decreto a greve outra vez.

“O que nós precisamos provar às autoridades, à opinião pública em geral e aos empresários é que nós queremos. E que nós somos maduros o suficiente e que nós vamos voltar a trabalhar e que nós, se não fomos atendidos, todos nós já sabemos o que fazer de manhã e faremos tudo outra vez. Eu quero pedir a vocês e a todos os presentes em nome pessoal e em nome da minha diretoria: para que tudo isso seja possível, companheiros, nós vamos dar uma demonstração ao Brasil e ao mundo

—, nós vamos voltar ao trabalho amanhã. Nós vamos receber o nosso pagamento integral dia 10. E eu tenho certeza absoluta de que até o dia 10 de maio, que é o dia do primeiro pagamento com aumento, nós já receberemos o pagamento com aumento.

“Companheiros, eu volto a pedir para vocês o seguinte: eu vou ser claro e eu gostaria que vocês entendessem — eu disse a vocês, desde o primeiro dia, e ninguém pode dizer que eu não falei isto, que o dia que eu achasse importante a gente volta a trabalhar, eu teria a coragem de chegar aqui e dizer: companheiros, vamos voltar a trabalhar. Eu disse, desde o primeiro dia, e eu faço questão de dizer para vocês o seguinte: para mim, a maior consagração pessoal seria eu ser preso e ser torturado, e para vocês trabalhadores. Agora, eu peço a todos os companheiros: me deem apenas um voto de confiança e nós teremos o nosso sindicato de volta e teremos o nosso aumento de salário, teremos as nossas horas pagas e teremos a garantia de que os trabalhadores não serão mandados embora por causa da greve.

“Companheiros, o problema é o seguinte: a partir de hoje, a gente tem 45 dias. O que eu me comprometo com vocês é que a diretoria que foi destituída, mas que ainda é a diretoria de vocês, soltará um comunicado para vocês, dizendo: companheiros, não veio aumento e vamos parar outra vez. Olha, companheiros, me parece que 45 dias dá dia 12 do mês que vem. A assembleia será convocada antes. Não será nesse dia. A assembleia terá de ser convocada antes. E eu tenho a certeza absoluta de uma coisa: o prefeito nos cederá o campo dessa vez. Então, a gente pode marcar uma assembleia aqui, nem para o dia 11, nem para o dia 12, mas eu vou marcar uma assembleia para o dia 10 de maio, aqui neste mesmo campo. O que eu quero dizer para vocês é o seguinte, companheiros: eu prometo a vocês que nós ganharemos essa vitória. Agora, precisamos provar que nós não somos radicais, que nós queremos negociar.

“Eu não tenho dúvida nenhuma de que, com um novo chamamento (companheiros, está na hora de parar) todo mundo para outra vez. Eu queria pedir agora aos companheiros, queria primeiro pedir aos companheiros: se quiserem dar um voto de confiança à minha diretoria, por favor levantem a mão. Companheiros, eu queria pedir a vocês o seguinte: eu tinha certeza absoluta, da mesma forma que eu confiava em vocês, eu tinha certeza de que vocês confiarão na gente. Quando o domingo de manhã, eu fui à missa e disse a vocês que a diretoria reassumiu o comando da greve e por isso eu tinha fé em Deus e tinha fé em vocês de que vocês atenderiam ao chamamento da coisa. E isto aconteceu, companheiros. Agora eu queria pedir para vocês o seguinte, amanhã, na hora de retornarmos ao serviço, todos nós vamos de cabeça erguida. E eu e a diretoria vamos voltar para a fábrica junto com vocês. O dr. Maurício vai tratar da minha volta para a Villares, eu vou voltar para a Villares e todos os diretores vão voltar para a Mercedes. Todo mundo vai voltar para a fábrica até ser resolvido isso. Enquanto isso, o dr. Maurício e o dom Cláudio representarão a nós, trabalhadores. E eu não tenho dúvida nenhuma de que os dois saberão honrar, com muita dignidade, a classe trabalhadora metalúrgica.

“O que é importante todos terem em mente, é necessário é que a gente mantenha a chama acesa. Nós somos os vitoriosos — chegar à empresa de cabeça erguida, amanhã. E que essa greve sirva de demonstração para os patrões nunca mais, nunca mais duvidarem da classe trabalhadora, que ninguém, nunca mais,ouse duvidar da capacidade de luta dos trabalhadores. Eu gostaria de encerrar, companheiros, dizendo o seguinte: Olhem, companheiros, não vamos discutir hora-extra aqui. É importante vocês entendam que não precisamos fazer hora extra. Agora, companheiros, eu volto a repetir: vocês não se arrenderão um instante por esse voto de confiança que vocês deram à diretoria do Sindicato. Eu continuo dizendo para vocês: Eu estou junto com vocês e volto a repetir, para terminar esta assembleia — é necessário dar a vida para a gente ganhar isso eu darei a minha vida em nome desta classe. E eu gostaria que nós encerrássemos isto aqui pedindo ao dom Cláudio que viesse aqui para que a gente terminasse isto da forma que começamos: fazendo um Pai-Nosso, todo mundo de mãos dadas!”

Lula pede voto de confiança por 45 dias
OESP 28/3/79

Figura 10: Fonte: www.abcdeluta.org.br

Metalúrgicos mantêm greve

Mais de 6 mil metalúrgicos da Capital, reunidos em assembleia geral no Cine Piratininga, decidiram ontem de manhã prosseguir com a greve deflagrada na última segunda-feira, mantendo a sua reivindicação inicial de 83 por cento sobre os últimos salários, e marcaram uma nova assembleia para 16 horas de hoje (considerado o "dia D" da greve) na rua do Carmo, em frente à sede do sindicato. Além disso, após a assembleia de hoje, os metalúrgicos presentes pretendem se dirigir em passeata até a Catedral da Sé para assistir à missa de sétimo dia às 19 horas, em intenção da alma do companheiro Santo Dias da Silva, de acordo com deliberação do plenário.

Dos cinco oradores que falaram ao plenário, em nome dos respectivos comandos regionais (Sul, Norte, Leste, Oeste e Sudeste), quatro propuseram a continuidade da greve como forma de pressionar a classe empresarial a voltar à mesa de negociações e aumentar a sua oferta, baseando os seus argumentos na ampliação do movimento, registrada na última quinta-feira, particularmente na zona Sul. Apenas o representante da zona Norte, alegando que o índice de paralisação alcançou apenas 30 por cento (10 mil dos 30 mil operários existentes na área), esquivou-se de apresentar uma proposta, afirmando que o comando regional acataria as decisões da assembleia.

MENSAGEM DA VIÚVA

Durante a assembleia, sob muitos aplausos, uma representante do Movimento Custo de Vida leu uma mensagem de Ana Maria do Carmo Silva, viúva do metalúrgico Santo Dias da Silva, que foi morto na última terça-feira em Santo Amaro. A mensagem da viúva conchava os operários a "continuarem a luta até o fim, até a vitória".

Uma das principais testemunhas oculares da morte do metalúrgico Santo Dias da Silva, o operário Vicente, da Vilares, conhecido como "Espanhol" denunciou as distorções sobre o incidente, veiculadas por diversos jornais. A assembleia deliberou que, caso continue ocorrendo esse tipo de distorções, os repórteres, fotógrafos ou cinegrafistas dos órgãos de imprensa que distorcem a realidade dos fatos serão impedidos de assistir às assembleias da categoria.

O presidente do sindicato, Joaquim dos Santos Andrade, por sua vez, foi inter-



Lula esteve na assembleia de ontem dos metalúrgicos de Guarulhos.

pelado por um dos representantes do comando regional da zona Sul, que lhe cobrou uma posição clara sobre a greve, criticando suas entrevistas sistemáticas à imprensa dando um quadro pessimista da greve, numa tentativa de influir negativamente no ânimo da categoria.

GUARULHOS

Em Guarulhos, cerca de

2.500 metalúrgicos compareceram à assembleia que deliberou a continuação do movimento. Esteve presente Luis Inácio da Silva, o Lula, presidente do Sindicato de São Bernardo, levando o apoio de sua entidade aos grevistas.

INQUÉRITO

A partir das 14 horas prossegue no Degran a tomada de

depoimentos sobre a morte do operário Santo Dias da Silva. Às 19 horas será celebrada missa de 7.º dia na Catedral da Sé.

Os comandos setoriais da greve dos metalúrgicos realizaram ontem à tarde diversas reuniões, organizando os piquetes que atuarão a partir da madrugada para estimular a manutenção da greve.

Metalúrgicos matem greve
FSP 05/11/79

Figura 11: Fonte: www.abcdeluta.org.br

Respondendo duramente com repressão policial e outros artifícios, o governo militar e empresariado tentam conter as paralisações. Tais artifícios corresponderam a

prisões de sindicalistas, interrogatórios, chantagens, entre outros. No mês de março do mesmo ano, o Ministério do Trabalho considerou a greve ilegal, o que acarretou o afastamento de Lula e sua diretoria por dois meses do sindicato. Vejamos a repercussão na mídia através de um dos jornais de circulação da época:



TRT julga greve FSP 15/04/1980

Figura 12: Fonte: www.abcdeluta.org.br

No mês de abril de 1980, Lula, incansavelmente continua na liderança do Sindicato dos Metalúrgicos, e lidera mais uma greve da categoria. Tendo uma duração recorde de 41 dias. Contando com 270 mil assalariados, a paralisação espalhou-se por todo o estado de São Paulo. Recordemos abaixo os panfletos de convocação para as assembleias em função das campanhas salariais:

CAMPANHA SALARIAL

UMA MINORIA PRIVILEGIADA VIVE ÀS CUSTAS DA MISÉRIA, DO SUOR E DO SANGUE DOS POBRES. COMO MUDAR? SÓ COM UNIÃO E LUTA!

CHEGOU A HORA!

VAMOS MATAR A NOSSA SEDE

LUTAREMOS POR:

1. 15% DE AUMENTO REAL
2. 40 HORAS SEMANAIS
3. REPRESENTAÇÃO SINDICAL NA EMPRESA
4. GARANTIA DE EMPREGO

ASSEMBLÉIA DECISIVA
DIA 30 DOMINGO ÀS 10 HORAS
 NO ESTÁDIO DE VILA EUCLIDES
 (O ESTÁDIO DOS TRABALHADORES)

SUA PRESENÇA É INDISPENSÁVEL, VENHA E TRAGA SUA FAMÍLIA

QUEBRE-QUEBRE

Panfleto convoca categoria para assembleia decisiva / Sind. ABC 1980

Figura 13: Fonte: www.abcdeluta.org.br

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de São Bernardo do Campo e Diadema
 (Fundado em 12-5-59 Recorrido pelo I.T.P.S. em 12-4-61 Carta expedida em 9-6-61 D.O.U. em 22-7-61)
 Rua João Basso, 121 Cx. Postal 294 Telefone 452 3922 CEP 09700
 Centro São Bernardo do Campo Ext. S. Paulo

CAMPANHA SALARIAL

COMPANHEIROS E COMPANHEIRAS

TÁ CHEGANDO A HORA DA ONÇA BEBER ÁGUA!

MADA DE HORA EXTRA!

SERÁS JULGADO!!!

Neste ano, não vamos deixar barato. A experiência nos ensinou que se não criarmos um clima de guerra, se não houver mobilização, receberemos menos do que o aumento do custo de vida. Os metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema já não aceitam mais este tratamento. EXIGIMOS RESPEITO. Neste ano queremos conquistar:

- 1- AUMENTO REAL DE 15% SOBRE O ÍNDICE DO CUSTO DE VIDA (INPC)
- 2- GARANTIA NO EMPREGO E SEMANA DE 40 HS, SEM REDUÇÃO NO SALÁRIO
- 3- REPRESENTAÇÃO SINDICAL NA EMPRESA, COM ESTABILIDADE
- 4- CONTROLE DAS CHEFIAS
- 5- REAJUSTE TRIMESTRAL

GRANDE ASSEMBLÉIA NO ESTÁDIO DE VILA EUCLIDES (O ESTÁDIO DOS TRABALHADORES) DIA 16 DE MARÇO - DOMINGO - ÀS 10 HORAS DA MANHÃ

Venha e traga a sua família

A DIRETORIA

Panfleto reafirma principais reivindicações e convoca assembleia Sind. ABC 1980

Figura 14: Fonte: www.abcdeluta.org.br

Novamente entram em cena o governo militar e o empresariado com repressões ao movimento. Desta vez, além da cassação da diretoria, Lula é detido 31 dias no Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), enquadrado na Lei de Segurança Nacional. Vejamos algumas imagens para lembrar esse contexto histórico:

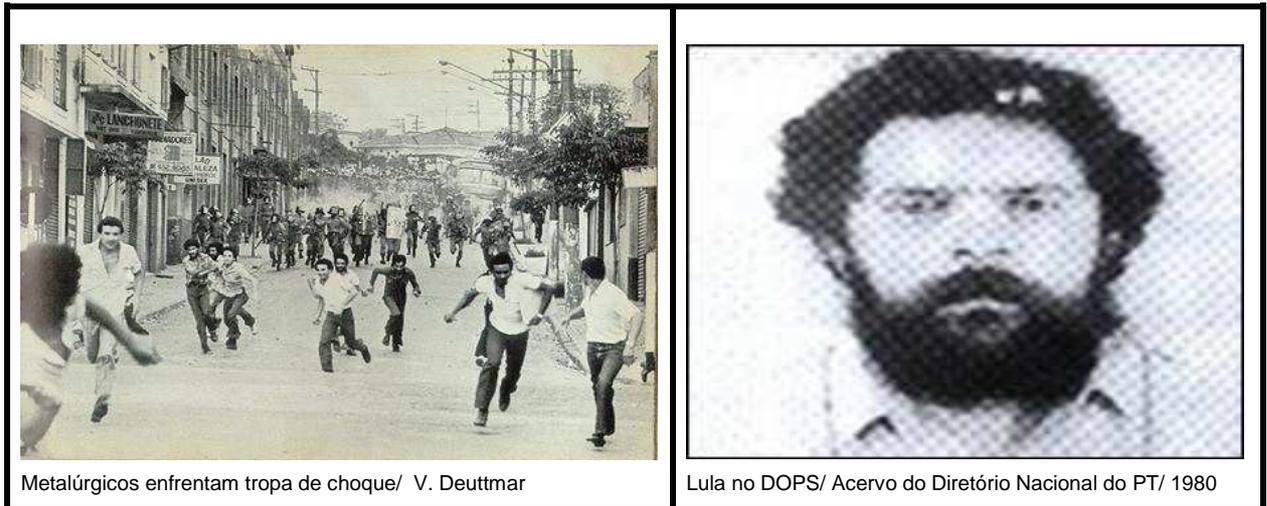


Figura 15: Fonte: www.abcdeluta.org.br



Figura 16: Fonte: www.abcdeluta.org.br

Em novembro de 1981, Lula foi condenado pela Justiça Militar a três anos e seis meses de prisão. Mas, no ano seguinte, em abril o processo é anulado pelo Superior Tribunal Militar.

Em 1980, Lula, juntamente com sindicalistas, intelectuais, representantes da Igreja progressista, militante de grupos de esquerda e de movimentos populares, entre outros, fundam o Partido dos Trabalhadores. No dizer de Paraná (2009),

O partido que ficaria conhecido como “PT” nasce num delicado momento de transição política da ditadura militar – que já não tinha mais fôlego para se sustentar – para a democracia. Aparecendo no cenário político brasileiro como uma inovação, o PT se constitui como um partido ligado à defesa dos interesses das classes trabalhadoras e dos marginalizados da esfera política. O PT nasce a partir da crença de que a transformação social do país só será possível se vier do povo, se tiver sua origem nas bases da sociedade. (PARANÁ, 2009, p.28).

Diante disso, o partido criado no seio do movimento sindical modifica a forma tradicional de fazer política no país e abala os alicerces da conservadora elite política.

No ano de 1982, ocorre a primeira eleição participativa do Partido dos Trabalhadores. O PT elege oito deputados federais, 12 estaduais e 78 vereadores. Em 1985, o partido conquista a prefeitura de uma capital, o município de Fortaleza. Na eleição seguinte, em 1986, sua bancada federal dobraria, somando 16 parlamentares.

Ainda na década de 1980, especificamente em agosto de 1983, Lula funda com outros sindicalistas, a CUT (Central Única dos Trabalhadores). Nesse momento, fortalecia uma central em prol dos interesses dos trabalhadores sem a tutela do estado.

No ano seguinte, 1984, Lula, à frente do PT, lança um comitê suprapartidário que realiza campanhas por eleições diretas para a Presidência da República. A campanha passa a ser subsidiada por outros partidos políticos e, embora não vitoriosa, mobiliza milhões de pessoas em todo país.

Depois disso, Lula candidata-se ao cargo de governador, mas, em 1982, perde a eleição. Na eleição seguinte, candidata-se a uma vaga na Câmara Federal, vence e torna-se o líder da bancada do Partido dos Trabalhadores.

Em 1989, após 29 anos sem eleições diretas para a Presidência da República do Brasil, Lula alcança o segundo turno das eleições presidenciais, tomando a frente Brasil Popular, uma coligação entre o Partido dos Trabalhadores, o Partido Socialista Brasileiro e o Partido Comunista do Brasil, sendo apoiado no segundo turno por um amplo leque de forças progressistas.

Lula perde por uma diferença de 6% dos votos válidos para seu opositor, Fernando Collor de Mello, que depois de eleito sofre o processo de *Impeachment*, e renuncia para não perder os poderes políticos.

Na eleição seguinte, em 1994, Lula candidata-se novamente ao cargo de presidente, mas perde no primeiro turno para Fernando Henrique Cardoso. Esse por sua vez, era um ex-ministro que acabava de deixar o poder após realizar um vitorioso projeto de controle da inflação, definido como *Plano Real*. Mantendo uma coligação aos partidos mais conservadores do país, Fernando Henrique Cardoso repete o resultado das urnas, na eleição presidencial que se seguiu em 1998, reelegendo-se presidente já no primeiro turno.

Em 2002, Lula concorre pela quarta vez à Presidência da República. No primeiro turno, o PT constrói uma significativa aliança capital-trabalho com outras forças partidárias, entre elas o PL, o PC do B, o PMN, e o PCB. O candidato petista vai para o segundo turno com o candidato do PSDB, José Serra. Lula conquista a vitória com 61% dos votos válidos contra 38,7% de seu adversário, que por sinal, era apoiado por Fernando Henrique Cardoso.

A vida política de Lula comparada a de outros presidentes apresenta um diferencial, pois ele é o primeiro presidente sem formação militar ou universitária do Brasil. Outra característica é o seu partido político fundado por sindicalistas e intelectuais de esquerda, que consegue participar pela primeira vez do cargo público de maior prestígio do país – Presidente da República –.

Diante dessa exposição acerca da trajetória histórica de Lula que de certa forma influenciou discursivamente a posição-sujeito que abriga seu discurso, interessa-nos agora, compreender como é composto o funcionamento do discurso de Lula (DL), veiculado primeiramente a uma FD Sindicalista evidentemente marcada pelo acontecimento histórico da eclosão das greves do ABC paulista em 1978 entendendo tal discurso como inscrito em uma posição-sujeito no interior da FD Sindicalista migra para outra ligada à política partidária que se configurou em uma FD representativa dos saberes políticos.

Nesse sentido, julgamos válido analisar o processo de identificação política do sujeito enunciador Lula, a partir de fragmentos de entrevistas do presente *corpus* da

pesquisa que marcam as posições do sujeito enunciador Lula como: i) apolítico/político?; ii) sindicalista; iii) político (sobre diferentes temáticas).

5.1 Lula – sujeito apolítico/ político

FRAGMENTO 01
<p>ENTREVISTADOR – Você me perdoa, mas acho que você não pode ter isenção política, pois é óbvio que como dirigente sindical você tem uma posição definida (...)?</p> <p>LULA – Não. Tanto é verdade que isso não é verdade, que em época de eleições a gente tem se definido, não por partidos, mas pelo homem. Eu digo que sou apolítico... tenho que continuar falando que sou apolítico. Pra me filiar a um partido ele teria que afinar comigo. Quando falo que não sou da ARENA nem do MDB é porque não sou mesmo. (...) Prefiro preparar a classe trabalhadora pra saber optar...</p> <p>ENTREVISTADOR – Mas qual é a opção política para o momento? Figueiredo como coisa estabelecida ou Magalhães que pode rachar?</p> <p>LULA – Já pensou na facilidade que nós brasileiros temos de nos amoldar dentro do que os outros determinam pra gente? Determinaram dois caras e nós, ao invés de estarmos brigando por eleições diretas, estamos discutindo qual o mais viável. Essa nossa facilidade de nos amoldar é que faz com que as coisas continuem como estão. Pra mim seria melhor aquele no qual o povo brasileiro votasse, fosse militar, civil, preto, branco, amarelo! (Fragmentos de entrevista ao Pasquim, 24 a 31 de março de 1978 – In Lula: Entrevistas de Discursos, p.33 – 34).</p>
FRAGMENTO 02
<p>ENTREVISTADOR – Você está afastado da fábrica desde 1972. Que fará quando terminar seu mandato? Você se candidataria?</p> <p>LULA – Meu mandato termina daqui a três anos. Ainda nem tomei posse no novo período. Mas, de qualquer forma, nunca pensei em me candidatar a nada. Não tenho vocação política (...). (Fragmentos de entrevista ao Visão, 03/04/78 – In Lula: Entrevistas de Discursos, p.49)</p>
FRAGMENTO 03
<p>ENTREVISTADOR – Com a popularidade de que desfruta no momento, você tem alguma pretensão política para o futuro?</p> <p>LULA – Não tenho pretensão política. Isto eu faço questão de deixar bem claro, eu quero dizer que a única coisa que aprendi a fazer na minha vida foi ser torneiro mecânico, e estou tentando aprender a ser um bom dirigente sindical. Não tenho pretensões políticas, não sou filiado a partido político e tenho certeza de que jamais participaria da vida política, porque eu não sirvo para político. (Fragmentos de entrevista ao Programa Vox Populi, TV Cultura, maio de 1978 – In Lula: Entrevistas de Discursos, p. 55)</p>

Quadro 2: Fragmentos de entrevistas concedidas por Lula.

Os fragmentos acima nos permitem pensar como o sujeito enunciador Lula inscrito em uma FD Sindicalista abarca, de modo geral, os saberes e a demanda da classe trabalhadora. Lula, enquanto sujeito discursivo, opõe-se ao governo militar, aos patrões e também aos partidos políticos da época (ARENA e MDB). Nesses referidos fragmentos, notamos que o sujeito enunciador Lula pronuncia, a partir de um determinado “imaginário discursivo”, que supostamente circulava na época em alguns segmentos da sociedade tais como os: sindicais e partidários. As atividades sindicais tinham como função atuar no campo das relações coletivas de trabalho e quando necessário à utilização de meios que buscassem solucionar conflitos coletivos. Sendo proibido naquela época o envolvimento de sindicalistas as atividades político-partidárias. Essas por sua vez, eram desempenhadas em decorrência de vinculação a partido político, como, por exemplo, a participação em campanhas de candidatos a postos eletivos, exercício de cargos ou funções nos órgãos dos partidos políticos.

Por essa razão, os enunciados oriundos das FDs sindicalistas buscam demarcar certa isenção política, como por exemplo: “*não gosto de política*”; “*não tenho partido*”; “*voto pela pessoa e não em partido*” etc. Podemos ainda pensar em um sujeito enunciador que se faz alheio a *política* ou ao *político*, - *Prefiro preparar a classe trabalhadora pra saber optar* - bem como, pensar que ser apolítico, na FD em que o discurso de Lula está inscrito, produzisse o efeito de sentido de maior autenticidade sindical - *estou tentando aprender a ser um bom dirigente sindical*.

Os fragmentos dessas entrevistas ainda nos permitem fazer uma outra leitura se compreendermos que o sujeito Lula, ao enunciar: *...não tenho vocação política...a gente tem se definido, não por partidos, mas pelo homem...*, estava conscientemente cumprindo um ritual de legalidade, instaurado pela legislação sindical vigente que, na época, proibia o envolvimento sindical com partidos políticos. Estamos certos de que Lula sabia da necessidade de marcar, formalmente, um posicionamento de desvinculação com os partidos políticos, em razão das restrições impostas pela Ditadura Militar, embora mantivesse laços estreitos com a facção autêntica do MDB. Assim, naquelas condições de produção do discurso, mostrar a posição política poderia ser motivo de divergências internas no movimento, o que poderia até causar enfraquecimento nas lutas do movimento sindical.

Em uma outra parte do fragmento 01, quando Lula afirma: *Eu digo que sou apolítico... tenho que continuar falando que sou apolítico...*, esse funcionamento discursivo produz um efeito de sentido que aponta para o que na FD sindicalista, lhe é permitido ou lhe convém dizer. Mesmo que seja inconscientemente, esse sujeito enunciador foi assujeitado à formação discursiva e diante daquela situação, “sabe” o *que pode e deve dizer* tendo em vista os interesses dos trabalhadores sindicalizados.

Podemos ainda reconhecer que *apolítico*, na FD em que o discurso de Lula está inscrito, não significa não estar envolvido com a *política*, como prática social, nem com o *político*, como representação das forças políticas, entendida como prática social, podemos dizer que esse sujeito está engajado em ações próprias do campo da política e do político, tais como sua própria atuação como líder sindical, liderança que o legitima como porta voz sindical.

Ainda no fragmento 01, é possível perceber, pelo viés do acontecimento enunciativo, certa isenção política de Lula que é marcada pela divergência com a organização partidária no país: “(...) *para me filiar a um partido político ele teria que se afinar comigo...*” Com esse posicionamento, o sujeito busca compactuar suas ideias com as de um partido próprio, contrapondo-se aos partidos existentes (ARENA e MDB) anunciando: *Prefiro preparar a classe trabalhadora pra saber optar (...)*. Nesse sentido, Lula posiciona-se politicamente, pois sabe, como “todo político”, o que é bom para a classe trabalhadora. Em relação a essas divergências de posicionamentos de Lula, vale lembrar o que escreve Orlandi (1999, p. 20): “as FDs determinam uma posição, mas não a preenchem de sentido – as formações discursivas são constituídas pelas diferenças, pelas contradições, pelo movimento”.

Diante do que foi exposto, o efeito de sentido produzido pelo funcionamento discursivo de Lula não o sustenta como um sujeito enunciador despolitizado, pois o mesmo não só toma parte da *ação*, como lidera, tornando-o um sujeito marcadamente político; *ao invés de estarmos brigando por eleições diretas, estamos discutindo qual o mais viável. (...). Pra mim seria melhor aquele no qual o povo brasileiro votasse, fosse militar, civil, preto, branco, amarelo!* (Frag. 01)

Nesse sentido, é possível verificar que o sujeito enunciador Lula, na medida em que toma posição no e pelo discurso, se constitui como um sujeito político. Esses

recortes ainda nos permitem compreender como que esse sujeito que se dizia apolítico, marca desde o início, sua identificação com a política através de práticas sociais desenvolvidas junto ao movimento sindical. Isso é um dos fatores que nos conduziu ao título dessa dissertação “Lula: a entrevista política”, pois acreditamos que, independentemente da posição ou contexto histórico de Lula, as entrevistas concedidas por ele são marcadamente políticas.

5.1.1 Lula – sindicalista e político

O próximo recorte discursivo é marcado pela conjuntura histórico-social da criação do PT (Partido dos Trabalhadores). Esse recorte discursivo nos permitiu compreender como o discurso de Lula passa a se identificar com novos saberes da política partidária, visto que anteriormente (fragmentos 01 -03) o mesmo se declarava apolítico.

Também nessa conjuntura histórico-social, a posição-sujeito em que o discurso de Lula está inscrito é reconfigurada, pois passa a acolher não só os trabalhadores sindicalizados, mas os petistas, trabalhadores de outros segmentos, estudantes e demais pessoas da sociedade. Em toda essa movimentação, os saberes são (re)construídos, o que provoca o alargamento das fronteiras entre a FD discursiva sindicalista para a FD eminentemente política. Vejamos:

FRAGMENTO 04

Entrevistador: A criação de um partido de trabalhadores é, historicamente inclusive, uma proposta nova, talvez a única dentro do quadro da reforma partidária. A nível da organização interna, o que se pretende fazer para garantir uma democrática e efetiva participação das bases no processo decisório?

Lula: Primeiro é preciso entender que a prática da democracia se diferencia de um grupo para outro. O pessoal que compõe hoje o movimento pela criação do PT tem consciência que somente a democracia interna do partido pode dar a sustentação necessária para que ele efetivamente se afirme como um partido novo. Porque se fosse para se criar uma coisa pura e simplesmente da mesma forma como sempre foram criadas as coisas no Brasil, de um grupo de pessoas impondo uma idéia sem aceitar que ela seja discutida, não haveria razão de existir a proposta do partido. Internamente, então, o PT pretende que, desde as reuniões da Comissão Nacional até reuniões do pessoal de base para discutir a criação de núcleos e diretórios, o processo de decisão se dê através de um debate amplo e livre para que as pessoas escolhidas para determinadas funções representem não o resultado de conchavos, mas o consenso de qualquer reunião realizada dentro do PT.

Entrevistador: Agora, na medida em que a base do partido são os sindicatos, essa proposta nova não pode esbarrar numa legislação trabalhista velha e castradora?

Lula: Eu não estou muito preocupado com o que a legislação trabalhista ou a legislação eleitoral vai permitir ou não. Eu acho que a gente conseguirá mudar as coisas nesse país a partir do momento em que a gente avançar. Quer dizer, cada vez que a gente avançar a gente consegue ocupar um espaço, uma posição que a classe trabalhadora até então não tinha ocupado. Agora, é preciso dizer que o PT não é um partido exclusivamente calçado no movimento sindical. Existe sim um grupo de dirigentes sindicais que até hoje está na cabeça do movimento, mas que tem consciência de que o PT é muito mais do que isso. Não basta o apoio de um grupo de sindicatos, mas da classe trabalhadora como um todo. Agora, nós sabemos que o governo tem a pretensão ou ao menos tinha quando fez a lei, de não permitir a criação de muitos partidos...

Entrevistador: E na própria lei há uma linha que parece especialmente dedicada ao PT, que é aquela que não permite a criação de partidos representativos de uma determinada classe...

Lula: E, não estamos criando um partido de operários, de metalúrgicos, mas um partido dos trabalhadores brasileiros, porque o nosso conceito de trabalhadores é muito amplo. Nós englobamos profissionais liberais, professores, e vários outros segmentos da sociedade que direta ou indiretamente vivem subordinados ao regime de salário. Então, nós estamos descaracterizando esse negócio de partido operário de que tanto o governo tem medo.

Entrevistador: A principal argumentação de certos setores contra a criação de um PT é que existe uma grande diferença entre uma liderança sindical e uma liderança política de caráter nacional. O que você pensa dessa linha de argumentação, que atinge e visa diretamente a sua figura? Enfim, o que se diz é que você não teria jogo de cintura política para organizar um partido.

Lula: (...) Eu acho que efetivamente há uma diferença muito grande entre a atividade sindical e a atividade política. Mas eu acho que nós temos que provar que é possível fazer as duas com honestidade e decência, coisa pouco usada no Brasil e pela classe política.

Entrevistador: A pretendida democracia interna do partido (...) não estaria em risco na medida em que o PT ainda está centrado muito em torno da sua figura?

Lula: (...) efetivamente, é ruim para o partido quando ele fica centralizado em torno da imagem de uma pessoa. Por outro lado, eu acho que seria burrice o partido não tentar tirar proveito da imagem das pessoas mais conhecidas dos partidos a nível nacional. Então, se eu estou sendo usado como garota propaganda do PT e isso é bom para o partido, que eu continue sendo usado. Agora, também é preciso mostrar que o PT não é só Lula. Temos companheiros da maior grandeza, que teriam até mais condições do que o Lula de cumprir essa função.

(Fragmentos de entrevista à Tribuna da Imprensa, 12/02/80 – In Lula: Entrevistas de Discursos, p. 246-250).

FRAGMENTO 05

Entrevistador: (...) Fundar um partido, entrar para a política, o trabalhador não deve entender isso como uma traição? Você não está passando para o “lado de lá”?

Lula: Foi a necessidade de participação política dos trabalhadores que me levou a essa posição. Até o ano passado fui a pessoa mais apolítica que existe nesse país. Veja que ninguém mais do que eu contestou a corrupção, o modo de fazer política no Brasil. Entretanto, eu acho que estou pagando e vou pagar um preço pelo puritanismo com que eu defendia minha categoria. Até um determinado momento eu achava que nós não deveríamos participar em nada que viesse tirar os trabalhadores desse puritanismo; mas, depois de fazer um dos mais belos movimentos da classe trabalhadora que já se fez

neste país, a gente percebeu que a classe política não estava sensível aos nossos problemas, que os partidos políticos não tinham tomado uma posição em relação à greve. Nem tinham se manifestado em relação a nenhum grande problema nacional que nós enfrentamos durante os anos de arbítrio. Então cheguei à conclusão de que a classe trabalhadora não poderia pura e simplesmente chegar na época das eleições e dar seu voto às pessoas que se fantasiavam de trabalhadores para pedir seu voto, oferecendo, às vezes, favores. Daí porque eu entendi que os trabalhadores precisavam se organizar politicamente. Pra mim tá claro que a classe trabalhadora foi, e é ainda hoje, a que pagou por todos os erros dos governantes e das ostentações políticas desse país.
(Fragmentos de entrevista concedida à apresentadora de rádio e televisão Xênia Bier e publicada na Revista Especial em abril de 1980– In Lula: Entrevistas de Discursos, p.259).

Quadro 3: Fragmentos de entrevistas concedidas por Lula

O acontecimento histórico marcado pela fundação do Partido dos Trabalhadores (PT) abre espaço para que o sujeito enunciativo do discurso de Lula assumira uma posição política atuante. É importante compreender como funciona esse discurso de Lula, quando esse sujeito passa a admitir tanto o político, entendido como representação das forças políticas que atuam na sociedade, como a política, entendida como prática social, no caso, a ação da política partidária. É preciso reconhecer que nesse processo de ruptura, Lula não se desvincula da FD dos trabalhadores brasileiros, mas, não enuncia mais da mesma posição-sujeito. O que pode ser percebido nos fragmentos 04 e 05:

(...) Eu acho que efetivamente há uma diferença muito grande entre a atividade sindical e a atividade política. Mas eu acho que nós temos que provar que é possível fazer as duas com honestidade e decência, coisa pouco usada no Brasil e pela classe política.

Foi a necessidade de participação política dos trabalhadores que me levou a essa posição. Até o ano passado fui a pessoa mais apolítica que existe nesse país. Veja que ninguém mais do que eu contestou a corrupção, o modo de fazer política no Brasil.

Esses fragmentos nos permitem perceber que a mudança discursiva do sujeito-enunciador Lula, transpondo-se de uma FD sindicalista para outra ligada à política, teve como marco decisivo à fundação do Partido dos Trabalhadores. Esse processo motivou a inserção, na FD que ainda comandava o seu discurso, enunciados como: *“(...) foi a necessidade de participação política dos trabalhadores que me levou a essa posição (...) fui a pessoa mais apolítica que existe nesse país, e ainda temos: é possível fazer as duas (atividade sindical e política) com honestidade.* Esses enunciados ainda nos permitem concordar com o que diz Cazarin:

[...] o sujeito enunciador do discurso, afetado pela FD e sustentado pelas condições de produção, passa a enunciar saberes até então não possíveis. Importa observar que esse sujeito faz uma espécie de balanço de sua própria trajetória: o dirigente que se *dizia apolítico* descobre-se, forja-se como *um sujeito da política* por meio da participação nas greves do ABC paulista – assume-se com tal e aponta para as conquistas da classe e para as vantagens que esta tem de se organizar partidariamente em defesa de seus próprios interesses, daí o PT. Esse funcionamento discursivo permite entender a transformação e reorganização dos saberes da posição-sujeito e da FD em que o DL está inscrito (CAZARIN, 2005, p. 149-150).

É importante observar como funciona também a ressignificação do discurso de Lula através de uma delimitação que faz esse sujeito sobre a posição dos trabalhadores nessa nova posição assumida.

(...) não estamos criando um partido de operários, de metalúrgicos, mas um partido dos trabalhadores brasileiros, porque o nosso conceito de trabalhadores é muito amplo. Nós englobamos profissionais liberais, professores, e vários outros segmentos da sociedade que direta ou indiretamente vivem subordinados ao regime de salário. Então, nós estamos descaracterizando esse negócio de partido operário de que tanto o governo tem medo. (Fragmento 04)

Em fragmentos anteriores, o item lexical *trabalhadores* assumia o significado de: trabalhadores metalúrgicos, operários ou classe trabalhadora. A partir do momento que a luta deixa de ser apenas sindical, passando a ser também uma luta pelo poder político, a discursividade da posição-sujeito se transforma e Lula passa a acolher todos os trabalhadores, não só os operários, nem apenas os metalúrgicos “(...) *nosso conceito de trabalhadores é muito amplo*”. Além do mais, Lula, em outras condições de produção do discurso, reconfigura sua posição mostrando que o PT, além de ser um partido de *trabalhadores brasileiros*, é de todos os que vivem de salário.

Com isso, podemos também entender que Lula produz um efeito de sentido de antecipação ao discurso do outro.

Pêcheux menciona que: “Cada um sabe prever onde seu ouvinte o espera – é esse jogo imaginário que funciona no discurso”. (PÊCHEUX, 1997, p. 77-78). Nesse sentido, compreendemos que a noção de antecipação é constitutiva do discurso e entendida como o momento em que o sujeito detentor do discurso experimenta o lugar do ouvinte a partir de seu próprio lugar, enquanto sujeito do discurso constituído pelo jogo das formações imaginárias.

No discurso em análise, o sujeito enunciador antecipa uma resposta à outra discursividade em circulação na exterioridade de seu discurso e que, se levadas em conta às condições histórico-sociais da época, pode ser reconstituída pelo viés do interdiscurso, como percebido no seguinte enunciado: “... O PT é um partido operário, um partido de classe – dos trabalhadores metalúrgicos...”. (Fragmento 04)

Nesse fragmento discursivo, Lula mostra que está em jogo o político, entendido como representação das forças políticas presentes nessa discursividade. Podemos notar que mesmo havendo ampliação das fronteiras da FD (sindicalista – política), Lula apresenta um discurso regulado pelo *que pode, o que deve e o que convém ou não ser dito*.

Em outro fragmento, Lula diz:...*Então, “nós estamos descaracterizando esse negócio de partido operário de que tanto o governo tem medo”*. (Fragmento 04). Nesse fragmento, Lula, enquanto sujeito discursivo, afetado pelos saberes da FD em que está inscrito, enuncia o que convém explicitar naquelas condições histórico-sociais “*Não é um partido operário*”, ou seja, não é um partido de classe. Esse discurso de Lula ainda reativa a memória de toda uma discursividade anterior relacionada aos partidos operários⁹, que eram combatidos por segmentos sociais e políticos da época. No fragmento “*(...) de que tanto o governo tem medo*” (Fragmento 04) produz também um efeito de sentido de antecipação, pois o sujeito discursivo Lula tem medo de que o governo identifique o PT com um partido operário ou com um partido comunista ou de classe que agiam na clandestinidade, por isso convém descaracterizar “*esse negócio de partido operário*” para mostrar que o PT não se encaixava nesses tipos de partidos (operário, comunista e de classe).

Compreender a transformação da FD sindicalista de Lula nos permite perceber como esse sujeito enunciador, num curto período determinado pelas condições histórico-sociais, assume a importância da participação dos trabalhadores nas atividades políticas. Essa mencionada transformação mostra como o discurso de Lula através da criação do PT, (re) elabora sua discursividade, colocando-se no contraponto

⁹ Vale mencionar que, naquela época os partidos operários no Brasil estavam proibidos de atuar segundo a legislação trabalhista.

da política institucionalizada até então vigente na época. Vejamos os próximos fragmentos:

Porque se fosse para se criar uma coisa pura e simplesmente da mesma forma como sempre foram criadas as coisas no Brasil, de um grupo de pessoas impondo uma idéia sem aceitar que ela seja discutida, não haveria razão de existir a proposta do partido. (Fragmento 04)

a gente percebeu que a classe política não estava sensível aos nossos problemas, que os partidos políticos não tinham tomado uma posição em relação à greve. Nem tinham se manifestado em relação a nenhum grande problema nacional que nós enfrentamos durante os anos de arbítrio. Então cheguei à conclusão de que a classe trabalhadora não poderia pura e simplesmente chegar na época das eleições e dar seu voto às pessoas que se fantasiavam de trabalhadores para pedir seu voto, oferecendo, às vezes, favores. Daí porque eu entendi que os trabalhadores precisavam se organizar politicamente. (Fragmento 05)

Pelos fragmentos acima, é possível perceber que a fundação oficial do PT, além de apresentar-se como um partido inovador no cenário da política brasileira, abre espaço para a participação político-partidária de alguns segmentos da sociedade, na qualidade de trabalhadores brasileiros. Nesses termos, acreditamos que, quando os saberes da posição-sujeito e da FD em que o discurso de Lula está inscrito se reconstróem, ocorre também a reconstrução discursiva do item lexical “trabalhador” que deixa de ser identificado apenas como um equivalente a operário para assumir uma dimensão de agente de produção em sentido amplo. Daí, o espaço reivindicado por Lula para o PT – Partido dos Trabalhadores –.

Assim, à medida que os saberes do discurso de Lula (re)configuram-se, a identificação do sujeito enunciator com o PT se processa de tal forma que produz o efeito de sentido de que esse sujeito (Lula) é “igual ou maior” do que o próprio PT, o que pode ser comprovado pelo seguinte fragmento:

Então, se eu estou sendo usado como garoto propaganda do PT e isso é bom para o partido, que eu continue sendo usado. Agora, também é preciso mostrar que o PT não é só Lula. Temos companheiros da maior grandeza, que teriam até mais condições do que o Lula de cumprir essa função. (Fragmento 4)

O enunciado acima antecipa uma resposta a algo que está presente na exterioridade da posição-sujeito de Lula. Através da memória discursiva, é possível recuperar no interdiscurso, enunciados circulados na época pelos partidos de oposição e pelos empresários, tais como: “Lula é o garoto propaganda do PT” ou “O PT é o Lula”.

Em AD, essa antecipação discursiva permite entender que o discurso não é fechado e nem é de domínio exclusivo do locutor. Podemos nesses termos, recorrer a outro recorte discursivo:

Veja que ninguém mais do que eu contestou a corrupção, o modo de fazer política no Brasil. Entretanto, eu acho que estou pagando e vou pagar um preço pelo puritanismo com que eu defendia minha categoria. Até um determinado momento eu achava que nós não deveríamos participar em nada que viesse tirar os trabalhadores desse puritanismo; mas, depois de fazer um dos mais belos movimentos da classe trabalhadora que já se fez neste país, a gente percebeu que a classe política não estava sensível aos nossos problemas, que os partidos políticos não tinham tomado uma posição em relação à greve. (Fragmento 05)

O imaginário projetado pelo sujeito enunciador Lula reflete o imaginário que os trabalhadores metalúrgicos tinham dele. Pela memória discursiva é possível recuperar enunciados do tipo: “não se pode misturar sindicalismo com política partidária”. É notável que no interior da FD em que o sujeito enunciador Lula estava inscrito, não convinha dizer-se político, embora demonstrasse pelas ações um sujeito totalmente político. Ainda no que se refere à antecipação podemos recorrer ao enunciado, “...*eu acho que estou pagando e vou pagar um preço pelo puritanismo com que eu defendia minha categoria*”. Nesse enunciado, Lula antecipa uma questão que perseguiu o PT por grande parte de sua história e que lhe fora cobrado na época do primeiro mandato de presidente. Trata-se de certo puritanismo político apregoado pelo PT: como partido da classe trabalhadora ele deveria pautar-se por uma prática íntegra, incorruptível, autêntica, não se misturando com a politicagem praticada por outros partidos políticos. Assim, ele pagaria o preço de ter pregado essa pureza, que nem sempre se sustenta nas relações político-sociais. É importante destacar que ele foi amplamente cobrado por isso, ao fazer acordo com certos partidos políticos.

Na análise deste subcapítulo com o anterior (5.1), percebemos que quando o PT não estava oficializado, o sujeito enunciador Lula mencionava:...*Prefiro preparar a classe trabalhadora prá saber optar*...(Fragmento 01); com a oficialização do PT, Lula passa a dizer:...*Eu sou candidato simplesmente a tentar organizar politicamente a classe trabalhadora*. Observamos que, o sujeito enunciador diante da conjuntura

histórico-social da época¹⁰, ainda não podia ou convinha identificar-se como candidato a cargos políticos partidários. Esse lugar ocupado por Lula legitimava-o a falar de acordo com a posição que ocupava no discurso.

Os fragmentos discutidos nos referidos subcapítulos nos permitiram perceber como Lula, sujeito enunciator do discurso que primeiramente dizia-se apolítico, dadas as circunstâncias da época, (re)elabora seu discurso (embora permaneça também inscrito na FD sindicalista), migra para outra posição-sujeito, com saberes (re) significados e voltados para o campo da política partidária.

O que se nota ainda é que, o processo de identificação política de Lula foi se (re) construindo no processo de avanço do movimento sindical, uma identificação encoberta pela dimensão político-partidária à medida que se concretizava o PT. Vale ressaltar ainda que, a identidade discursiva do sujeito enunciator Lula não é/era algo pronto e acabado, mas é (re) construída no processo discursivo onde instaura uma posição-sujeito e, por conseguinte, uma FD, no caso em questão da FD sindicalista para a FD política.

Mostraremos na próxima seção outros fragmentos de entrevistas de Lula que marcam outras condições histórico-sociais, que apontam para uma nova reconfiguração do processo de identificação do sujeito enunciator Lula – agora na posição de presidente da república – a partir de diferentes temáticas.

5.1.2 Lula – presidente da república

Vimos que o discurso de Lula, no decorrer do espaço-tempo analisado – Lula apolítico/político e sindicalista/petista –, foi sofrendo transformações que se correlacionam não só com a dinâmica de suas condições de produção, mas também com a transformação de saberes e demandas da posição de sujeito e da FD em que o discurso se inscreveu. Diante desse processo, o que se nota é que a identificação

¹⁰ É possível observar que, ao longo do discurso em análise encontramos presente a marca da divergência com uma posição-sujeito tutelada pelo regime militar. O discurso de Lula produz, portanto, o efeito de sentido de denúncia, não só do regime militar como de um segmento do sindicalismo atrelado a esse regime.

política do sujeito enunciador Lula foi se construindo e reconstruindo de acordo com o processo de avanço do movimento sindical, revestindo de uma dimensão político-partidária à medida que se concretizava o PT. Todo esse processo de identificação política do sujeito enunciador Lula tem também a ver com os interesses ligados às condições histórico-sociais, e também com a ideologia, pois essa identificação política se transforma na medida em se modificam as condições histórico-sociais em que esse sujeito enuncia. Essa reconfiguração da discursividade da posição-sujeito e da FD afeta o processo de identificação política do sujeito enunciador do discurso de Lula. Recapitulando, temos um sujeito que se dizia apolítico, passa-se a um sujeito que se identifica com a política partidária e, por último, que se identifica como político – Presidente da República –.

Todo esse processo mostrado acima aponta ainda para a *dispersão* do sujeito Lula e mostra como o mesmo relaciona-se com a forma-sujeito da FD que o afeta e com a qual se identifica. Essa *dispersão* do sujeito também se materializa através das diversas formas de o sujeito se representar no discurso.

Vejamos outros fragmentos de entrevistas concedidas por Lula que comprovam os dizeres acima. Para isso, apresentaremos os fragmentos a partir de diferentes temáticas¹¹: política, greve, classe empresarial e aborto.

Vale ressaltar que a comparação dessas temáticas em épocas diferentes – sindicalista/ político (Presidente da República) –, tende a reafirmar que o sujeito enunciador Lula, em outras condições de produção, manteve-se nas funções enunciativas de líder e porta-voz dos trabalhadores e do PT, passando, no entanto, a enunciar como Presidente da República. Ao reconfigurar seu discurso, na posição de presidente, Lula deixa marcas discursivas que nos permitem perceber divergências entre as referidas temáticas. Passemos às análises nos quadros¹² abaixo para melhor compreensão.

¹¹ É preciso reconhecer que nesse processo de ruptura, Lula não se desidentifica da FD dos trabalhadores brasileiros, mas, não enuncia mais da mesma posição-sujeito.

¹² Os grifos e negritos nos quadros 4, 5, 6 e 7 fazem-se necessários para uma análise posterior no subcapítulo 6.1.1.

TEMÁTICA: POLÍTICA

FD: SINDICALISTA (FD-S)

FRAGMENTO 06

(...) em época de eleições **a gente** tem se definido, não por partidos, mas pelo homem. **Eu** digo que sou apolítico...**tenho** que continuar **falando** que sou apolítico. Pra me filiar a um partido **ele** teria que afinar comigo.

(Fragmentos de entrevista ao Pasquim, 24 a 31 de março de 1978 – In Lula: Entrevistas de Discursos, p. 33-34)

FRAGMENTO 07

Meu mandato termina daqui a três anos. Ainda nem tomei posse no novo período. Mas, de qualquer forma, nunca **pensei** em me candidatar a nada. Não **tenho** vocação política.

(Fragmentos de entrevista ao Visão, 03/04/1978 – In Lula: Entrevistas de Discursos, p. 49)

FRAGMENTO 08

Não **tenho** pretensão política. Isto **eu faço** questão de deixar bem claro, **eu quero** dizer que a única coisa que **aprendi** a fazer na **minha** vida foi ser torneiro mecânico, e **estou** tentando aprender a ser um bom dirigente sindical. Não **tenho** pretensões políticas, não sou filiado a partido político e **tenho** certeza de que jamais participaria da vida política, porque **eu** não sirvo para político.

(Fragmentos de entrevista ao Programa Vox Populi, TV Cultura, maio de 1978 – In Lula: Entrevistas de Discursos, p. 55)

FD: POLÍTICA¹³ (FD-P)

FRAGMENTO 09

(...) **eu aprendi** a fazer política numa época de muita confrontação. Ora com o regime militar que predominava no Brasil, que governava o Brasil, ora com os empresários que se valiam de um momento de autoritarismo para criar dificuldades nas negociações. E **nós aprendemos** a introduzir nessa relação com os empresários um jeito civilizado de fazer negociação. (Fragmentos de Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à Rádio França Internacional (Pierre Ganz), à TV 5 (Slimane Zeghidour) e à Revista Paris Match (Olivier Royant) Palácio do Planalto, 04 de maio de 2005/ p.10. Disponível em: <http://www.info.planalto.gov.br/>)

FRAGMENTO 10

(...) Quando terminar o mandato, **eu vou** voltar a ser o Lula, **vou** morar onde **eu** sempre morei, a 600 metros do meu Sindicato, que é a razão da **minha** entrada na política; **quero** continuar freqüentando “porta de fábrica”, **quero** continuar as coisas que **eu** fazia, porque é o que **aprendi** a fazer. (Fragmentos de Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à Rádio França Internacional (Pierre Ganz), à TV 5 (Slimane Zeghidour) e à Revista Paris Match (Olivier Royant) Palácio do Planalto, 04 de maio de 2005/ p.17. Disponível em: <http://www.info.planalto.gov.br/>)

FRAGMENTO 11

A **minha** prisão deflagrou uma grande onda de solidariedade e aumentou a consciência política do movimento operário. O resultado foi uma derrota econômica e, ao mesmo tempo, uma extraordinária vitória política do movimento dos trabalhadores.” (Fragmentos de Declaração (entrevista) por escrito

¹³ Vale mencionar que, FD Política trata-se de uma FD que reflete a função presidencial, que estaria mais próxima de um FD do Poder de Estado.

concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ao jornal Correio Braziliense, por ocasião das comemorações dos 30 anos de sua posse como presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, Brasília-DF, 18 de abril de 2005/ p. 01. Disponível em: <http://www.info.planalto.gov.br/>)

FRAGMENTO 12

Eu acho que o Senai foi quase tudo na **minha** vida, porque foi graças ao Senai que **eu aprendi** uma profissão, graças ao Senai que **eu** saí do salário mínimo, graças ao Senai que **eu entrei** numa grande indústria, e por entrar numa grande indústria **eu fui** para o sindicato, e por conta do sindicato **eu fui** para a política, e por conta da política **eu virei** presidente da República. **Eu fiz** questão de dizer para os jovens: se **eu**, um torneiro mecânico, formado pelo Senai, **cheguei** à presidente da República, por que **eles** que estão aprendendo profissões muito mais sofisticadas do que **eu aprendi** não podem ser governadores, prefeitos, deputados e Presidente da República? Podem. É só acreditar que **eles** podem. (Fragmentos de Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à TV Indústria Recife-PE, 10 de março de 2006/ p. 01-02. Disponível em: <http://www.info.planalto.gov.br/>)

Quadro 4: Fragmentos de entrevistas concedidas por Lula.

Os fragmentos 06, 07,08 nos permitem compreender que o sujeito Lula quando enunciava em uma posição marcada pela FD sindicalista declarava-se apolítico “... *Eu digo que sou apolítico...*” (Frag.06 – FD-S); “...*Não tenho vocação política...*”(Frag.07 – FD-S); “*Não tenho pretensão política...*”(Frag.08 – FD-S). Apesar desses enunciados marcarem a posição apolítica de Lula, percebemos que o sujeito enunciatador – Lula –, através de práticas sociais desenvolvidas junto ao movimento sindical, convive com o político. Podemos ainda pensar que, *apolitizado*, no caso em análise, significa não identificado com a política vigente daquele momento.

Percebemos que, em um outro movimento do discurso, as sequências discursivas 09,10,11 e 12 apresentam certa divergência com relação a isenção política de Lula.

Vejamos:

(...) eu aprendi a fazer política numa época de muita confrontação. Ora com o regime militar que predominava no Brasil, que governava o Brasil, ora com os empresários que se valiam de um momento de autoritarismo para criar dificuldades nas negociações. (Frag. 09 – FD-P).

(...) Quando terminar o mandato, eu vou voltar a ser o Lula, vou morar onde eu sempre morei, a 600 metros do meu Sindicato, que é a razão da minha entrada na política (Frag. 10 – FD-P)

A minha prisão deflagrou uma grande onda de solidariedade e aumentou a consciência política do movimento operário. O resultado foi uma derrota econômica e, ao mesmo tempo, uma extraordinária vitória política do movimento dos trabalhadores.” (Frag.11 – FD-P)

(...) por conta do sindicato eu fui para a política, e por conta da política eu virei presidente da República... (Frag.12 – FD-P)

O que se nota, é que esse sujeito ao enunciar a partir de uma FD política na posição de Presidente da República, reafirma um “Lula” marcadamente político desde a época em que se mantinha na FD sindicalista. Esse funcionamento discursivo apreende a determinação histórica desse sujeito que sabe o que *pode, o que deve, o que convém dizer e, conseqüentemente, o que não pode, o que não deve ou não convém dizer*. Esse descompasso presente em uma FD a outra produzem um efeito de sentido de um sujeito enunciador identificado nas duas FDs com o *político*, o que acontece é que seu próprio discurso é colocado em confronto com as forças políticas que se empenham na manutenção daquilo que está politicamente imposto na sociedade.

Vejamos agora, a posição de Lula sobre a temática greve:

TEMÁTICA: GREVE

FD: SINDICALISTA (FD-S)

FRAGMENTO 13

Não é de hoje que **eu venho** falando que as paralisações iriam acontecer.
(Fragmentos de entrevista a Folha de S. Paulo, 04/06/1978 – In Lula: Entrevistas de Discursos, p. 85).

FRAGMENTO 14

E bastou colocar as cartas na mesa como elas eram, sem nenhum mistério. Mostrar para o trabalhador a verdade, ter a coragem de **lhes** dizer nas assembleias do sindicato, nos bate-papos, que só viriam conversações pra valer quando as máquinas parassem. **Eu acho** que a classe trabalhadora entendeu a mensagem e percebeu que não era impossível parar as máquinas. E isso aconteceu. As coisas para **nós** agora tendem a se tornar bem mais claras (...). É pura e simplesmente não ligar as máquinas quando **ele** entrar em serviço.

(Fragmentos de entrevista ao Diário do Grande ABC, 23/07/1978 – In Lula: Entrevistas de Discursos, p. 117-118)

FRAGMENTO 15

Eu espero que os ouvintes julguem isso. **Eu acredito** que as greves surgidas em algumas empresas de **meu** setor e em outros setores são conseqüências do sufoco em que a classe trabalhadora se encontra. Todo trabalhador, quando sente seu estômago doer, quer se libertar daquela dor. É aí que acontecem as greves.

(Fragmentos de entrevista ao Programa Vox Populi, TV Cultura, maio de 1978– In Lula: Entrevistas de Discursos, p. 57).

FRAGMENTO 16

Acho que todos os setores deveriam, quando necessário, fazer greve, porque todos os setores têm empregadores e trabalhadores e em todos existem as relações sociais. Se ficarmos a favor dessa idéia de que determinados setores não podem parar, porque são prioritários, cairemos numa esparrela.
(Fragmentos de entrevista ao Jornal do Brasil, 10/04/1978 – In Lula: Entrevistas de Discursos, p. 51)

FRAGMENTO 17

Mesmo assim **eu** a considero normal, porque ela foi legítima. Talvez por falta de hábito, muita gente viu a greve como algo anormal, fantástico. Na verdade, foi uma manifestação de uma classe, que tem como arma nas negociações, como força de barganha, a greve. O fato de ela ter sido julgada ilegal já perdeu o valor, porque o trabalhador a tornou legal, a partir do momento em que a praticou.

(Fragmentos de entrevista a Folha de S. Paulo, 04/06/1978 – In Lula: Entrevistas de Discursos, p. 85)

FRAGMENTO 18

Deu também pra **gente** ter certeza de que a greve é o único instrumento que a classe trabalhadora tem de se defender dos abusos dos empresários, dos abusos do próprio governo. **Eu acho** que a greve, bem usada, é um instrumento infalível, é um instrumento que proporcionaria aos trabalhadores melhores dias, melhores salários, melhores condições de trabalho e melhor posição política dentro da sociedade. (Fragmentos de entrevista concedida a Renato Tapajós, 22/05/1979 – In Lula: Entrevistas de Discursos, p. 187)

FD: POLÍTICA (FD-P)

FRAGMENTO 19

Eu sempre **discuti** com os **meus** companheiros servidores públicos que a greve no setor público não deveria ser feita como se faz a greve numa fábrica. A greve no setor de transporte coletivo não pode ser feita como se faz numa fábrica, a greve da saúde não pode ser feita como se faz numa fábrica, a greve de professores não pode ser feita como se faz numa fábrica, porque quando **nós fazemos** uma greve numa fábrica, quando um trabalhador faz uma greve num comércio ou numa fábrica, o que **ele** está fazendo? **Ele** está tentando causar um prejuízo econômico ao patrão, para que o patrão possa ceder às suas reivindicações e, aí, **ele** voltar a trabalhar. No caso do servidor público não tem patrão e o prejudicado, na verdade, não é o governo, é o povo brasileiro.

Quando a área da saúde entra em greve, sobretudo na área de pronto-socorro, quem paga, as vítimas são os pobres, porque os ricos não vão em pronto-socorro e não vão a hospitais públicos. Quando **nós** fazemos uma greve no ensino fundamental, não tem filho de rico no ensino fundamental público, só filhos dos pobres. Quando **nós fazemos** uma greve no metrô ou no ônibus, quem paga são os pobres que têm que trabalhar de manhã, não são os ricos que pegam ônibus. (...) O que não é possível, e nenhum brasileiro pode aceitar, é alguém fazer 90 dias de greve e receber os dias parados, porque, aí, deixa de ser greve e passa a ser férias. (...) Mas algumas categorias entram em greve e ficam 40, 50, 60, 80, 90, 100 dias de greve e recebem o pagamento. Você pode chamar isso de greve? Não. Isso, na verdade, são férias, na minha concepção sindical.

(Fragmentos de Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, Palácio do Planalto, 15 de maio de 2007/ p. 06,07 e 08. Disponível em: <http://www.info.planalto.gov.br/>)

FRAGMENTO 20

Eu acho que a greve é um exercício democrático, uma conquista universal da humanidade. A lei que regula as greves, que foi uma decisão da Suprema Corte brasileira diz que, ao mesmo tempo em que a pessoa tem o direito de não vender o seu serviço para pressionar um acordo, o empregador tem o direito de descontar o dia, porque só vale ganhar quem trabalha. Então, essa lógica é que vai permitir que todos **nós tenhamos** mais responsabilidade nas negociações.

O governo tem uma comissão de coordenação para as negociações, e isso passa pelo ministro do Planejamento. Seria importante que **vocês** atentassem para a quantidade de reajustes que já demos desde que **eu assumi** o governo. Vamos continuar fazendo justiça na medida em que as pessoas reivindiquem aquilo que nós entendemos que seja correto para os trabalhadores. Ao mesmo tempo, as pessoas têm que entender que as empresas públicas não são propriedade dos trabalhadores delas. Elas são propriedade da nação brasileira e, portanto, elas precisam prestar bons serviços à sociedade brasileira e fazer apenas as greves que forem impossíveis de ser evitadas.

(Fragmentos de Entrevista coletiva concedida pelo presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à imprensa brasileira, na residência da Embaixada do Brasil em Portugal Lisboa-Portugal, 25 de julho de 2008 p. 07 e 08. Disponível em: <http://www.info.planalto.gov.br/>)

FRAGMENTO 21

Veja, primeiro, Armando, vamos ter claro o seguinte, vamos separar as duas coisas: no nosso governo todos os conjuntos das classes trabalhadoras, não sou **eu** quem está dizendo, os dados do Dieese demonstram que mais de 85% dos acordos salariais feitos neste país foram com ganhos reais de aumento de salário. Portanto, **você** percebe que na iniciativa privada a greve foi quase zero porque os trabalhadores estão conseguindo muito. No setor público, seria até importante que a TV Senado pudesse fazer um estudo e apresentar num programa para saber quanto de reajuste **nós** demos a todas as categorias de trabalhadores, para **você** perceber que muitas vezes a greve é injusta.

Eu poderia pegar o exemplo de uma greve recente. **Nós fizemos** acordo em 2008 e esse acordo, **nós estamos** cumprindo ele... 2008, 2009, 2010, e muitas categorias, termina, agora, em julho, a última parcela do acordo que nós acordamos em 2008. Então, **nós temos** que pagar esse. Tem gente já querendo fazer greve pelo de 2011. Ora, **eu** não posso comprometer o próximo governo. **Eu** não seria irresponsável de ficar dando aquilo que é para outro governo dar. **Eu** não **vou** fazer isso. Todo mundo sabe o respeito que **eu tenho** pelos trabalhadores, mas **eu penso** que as pessoas, também, não podem perder o senso do limite em que a gente pode fazer as coisas. Não tem no **meu** governo, trabalhador que tenha tido qualquer prejuízo com aumento de salário. Todos ganharam aumento de salário.

(Fragmentos de Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à TV Senado Centro Cultural Banco do Brasil – Brasília-DF, 21 de junho de 2010/ p. 03 e 04. Disponível em: <http://www.info.planalto.gov.br/>)

Quadro 5: Fragmentos de entrevistas concedidas por Lula

No final dos anos 70, Lula ficou conhecido como a principal liderança sindical, comprometido com a organização social e política dos trabalhadores e identificado com a FD representativa dos saberes e das demandas dos mesmos.

Diante desse contexto, destacaremos para nossa análise, os seguintes fragmentos:

Não é de hoje que eu venho falando que as paralisações iriam acontecer. (Frag. 13 – FD-S)

E bastou colocar as cartas na mesa como elas eram, sem nenhum mistério. Mostrar para o trabalhador a verdade, ter a coragem de lhes dizer nas assembleias do sindicato, nos bate-papos, que só viriam conversações pra valer quando as máquinas parassem. Eu acho que a classe trabalhadora entendeu a mensagem e percebeu que não era impossível parar as máquinas. E isso aconteceu. As coisas para nós agora tendem a se tornar bem mais claras (...). É pura e simplesmente não ligar as máquinas quando ele entrar em serviço. (Frag. 14 – FD-S)

Nesses fragmentos do discurso de Lula, notamos que a palavra *greve*, nas condições histórico-sociais da época impostas pelo regime militar, era uma palavra “interditada”, por isso, no discurso em análise, “paralisação”, “parar”, “não ligar as máquinas” ocupam, em alguns momentos, seu espaço. É interessante perceber que, quando alguns enunciados ou termos pertencentes a uma FD são interditados, outros ocupam seu lugar, mas com o grifo da interdição dos termos originais: lemos

paralisação, mas interpretamos *greve*. O uso dos referidos termos está nesse sentido ocupando o espaço de *greve*, silenciada na FD e recalçada no interdiscurso pela censura imposta aos saberes dos trabalhadores.

É válido mencionar que, quando o acontecimento enunciativo expresso pelo enunciado “*nós vamos parar*” se converte na ação (greve), os enunciados sobre a greve voltam a ser reinscritos. Em outras palavras, a ação (greve) estabelece o enfrentamento com o Poder de Estado da época não apenas em termos discursivos (greve ou paralisação), mas também em termos de sua prática social (confronto ou submissão). Assim, a recuperação do espaço social de organização política implica a recuperação dos termos que materializam sua prática de forma mais autêntica. Nesses termos, notamos que, a paralisação (greve) iniciada no dia 12 de maio de 1978 se constituiu como um resultado de um discurso e de uma ação coletiva, ambos proibidos, mas que, mesmo assim se concretizaram – o confronto com as condições histórico-sociais se dá justamente nesse lugar da ação que reuniu uma diversidade de trabalhadores em torno de uma causa comum – pelas melhorias salariais e pela liberdade e autonomia sindical.

Interessante também considerar o fato de, nesse período, ter sido empreendido todo um esforço no sentido de fazer com que as posições expressas nos discursos de Lula como líder sindical, em suas manifestações públicas ou nos piquetes das greves, significassem o pensamento e a luta de toda a classe trabalhadora. Nesse cenário discursivo, notamos que Lula ao se pronunciar em nome do sindicato, fez com que surgisse, naquele momento, a manifestação concreta de uma FD sindical comprometida com a organização social e política dos trabalhadores. Isso pode ser percebido pelos seguintes fragmentos:

Eu acredito que as greves surgidas em algumas empresas de meu setor e em outros setores são consequências do sufoco em que a classe trabalhadora se encontra. (Frag. 15 – FD-S)

(...) greve é o único instrumento que a classe trabalhadora tem de se defender dos abusos dos empresários, dos abusos do próprio governo. (Frag. 18 – FD-S)

Nesses enunciados, Lula, como sujeito enunciativo, desempenhou, concomitantemente, a função de líder e porta-voz da posição-sujeito da FD sindicalista e da FD [dos trabalhadores brasileiros] de seus pares. “*Eu acredito que as greves surgidas em algumas empresas de meu setor e em outros setores são consequências*

do sufoco em que a classe trabalhadora se encontra”. Além de porta-voz e defensor dos trabalhadores, Lula demonstra ser conhecedor dos problemas do povo, como, por exemplo, as dificuldades financeiras e o problema relativo à fome: *“as greves são conseqüências do sufoco da classe trabalhadora (...) quando sente seu estômago doer”*. Percebemos, nesse sentido, que o engajamento de Lula é voltado para o pensamento daquela minoria (classe social dos trabalhadores) como uma forma de lutar por melhores condições de vida (...) *greve é o único instrumento que a classe trabalhadora tem de se defender dos abusos dos empresários, dos abusos do próprio governo*.

No que se refere ao fragmento 17:

Mesmo assim eu a considero normal, porque ela foi legítima. Talvez por falta de hábito, muita gente viu a greve como algo anormal, fantástico. Na verdade, foi uma manifestação de uma classe, que tem como arma nas negociações, como força de barganha, a greve. O fato de ela ter sido julgada ilegal já perdeu o valor, porque o trabalhador a tornou legal, a partir do momento em que a praticou. (Frag.17 – FD-S)

No item lexical “ilegal”, é possível perceber que greve para a FD patronal e a do Poder de Estado era algo tido como proibido, não permitido pela lei daquele período. Vimos, no Capítulo 5 dessa dissertação, que a ilegalidade da greve foi destaque nos grandes veículos de comunicação da época. Notamos que a greve foi tratada como ilegal, sob o amparo na lei que regulava o comportamento da sociedade naquele contexto histórico. Esse tratamento dado à greve assegura, para a classe patronal, o efeito de sentido de ‘segurança’, de ‘proteção’.

Como contraponto, na FD sindicalista, na qual se inscreve o discurso de Lula, “ilegal” provoca, de início, outro efeito de sentido: ‘insegurança’, ‘medo’, que é prontamente refutado no discurso de Lula em nome da legitimidade do movimento: é a ação que torna a greve “legal e legítima”. No caso em questão e na perspectiva da AD, percebemos que estão em jogo as posições ideológicas, que se entrecruzam entre a FD sindicalista e a FD patronal.

Já nos fragmentos 19, 20, 21 a posição-sujeito Lula é marcada pelo enfrentamento e crítica aos atuais movimentos grevistas. Vejamos:

A lei que regula as greves, que foi uma decisão da Suprema Corte brasileira diz que, ao mesmo tempo em que a pessoa tem o direito de não vender o seu serviço para pressionar um acordo, o empregador tem o direito de descontar o dia, porque só vale ganhar quem trabalha. Então, essa lógica é que vai permitir que todos nós tenhamos mais responsabilidade nas negociações. (Frag. 20 – FD-P)

O lugar enunciativo ocupado pelo sujeito Lula no caso Presidente da República faz com que assuma uma FD política do Poder de Estado, isso pode ser percebido quando Lula, na sequência discursiva acima, toma palavra greve como: a *“lei que regula”, “decisão da Suprema Corte brasileira”, “o empregador tem o direito de descontar o dia”, “só vale ganhar quem trabalha”*. É esse lugar enunciativo que o legitima para a função enunciativa de líder do Poder do Estado.

A FD política do Poder de Estado também pode ser claramente percebida no fragmento abaixo:

Nós fizemos acordo em 2008 e esse acordo, nós estamos cumprindo ele... 2008, 2009, 2010, e muitas categorias, termina, agora, em julho, a última parcela do acordo que nós acordamos em 2008. Então, nós temos que pagar esse. Tem gente já querendo fazer greve pelo de 2011. Ora, eu não posso comprometer o próximo governo. Eu não seria irresponsável de ficar dando aquilo que é para outro governo dar. Eu não vou fazer isso. (Frag. 21– FD-P).

Em um outro movimento do discurso Lula menciona:

Eu sempre discuti com os meus companheiros servidores públicos que a greve no setor público não deveria ser feita como se faz a greve numa fábrica. A greve no setor de transporte coletivo não pode ser feita como se faz numa fábrica, a greve da saúde não pode ser feita como se faz numa fábrica, a greve de professores não pode ser feita como se faz numa fábrica, porque quando nós fazemos uma greve numa fábrica, quando um trabalhador faz uma greve num comércio ou numa fábrica, o que ele está fazendo? (...) Quando a área da saúde entra em greve, sobretudo na área de pronto-socorro, quem paga, as vítimas são os pobres, porque os ricos não vão em pronto-socorro e não vão a hospitais públicos. Quando nós fazemos uma greve no ensino fundamental, não tem filho de rico no ensino fundamental público, só filhos dos pobres. Quando nós fazemos uma greve no metrô ou no ônibus, quem paga são os pobres que têm que trabalhar de manhã, não são os ricos que pegam ônibus. (...) O que não é possível, e nenhum brasileiro pode aceitar, é alguém fazer 90 dias de greve e receber os dias parados, porque, aí, deixa de ser greve e passa a ser férias. (...) Mas algumas categorias entram em greve e ficam 40, 50, 60, 80, 90, 100 dias de greve e recebem o pagamento. Você pode chamar isso de greve? Não. Isso, na verdade, são férias, na minha concepção sindical. (Frag. 19 – FD-P)

Nessa sequência discursiva a posição de Lula como líder da nação – Presidente da República – qualifica-o na FD política do Poder de Estado, logo, encontra-se no direito de decidir os setores que podem fazer greve e ainda mencionar os que não deveriam concretizá-la como, por exemplo: *“a greve no setor público não deveria ser feita”, “greve no setor de transporte coletivo não pode ser feita”, “a greve da saúde não*

pode ser feita”, *“greve de professores não pode ser feita.”* É interessante observar que as razões pelas quais tais setores não poderiam concretizar a greve é justificada por Lula sob o amparo de que: *“quem paga, as vítimas são os pobres”, “só filhos dos pobres”, “só filhos dos pobres”*

Por outro lado, com esse fragmento acima (19), é possível notar uma certa divergência se compararmos ao fragmento 16, onde Lula enuncia a partir de uma FD sindicalista. Observemos:

Acho que todos os setores deveriam, quando necessário, fazer greve, porque todos os setores têm empregadores e trabalhadores e em todos existem as relações sociais. Se ficarmos a favor dessa idéia de que determinados setores não podem parar, porque são prioritários, cairemos numa esparrela. (Frag. 16 – FD-S)

Nessa sequência discursiva Lula manifesta uma posição favorável com relação à greve em *“todos os setores”*. É importante ressaltar que, quando Lula menciona *“todos os setores”*, entendemos que pode ser qualquer um (público ou privado), pois o mesmo não especificou. Nesses termos, compreendemos que independente de setor – público ou privado –, Lula é a favor da greve.

Ao marcar essa posição observamos que, o sujeito Lula contradiz sua fala se compararmos ao fragmento 19 onde menciona que a greve de um setor público, por exemplo, é diferente da greve numa fábrica *“Eu sempre discuti com os meus companheiros servidores públicos que a greve no setor público não deveria ser feita como se faz a greve numa fábrica”*. Se Lula na posição de presidente da república esclarece que há diferença de greve de um setor público a uma greve numa fábrica e que isso deve ser levando em conta no momento de ela ser decretada, pois os prejudicados nesse caso é a população pobre e não os “patrões” (nessa posição Lula não é a favor de movimentos grevistas nos setores públicos) e na posição de sindicalista diz que *“**todos os setores** (público ou privado – grifo meu) *deveriam, quando necessário, fazer greve, porque **todos os setores** têm empregadores e trabalhadores e em **todos** existem as relações sociais,*”* isso nos confirma que, a alteração da FD de Lula foi sendo realizada por meio de procedimentos simultâneos: em primeiro lugar, o sujeito-enunciador assimila em seu discurso, elementos de uma FD sindicalista, provocando o enfrentamento e buscando aglutinar forças; depois, há uma

nova FD que é consolidada por meio de suas críticas públicas aos atuais movimentos grevistas, demarcando assim sua FD de Poder de Estado.

Em AD, para entender o funcionamento de uma posição-sujeito, é importante perceber que a ideologia interfere na constituição dos sentidos e dos sujeitos. Assim, uma posição-sujeito não existe *a priori* – se produz no momento da constituição dos efeitos de sentido, ou seja, se produz no momento em que o sujeito enunciador do discurso *recorre ao já dito, o ressignifica e se significa* (ORLANDI, 1993, p. 90).

Finalizando, uma posição-sujeito materializa-se e pode ser apreendida no discurso pelos saberes da FD que o sujeito mobiliza para enunciar, isto é, pelo fato de ele mobilizar uns e não outros saberes próprios da FD em que está inscrito.

Passemos a análise da temática classe empresarial:

TEMÁTICA: CLASSE EMPRESARIAL
FD: SINDICALISTA (FD-S)
<p>FRAGMENTO 22 A única maneira de o trabalhador medir forças com a classe empresarial é com a paralisação. Eu que mantive contato com vários empresários senti a diferença do comportamento deles antes e depois da greve; é muito mais fácil negociar com os empresários com as máquinas paradas. (Fragmentos de entrevista a Folha de S. Paulo, 04/06/1978 – In Lula: Entrevistas de Discursos, p.85)</p> <p>FRAGMENTO 23 Não, eu acho que o mais importante não é o percentual, eu acho que o mais importante foi o trabalhador descobrir que é possível medir forças com a classe empresarial. Eu acho que o mais importante foi o trabalhador descobrir, por exemplo, que greve não é sinônimo de baderna, que greve é isto, que existe em nível de consciência, de participação política. (Fragmentos de entrevista ao Senhor Vogue, Julho de 1978 – In Lula: Entrevistas de Discursos, p. 112)</p> <p>FRAGMENTO 24 Então eu acho que está provado que os trabalhadores, melhor organizados, combaterão polícia, governo e a própria classe empresarial. (Fragmentos de entrevista concedida a Renato Tapajós, 22/05/1979 – In Lula: Entrevistas de Discursos, p.188)</p>
FD: POLÍTICA (FD-P)
<p>FRAGMENTO 25 Estou convencido de que meu governo não será bem-sucedido sem a ação dos empresários, na medida em que são eles que organizam a maior parte da atividade econômica do País e respondem pela maior parte dos empregos. Mas é preciso destacar também a capacidade empreendedora do trabalhador brasileiro. É nesse sentido que as ações do Governo no campo da desburocratização e da redução dos encargos tributários foram tomadas: como estímulos ao investimento, à geração de empregos e à melhoria das condições de vida no Brasil.</p>

(Fragmentos de Entrevista exclusiva concedida por escrito pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à revista Empreendedor, Publicada em outubro de 2005/ p.05. Disponível em: <http://www.info.planalto.gov.br/>)

FRAGMENTO 26

(...) **eu penso** que há uma compreensão nacional de que as pessoas querem ajudar a construir o Brasil. **Eu acho** que as pessoas estão se dando conta de que a tarefa de construir o Brasil não é de um partido político e não é de uma pessoa, mas de um conjunto de pessoas que envolve políticos, envolve empresários, envolve trabalhadores.

(Fragmentos de Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após cerimônia por ocasião das comemorações do Dia Nacional da Consciência Negra Palácio do Planalto, 28 de novembro de 2006 p. 01 e 02. Disponível em: <http://www.info.planalto.gov.br/>)

Quadro 6: Fragmentos de entrevistas concedidas por Lula.

As sequências discursivas 22,23 e 24 mostradas acima apontam para um sujeito enunciador visceralmente inscrito em uma FD que abriga os saberes e as demandas dos trabalhadores, não apenas dos trabalhadores metalúrgicos, mas da classe trabalhadora como um todo. Notamos ainda que a posição de Lula era marcada por nítida separação entre trabalhadores e empresários, entre a classe dominada e dominante, *“a única maneira de o trabalhador medir forças com a classe empresarial é com a paralisação.”* (Frag.22 – FD-S) (...) *o mais importante foi o trabalhador descobrir que é possível medir forças com a classe empresarial.* (Frag.23–FD-S) (...) *trabalhadores, melhor organizados, combaterão polícia, governo e a própria classe empresarial.* (Frag.24– FD-S).

Porém, a partir da posição de presidente da república, a classe empresarial passa a ser vista por Lula como aquela que ajuda a criar novos empregos e proporciona o crescimento da economia brasileira em diversos setores: *“estou convencido de que meu governo não será bem-sucedido sem a ação dos empresários, na medida em que são eles que organizam a maior parte da atividade econômica do País e respondem pela maior parte dos empregos”* (Frag.25 –FD-P).

Vemos que o sujeito enunciador Lula na medida em que toma posição no e pelo discurso, se constitui como um sujeito político. Lula amplia seu eleitorado, não se fixando apenas na classe trabalhadora. Assim, não é o alto salário da classe trabalhadora que fará gerar empregos ou construir um Brasil mais justo, mas todo um conjunto, como o investimento do Estado em atividades diversas, investimento dos

empresários e inclusive dos trabalhadores, “as pessoas estão se dando conta de que a tarefa de construir o Brasil não é de um partido político e não é de uma pessoa, mas de um conjunto de pessoas que envolve políticos, envolve empresários, envolve trabalhadores.” (Frag.26–FD-P). A preocupação é com o crescimento de todos os segmentos da sociedade, com a produção, a industrialização a comercialização entre outros.

Outro ponto da análise que queremos levantar é sobre a origem social do sujeito. É de conhecimento geral que Lula é um homem de origem pobre, um retirante nordestino, ex-sindicalista, vítima da fome, do desemprego e da discriminação social. Percebemos, em seus discursos, que o sujeito não apaga sua consciência de classe, pelo contrário, normalmente fala do lugar social do pobre e do oprimido.

Vejamos agora os fragmentos de Lula sobre a temática aborto:

TEMÁTICA: ABORTO
FD: SINDICALISTA (FD-S)
<p>FRAGMENTO 27 <u>Eu sou</u> a favor do aborto. Primeiro porque <u>eu acho</u> que a pessoa pode cometer um erro. Às vezes nascer uma criança é muito mais prejudicial do que praticar o aborto (...) Então seria melhor legalizar isso, sabe, dar condições de salvar pelo menos a vida da mãe. (Fragmentos de entrevista a Escrita/Ensaio, 1979 – In Lula: Entrevistas de Discursos, p. 238)</p> <p>FRAGMENTO 28 Como homem casado que sou, <u>tenho</u> uma mulher, <u>eu sou</u> favorável à legalização do aborto. <u>Eu acho</u> que tudo o que é proibido é pernicioso. Proíbem a maconha e ela anda dentro da delegacia, como <u>eu</u> vi um delegado dizer. Proíbe-se não sei o que lá e as coisas estão acontecendo por aí. Proíbe-se o aborto e as meninas que conseguem iludir alguns homens(...) (Fragmentos de entrevista concedida a Revista Especial, abril de 1980 – In Lula: Entrevistas de Discursos, p. 276)</p>
FD: POLÍTICA (FD-P)
<p>FRAGMENTO 29 <u>Eu tenho</u> duas posições. <u>Eu tenho</u> a posição de pai e de marido, e de cidadão, e <u>tenho</u> um comportamento de presidente da República. São duas coisas totalmente distintas. Primeiro, <u>eu tenho</u> dito, na <u>minha</u> vida política, que sou contra o aborto. <u>Tenho</u> dito publicamente. E <u>tenho</u> dito publicamente que não acredito que ninguém faça aborto por opção ou por prazer. É importante que a gente saiba dimensionar quando uma jovem desesperada, numa gravidez indesejada, corre à procura de um aborto. É preciso saber qual é o tratamento que ela recebeu de seus pais, é preciso conhecer as possibilidades que <u>ela</u> tem de criar aquele filho, porque hoje <u>nós</u> temos, no Brasil, 30% das meninas de 15 a 17 anos fora da escola por causa de gravidez precoce.</p>

(Fragmentos de Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à Rede Católica de Rádio Palácio do Planalto, 07 de maio de 2007/ p. 09. Disponível em: <http://www.info.planalto.gov.br/>)

FRAGMENTO 30

A Igreja Católica tem uma atitude muito conservadora na questão do aborto. No Brasil, **nós temos** uma posição muito... no Brasil, o aborto é proibido, o aborto é proibido por lei no Brasil. **Você** só pode fazer aborto em caso de estupro ou... Qual é o meu pensamento? Veja, enquanto cidadão **eu** sou contra o aborto, enquanto cidadão. E **eu acho** que não deva ter mulher favorável ao aborto, porque o aborto é uma coisa muito sofrida para quem o faz. Entretanto, como chefe de Estado, **eu trato** o aborto como uma questão de saúde pública. Se as mulheres ricas podem ir para uma clínica particular tirar um filho indesejado, quando uma pessoa pobre tem problema, **acho** que o Estado não pode deixá-la ficar tentando fazer aborto por conta própria, o Estado precisa dar assistência.

(Fragmentos de Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ao jornal El País Centro Cultural Banco do Brasil, 09 de abril de 2010/ p. 19 e 20. Disponível em: <http://www.info.planalto.gov.br/>)

Quadro 7: Fragmentos de entrevistas concedidas por Lula.

A discussão acerca da descriminalização do aborto sempre foi marcada por grandes polêmicas¹⁴ no âmbito científico, religioso, político e social. Segundo Coimbra (2006), o aborto é considerado crime no Brasil, de acordo com os artigos 124 a 128 do Código Penal, os quais excetam a punibilidade, não a tipicidade, de tal prática somente em caso de estupro e risco de vida à gestante¹⁵.

No que diz respeito à posição de Lula com relação à temática aborto encontramos o seguinte posicionamento:

Como homem casado que sou, tenho uma mulher, eu sou favorável à legalização do aborto. Eu acho que tudo o que é proibido é pernicioso. Proíbem a maconha e ela anda dentro da delegacia, como eu vi um delegado dizer. Proíbe-se não sei o que lá e as coisas estão acontecendo por aí. Proíbe-se o aborto e as meninhas que conseguem iludir alguns homens. (Frag. 28 – FD-S)

No caso em análise, notamos que Lula assume uma posição favorável ao aborto e ainda menciona que “*tudo o que é proibido é pernicioso*”. Nesse enunciado de Lula, o interdiscurso presente, ou seja, o não dito, mas implícito, é que a proibição do aborto é pernicioso – que faz mal; nocivo (HOUAISS, 2004, p.565) –. Nesse sentido, podemos considerar que Lula suprime conscientemente ou inconscientemente, os artigos do

¹⁴ Não é nosso objetivo esclarecer as polêmicas que envolvem a temática aborto, e sim fazer uma análise do ponto de vista discursivo de trechos de entrevistas concedidas por Lula no âmbito dessa temática.

¹⁵ Vale ressaltar que, “a legislação brasileira garante todos os direitos do nascituro desde a concepção, o que é expresso pelo Código Civil – no seu artigo 2º.” (COIMBRA, 2006^a). O direito à vida humana é protegido também pelo artigo 5º da Constituição Federal como direito fundamental imutável até mesmo por emendas constitucionais ou leis ordinárias

Código Penal que criminalizam o aborto. E ainda desconsidera o fato de que, o Direito brasileiro, baseado na Embriologia e no princípio de dignidade da pessoa humana, assegurado pela Constituição de 1988, considera que “o mais importante direito do nascituro é o direito à vida, pois todos os demais direitos inexistirão sem garantia da preservação da sua vida” (COIMBRA, 2006). Assim, a vida humana é protegida constitucionalmente desde seu estágio intra-uterino, e o nascituro é sujeito individual de direitos desde a concepção (art. 2º. Código Civil).

No outro fragmento de entrevista concedida por Lula encontramos, o seguinte enunciado:

Eu sou a favor do aborto. Primeiro porque eu acho que a pessoa pode cometer um erro. Às vezes nascer uma criança é muito mais prejudicial do que praticar o aborto (...) Então seria melhor legalizar isso, sabe, dar condições de salvar pelo menos a vida da mãe. (Frag. 27 – FD-S)

Nesse fragmento (27), o interdiscurso presente, inclui, além dos fatores econômicos, a questão do planejamento familiar “*Às vezes nascer uma criança é muito mais prejudicial do que praticar o aborto...*”. Nesses termos, a prática do aborto é correlacionada às condições financeiras, questões culturais e especificamente as questões voltadas para a falta da estrutura familiar. Nesse sentido, deixar de nascer crianças pode ser tido como um argumento em favor da contenção das desigualdades sociais, dos maus tratos à criança entre outros, em outras palavras, se tivéssemos no Brasil um bom processo de planejamento familiar, educação sexual, possivelmente não haveria uma quantidade exacerbada de gravidez indesejada.

Num outro movimento do discurso de Lula (fragmentos 29 e 30), marcado pela sua posição de presidente da república, logo, enuncia a partir de uma FD política, percebemos inicialmente uma certa divergência desses fragmentos se comparados aos que analisamos acima (27 e 28 – FD-S). Isso porque Lula tenta deixar explícito que na posição de presidente da república ele é contra o aborto “*eu tenho dito, na minha vida política, que sou contra o aborto*”. Porém, verificamos que, no decorrer dos fragmentos (29 e 30 – FD-P), essa possível divergência – ser a favor do aborto (na posição de sindicalista) e ser contra o aborto (na posição de presidente da república) – deixa de ser divergente, pois Lula deixa algumas marcas discursivas em suas respostas que não demonstram diferença de opinião em relação ao aborto e sim, uma posição (implícita) a

favor do aborto (a mesma posição de sindicalista é a mesma posição de presidente).
Vejam os fragmentos abaixo que confirmam essas colocações:

Eu tenho duas posições. Eu tenho a posição de pai e de marido, e de cidadão, e tenho um comportamento de presidente da República. São duas coisas totalmente distintas. Primeiro, eu tenho dito, na minha vida política, que sou contra o aborto. Tenho dito publicamente. E tenho dito publicamente que não acredito que ninguém faça aborto por opção ou por prazer. É importante que a gente saiba dimensionar quando uma jovem desesperada, numa gravidez indesejada, corre à procura de um aborto. É preciso saber qual é o tratamento que ela recebeu de seus pais, é preciso conhecer as possibilidades que ela tem de criar aquele filho, porque hoje nós temos, no Brasil, 30% das meninas de 15 a 17 anos fora da escola por causa de gravidez precoce. (Frag.29 – FD-P)

Neste fragmento, podemos ainda perceber que Lula embute a pretensão – via intra e interdiscurso – de que os direitos individuais deveriam ser avaliados a partir das condições parturientes “(...) *é importante que a gente saiba dimensionar quando uma jovem desesperada, numa gravidez indesejada, corre à procura de um aborto*”. O direito fundamental à vida existe por igual para o nascituro no que respeita à proteção de sua vida humana individualizada perante a lei desde a concepção¹⁶, que está protegida também no catálogo constitucional de direitos humanos no Brasil e é direito individual imutável por leis ordinárias e emendas constitucionais, segundo determina o art. 60, parágrafo 4º, inciso IV da Constituição, quando estabelece, quanto a ela própria (Constituição), que “não será objeto de deliberação a proposta de emenda tendente a abolir (...) os direitos e garantias individuais.

No fragmento 30 temos:

A Igreja Católica tem uma atitude muito conservadora na questão do aborto. No Brasil, nós temos uma posição muito... no Brasil, o aborto é proibido, o aborto é proibido por lei no Brasil. Você só pode fazer aborto em caso de estupro ou... Qual é o meu pensamento? Veja, enquanto cidadão eu sou contra o aborto, enquanto cidadão. E eu acho que não deva ter mulher favorável ao aborto, porque o aborto é uma coisa muito sofrida para quem o faz. Entretanto, como chefe de Estado, eu trato o aborto como uma questão de saúde pública. Se as mulheres ricas podem ir para uma clínica particular tirar um filho indesejado, quando uma pessoa pobre tem problema, acho que o Estado não pode deixá-la ficar tentando fazer aborto por conta própria, o Estado precisa dar assistência. (Frag.30 – FD-P)

Nesse fragmento, o ângulo de abordagem da prática do aborto é totalmente distinto daquele que debate a Igreja que tem na visão do sujeito enunciador Lula “...

¹⁶ Estudos da Embriologia definem a concepção como marco do início da vida humana.

uma atitude muito conservadora na questão do aborto". Nesse sentido, nesse enunciado do discurso de Lula não está em jogo o direito a uma "vida em potencial", mas sim a própria dignidade de vidas já em pleno desenvolvimento: as vidas das mulheres. De modo geral, são duas linhas principais de defesa do direito ao aborto: o direito das mulheres de decidirem sobre seu próprio corpo a partir da sua autonomia individual e não de imposições de cunho moral ou religioso; e o direito ao aborto como uma forma de assegurar e resguardar a saúde da mulher, isto é, o direito ao aborto visto como *"uma questão de saúde pública"*. Embora partam de pressupostos diversos, estes argumentos podem e devem muito bem se complementar na defesa do direito ao aborto.

Por sua vez, a defesa da regulamentação do aborto como forma de proteger a saúde e o bem-estar da mulher fundamenta-se no fato de que sua proibição não é eficaz, isto é, não impede que milhares de abortos continuem sendo praticados todos os anos, no Brasil e no mundo. Feitos na ilegalidade e, em geral em péssimas condições de higiene, são uma das principais causas da mortalidade feminina decorrente de complicações na gravidez. E, como se destaca, as mais atingidas são as camadas populares, que não dispõem de dinheiro para pagar um aborto em uma das inúmeras clínicas ilegais existentes que, supõe-se, movimentam muito dinheiro *"se as mulheres ricas podem ir para uma clínica particular tirar um filho indesejado, quando uma pessoa pobre tem problema, acho que o Estado não pode deixá-la ficar tentando fazer aborto por conta própria, o Estado precisa dar assistência"*.

Neste momento da pesquisa, passemos a uma análise das estratégias enunciativas usadas por Lula para atingir o público ouvinte. Faremos primeiramente um breve percurso teórico para em seguida mostrar as análises.

6 ESTRATÉGIAS DO DISCURSO POLÍTICO

Com o intuito de adentrarmos nossas reflexões sobre o discurso político, em especial na estratégia usada pelo sujeito Lula para buscar a adesão do outro convencendo seus co-enunciadores em suas respostas concedidas em diversas entrevistas, optamos por fazer a análise dessa estratégia tendo em vista que, de acordo com Charaudeau¹⁷ (2006) a política é um domínio de prática social em que se enfrentam relações de força simbólicas para a conquista e a gestão de um poder. Nesse processo, o sujeito político deve persuadir o maior número de indivíduos de que ele partilha certos valores.

Notamos desse modo que o enunciador deve fazer a partir da escolha de suas estratégias enunciativas com que o maior número de cidadãos junte-se a esses valores propostos por ele. A esse respeito nos lembra Charaudeau:

O político deve, portanto, construir para si uma dupla identidade discursiva; uma que corresponda ao conceito político, enquanto lugar de constituição de um pensamento sobre a vida dos homens em sociedade; outra que corresponda à prática política, lugar das *estratégias* da gestão do poder: o primeiro constitui o que anteriormente chamamos de posicionamento ideológico do sujeito do discurso; a segunda constrói a posição do sujeito no processo comunicativo. (CHARAUDEAU, 2006, p.79-80).

Em função dessa dupla identidade discursiva, o enunciador em seu discurso caracteriza essa identidade discursiva num “*Eu - nós*”, o que Charaudeau (2006) chama de uma “identidade do singular coletivo: é a voz de todos na sua voz”, ao mesmo tempo em que se dirige a todos como de fosse apenas o porta-voz de um “*Terceiro*”, enunciador de um ideal social.(CHARAUDEAU, 2006, p. 80)

Para o autor, o enunciador estabelece um pacto de aliança entre esses três tipos de voz - a voz do Terceiro, a voz do *Eu*, a voz do *Tu*, todos que terminam por se fundir em um corpo social abstrato, frequentemente expresso por um *Nós* que desempenha o papel de guia. Assim, podemos afirmar que cabe ao enunciador-político inspirar em seu

¹⁷ Nesta pesquisa não iremos aprofundar na análise Semiociológica do discurso proposta por Charaudeau.

co-enunciador confiança, admiração, credibilidade, aderindo à imagem ideal de chefe que se encontra no imaginário coletivo.

As estratégias discursivas empregadas pelo político para atrair a simpatia do público dependem de vários fatores: de sua própria identidade social, da maneira como ele percebe a opinião pública e do caminho que ele faz para chegar até ela, da posição dos outros atores políticos, quer sejam parceiros ou adversários, enfim, do que ele julgar necessário defender ou atacar: as pessoas, as idéias ou as ações. (CHARADEAU, 2006, p.82).

É através dessa relação direta entre enunciadores que o sujeito vai se constituindo, sendo obrigado a construir para si um personagem, que valerá como uma imagem de si e que faz com que a construção do *ethos*¹⁸ tenha características próprias.

6.1 Considerações sobre a enunciação linguística

No que diz respeito aos estudos voltados à enunciação linguística, percebemos que se trata de um campo fecundo quando se pretende investigar estratégias discursivas e enunciativas em um dado *corpus*. Nesse sentido, acreditamos que a Teoria da Enunciação, de alguma maneira, funcione como “eixo-norteador” da presente proposta de análise, já que, em última instância, permite que se “tente reconstruir” o “momento enunciativo”, tão importante para que se “descortinem” os discursos materializados por Lula nas diversas entrevistas do *corpus* selecionado.

Maingueneau menciona que “*toda fala procede de um enunciador, pois, mesmo quando escrito, um texto é sustentado por uma voz – a de um sujeito situado para além do texto*” (MAINGUENEAU, 2001, p. 97), nesse sentido percebemos que o discurso

¹⁸ Embora não seja enfoque desta pesquisa, o *ethos* refere-se neste caso específico à personalidade do enunciador, no caso – Lula –. Na perspectiva de Maingueneau (2001, p. 95), “*apresentamos os enunciados como sendo produto de uma enunciação que implica uma cena*”. Nesses termos, a característica principal do *ethos* são os traços de “caráter” que o orador deve mostrar ao “auditório” para causar boa impressão. Assim, a eficácia do *ethos* se deve ao fato de que ele envolve, de alguma forma, a enunciação, sem estar explícito no enunciado. Percebe-se, então, que o *ethos* está presente em qualquer discurso, em que o texto revela um “tom” que dá autoridade ao que é dito. Esse “tom” permite ao leitor construir uma representação do corpo do enunciador.

deixa “marcas enunciativas”, que podem (ou não) ser reveladas através de “estratégias linguisticamente marcadas”. Sendo assim, em um *corpus* de entrevistas que é o objeto dessa pesquisa, pretendemos desvendar não só o que está “visível” linguisticamente, mas também suas marcas discursivo-enunciativas que não se deixam ver linguisticamente no enunciado.

De acordo com Benveniste (1989, p.79), a “*enunciação é a colocação em funcionamento da língua por um ato individual de utilização*”. Percebemos, então, que a noção de “subjetividade” passa a ocupar um espaço maior nas discussões investigativas da linguagem, uma vez que o foco investigativo passa a analisar o próprio ato de produzir o discurso – enunciação – que tem a propriedade fundamental de se projetar no enunciado por meio de marcas linguísticas específicas. Nesses termos, opõe-se *enunciação* a *enunciado* no sentido de este último representar o “objeto linguístico” resultante do primeiro. Assim, muitas vezes, interessa a nós linguistas o acontecimento enunciativo através das “pistas” que ele deixa no enunciado. De acordo com essa proposta, constata-se, então, que as estratégias enunciativas funcionam como projeções da enunciação no enunciado e é justamente essa postura que interessa a esta pesquisa.

Levando-se em consideração que nem sempre há o mesmo “contrato enunciativo” entre enunciado e enunciação (que delimitaria, por exemplo, se o enunciado “X” devesse ser lido como X ou como não-X), muitas vezes, o enunciatário atribuirá aos discursos o estatuto de ‘veracidade’¹⁹ a depender do referido contrato. Nesses termos, trata-se, então, de um jogo que se estabelece entre o ser (dizer) e o parecer (dito). Se houver acordo entre enunciado e enunciação, o enunciatário atribuirá estatuto de veracidade ao discurso. Caso não haja esse acordo, por exemplo, o enunciatário estabelecerá o estatuto da falsidade.

O que se nota, é que o *sujeito* passa a ocupar uma posição de destaque e o ato enunciativo transforma-se no lugar de constituição da subjetividade. Diante disso, observamos que a referenciação discursiva só se concretiza no ato enunciativo e a significação tem no sujeito umas das fontes geradoras de sentido. Seguindo os

¹⁹ Optamos pelo termo em questão, no lugar de ‘verdade’, por considerar que ele expressa melhor as relações do enunciado com o seu enunciador e que, portanto, se ajusta, de modo mais apropriado, à nossa discussão.

pressupostos de Benveniste (1989), percebe-se que, segundo a Teoria da Enunciação, o “esquema enunciativo” funciona da forma seguinte:



Figura17 : Esquema enunciativo (BENVENISTE, 1989)

De acordo com Benveniste,

A linguagem só é possível porque cada locutor se coloca como sujeito, remetendo a si mesmo como *eu* em seu discurso. Dessa forma, *eu* estabelece uma outra pessoa, aquele que, completamente exterior a mim, torna-se meu eco ao qual eu digo *tu* e que me diz *tu*. (BENVENISTE, 1995, p.261)

A esta visão devemos acrescentar que a subjetividade é a capacidade de o locutor pôr-se como sujeito e, por conseguinte, consiste como a emergência no ser de uma propriedade fundamental da linguagem. Sendo assim, o “eu” existe por oposição a um “tu” e é a condição do diálogo que constitui a “pessoa”, já que ela se constrói na reversibilidade dos papéis eu/tu.

Nesse sentido, entendemos por subjetividade o que caracteriza o sujeito do enunciado em uma situação em que o “sujeito empírico” coincide com o sujeito enunciador (o responsável pelo texto).

No caso específico do discurso de Lula materializado nas entrevistas, observamos que o teor de subjetividade apresenta-se em maior ou menor grau, pois em alguns momentos notamos que depende da relação entre os interlocutores, mas de certa forma essa subjetividade é marcada nesses discursos. Quando o entrevistador faz uma pergunta, o que se espera é que ela seja respondida. Em virtude disso, muitas vezes, o sujeito-enunciador – Lula – lança mão de “estratégias discursivas”, visando, na maioria das vezes, a persuadir o destinatário, de modo a obter a adesão interlocutor.

Entretanto, Bakhtin (2006) introduz a Teoria da Enunciação a ideia de que em todo texto há uma *dialogização interna*, uma heterogeneidade de sujeitos no discurso, cujo enfoque traz várias consequências para o sentido do enunciado. Assim, para o autor, estariam sempre presentes no discurso a heterogeneidade constitutiva e a mostrada, a intertextualidade, a polifonia, os implícitos discursivos, entre outros.

Diante da proposta bakhtiniana, a noção de sujeito passa a incorporar a figura do “outro” como constitutivo de sua significação e não mais fica relativizada na interação EU – TU.

Diante disso, o que se percebe é que o enfoque da enunciação coloca a linguagem não mais como tendo a primeira finalidade de representar o mundo, mas sim um instrumento atuante sobre o outro, uma forma de “negociação” e/ou instrumento de “ação política” do enunciador sobre o receptor e vice-versa. A este processo, devemos acrescentar que todo ato enunciativo é uma interlocução – pois só se enuncia para alguém –, a análise da instância discursiva transfere-se do foco centralizado no “eu” para o formado pelo enunciador e pelo co-enunciador, cujas imagens ou marcas presenciais podem ser detectadas na própria enunciação.

É nessa perspectiva de abordagem que podemos entender que o locutor de um discurso, ao proferi-lo, pode crer no que diz discursivamente, mas, não necessariamente, o faz enquanto indivíduo.

Lembramos ainda que outros estudiosos aventuraram-se no estudo da enunciação linguística, como Anscombre & Ducrot (1993), que afirmam que a enunciação é a atividade languageira exercida por aquele que fala no momento em que fala, sendo, portanto, por essência histórica da ordem do acontecimento e, como tal, não se reproduzindo nunca duas vezes idêntica a si mesmo.

Já Kerbrat-Orecchioni (1980), menciona que na enunciação opera-se com um deslizamento semântico, uma vez que o linguísta não mais opõe a enunciação ao enunciado como o ato a seu produto, mas esforça-se em identificar e descrever os traços do ato no produto, já que há um possível impedimento de estudar diretamente o ato da enunciação.

Fiorin (2002, p. 2) diz que, “*as marcas da enunciação presentes no enunciado permitem reconstituir o ato enunciativo*”. Em relação a isso, o autor propõe três

questões que assumem papel fundamental: 1) a das *competências*²⁰ necessárias para a produção de um enunciado; 2) o da “*ética*” da informação²¹ e 3) o do *acordo “fiduciário”*²² entre enunciador e destinatário.

Em suma, interessa-nos, neste momento da dissertação, a investigação das estratégias enunciativas de Lula manifestadas no gênero entrevista.

A partir de então, retomaremos os fragmentos (mencionados no subcapítulo 5.1.2) das entrevistas, a fim de demonstrar como as estratégias enunciativo-discursivas de Lula remetem a um sujeito que se coloca como fonte de referências pessoais (pronomes pessoais, os possessivos e os demonstrativos), temporais (verbos) e termos avaliativos (substantivos e/ou adjetivos) etc, e assim, se constitui por meio da interação com o outro.

6.1.1 As estratégias enunciativas e discursivas de Lula no gênero entrevista

Os recortes discursivos apresentados no subcapítulo²³ 5.1.2 apontam para o sujeito enunciador Lula como sendo fortemente envolto e inserido ora em práticas sindicais ora em práticas políticas. Diante dessas práticas no processo discursivo em

²⁰ Em relação às competências de que o sujeito precisa para enunciar, nota-se que elas são de ordem variada, porém não é nosso objetivo detalhá-las. Apenas citaremos por uma questão prática. São elas: (1a) competência linguística; (1b) competência discursiva; (1c) competência textual; (1d) competência interdiscursiva; (1e) competência intertextual; (1f) competência pragmática; (1g) competência situacional.

²¹ Em se tratando da “ética” da informação, percebe-se, ainda segundo Fiorin (2002), que o falante leva em conta, na produção de um enunciado, um “*código deontológico*”, que rege o que a cultura consideraria uma troca verbal honesta. Tal ‘código’ é constituído de máximas conversacionais como injunções discursivas, que ora são seguidas e ora violadas. A existência dessas máximas não pode, de fato, ser negada, pois é evidente que elas balizam a troca de informações embora seu estatuto não seja ainda bem nítido, uma vez que elas parecem depender, ao mesmo tempo da Ética, da Linguística e da Antropologia (KERBRAT-ORECCHIONI, 1980).

²² Em relação ao “acordo fiduciário” entre enunciador e enunciatário, percebe-se, de acordo com Fiorin, que são relevantes dois aspectos: a) como o texto é considerado do ponto de vista da verdade e da realidade, ou seja, existem procedimentos determinantes do estatuto de verdade ou mentira de um texto (de realidade ou de ficção), que variam de cultura para cultura e de grupo social para grupo social e b) como devem ser entendidos os enunciados: da maneira como foram ditos ou da maneira contrária. Nesses termos, haveria, segundo Fiorin, dois tipos de contrato enunciativo: o de identidade e o de contrariedade.

²³ Por uma questão prática julgamos válido não repetir as tabelas supramencionadas no subcapítulo 5.1.2. Sendo assim, neste subcapítulo faz-se necessário voltar às tabelas do subcapítulo 5.1.2.

análise, constatamos de imediato marcas enunciativas da primeira pessoa²⁴ do singular tais como: o pronome pessoal *eu*, pronomes oblíquos e possessivos e verbos na primeira pessoa, que nos permitem compreender os efeitos de sentido que o funcionamento discursivo dessas marcas provocam no discurso de Lula.

Em várias ocorrências (como se pode visualizar pelos grifos em negrito nos fragmentos do subcapítulo 5.1.2) Lula representa-se em primeira pessoa. Há um “eu” que perpassa todo o discurso criando um efeito de sentido de subjetividade e conferindo ao que é dito um “tom” de engajamento ou de compromisso pessoal enquanto líder sindical e porta-voz da classe trabalhadora, líder e porta-voz do PT, político (Presidente da República).

Esse “eu” dirige-se a um “tu” (representado ora por vocês = *“Seria importante que **vocês** atentassem para a quantidade de reajustes que já demos desde que **eu** assumi o governo.”* (Frag. 20), ora por um *você* específico, com quem o enunciador procura estabelecer um vínculo mais estreito, mais íntimo, (...) ***Você** pode chamar isso de greve? Não. Isso, na verdade, são férias, na **minha** concepção sindical* (Frag.19); (...) ***Você** percebe que na iniciativa privada a greve foi quase zero (...) **Eu** não seria irresponsável de ficar dando aquilo que é para outro governo dar. **Eu** não vou fazer isso.”* (Frag. 21), o que reforça a ideia de reciprocidade que, segundo Benveniste (1991, p. 286), está inscrita na linguagem, mostrando que esses dois termos se implicam (um não se concebe sem o outro).

Notamos ainda que esse “eu”, não raras vezes transforma-se em “nós”/ “a gente”, criando um efeito de sentido a meio caminho entre a objetividade e a subjetividade, mas que, via de regra, parece reforçar os compromissos assumidos pelo “eu”. É o caso do chamado “nós exclusivo” (eu + sindicalista e/ou equipe de governo), que aparece nos trechos que seguem:

(...) em época de eleições **a gente** tem se definido, não por partidos, mas pelo homem. **Eu** digo que **sou** apolítico...(Frag. 06)

(...) **eu** aprendi a fazer política numa época de muita confrontação. Ora com o regime militar que predominava no Brasil, que governava o Brasil, ora com os empresários que se valiam de um momento

²⁴Nosso procedimento de análise consiste, inicialmente, em levantar as marcas dêiticas de pessoa, incluindo os pronomes pessoais e os possessivos. Com relação aos verbos, não faremos uma análise detalhada, iremos apenas marcá-los (nos fragmentos do *corpus*).

de autoritarismo para criar dificuldades nas negociações. E **nós** aprendemos a introduzir nessa relação com os empresários um jeito civilizado de fazer negociação. (Frag.09)

Manifestam-se também no discurso, embora em menor escala, o “nós inclusivo” (eu + aqueles que me escutam = ***Eu sempre discuti com os meus*** *companheiros servidores públicos (...)* porque quando ***nós*** fazemos uma greve numa fábrica, quando um trabalhador faz uma greve num comércio ou numa fábrica, o que ele está fazendo? Ele está tentando causar um prejuízo econômico ao patrão, para que o patrão possa ceder às suas reivindicações e, aí, ele voltar a trabalhar. Frag.19) e o “nós misto” (= nós, brasileiros), (...) ***eu penso*** que há uma compreensão nacional de que as pessoas querem ajudar a construir o Brasil. ***Eu*** acho que as pessoas estão se dando conta de que a tarefa de construir o Brasil não é de um partido político e não é de uma pessoa, mas de um conjunto de pessoas que envolve políticos, envolve empresários, envolve trabalhadores.(Frag.26).

Lula procura mostrar, assim, que não basta o empenho do Governo (= eu + equipe e/ou partido político) para transformar o Brasil; é necessária a mobilização de todos (seja de seus “companheiros”, seja dos demais segmentos da população).

Um outro procedimento utilizado pelo enunciador é a substituição de um “eu” por um “ele”. No trecho abaixo, Lula deixa de referir-se a si mesmo como “eu” (pois assume uma posição de presidente da república) e passa, num dado momento, a designar o “ele” (= “***Ele*** está tentando causar um prejuízo econômico” Frag.19). Isso contribui para estreitar os laços que unem enunciador e enunciatários (integrantes dos movimentos grevistas), ao mesmo tempo em que permite àquele uma espécie de distanciamento objetivo para avaliar sua própria história, o que vem reforçar o senso de compromisso, de responsabilidade já assumido pelo “eu”:

Eu sempre discuti com os ***meus*** *companheiros servidores públicos que a greve no setor público não deveria ser feita como se faz a greve numa fábrica. A greve no setor de transporte coletivo não pode ser feita como se faz numa fábrica, a greve da saúde não pode ser feita como se faz numa fábrica, a greve de professores não pode ser feita como se faz numa fábrica, porque quando nós fazemos uma greve numa fábrica, quando um trabalhador faz uma greve num comércio ou numa fábrica, o que ***ele*** está fazendo? ***Ele*** está tentando causar um prejuízo econômico ao patrão, para que o patrão possa ceder às suas reivindicações e, aí, ***ele*** voltar a trabalhar. No caso do servidor público não tem patrão e o prejudicado, na verdade, não é o governo, é o povo brasileiro.(Frag. 19).*

Benveniste em: *Estrutura das relações de pessoa no verbo*, *A natureza dos pronomes*, também em *Da subjetividade na linguagem* e *A linguagem e a experiência humana* entre outros, na sua teoria da enunciação, faz um estudo dos pronomes e mostra como essa categoria é a primeira a instaurar e representar a subjetividade na linguagem.

No artigo, *Estrutura das relações de pessoa no verbo*, o autor menciona o problema dos pronomes em relação de oposições, como uma heterogeneidade entre o par eu/tu e o pronome ele. A estrutura das relações de pessoa apresenta-se como correlação entre eu-tu, enquanto pessoa, opondo-se a “ele”, que não apresenta o traço de pessoalidade, ou como Benveniste denominou a *correlação de personalidade*.

Ao mesmo tempo, estabelece outra relação – a *correlação de subjetividade* – que opõe “eu” a “tu”, ou seja, o *eu* instaura um *tu* na realidade do diálogo. Esse *tu*, exterior, somente pode ser pensado a partir do próprio *eu*. Essa correlação de subjetividade trouxe para a linguística os novos elementos de uma semântica da enunciação. Benveniste postula subjetividade e realidade ao mesmo tempo, e o elo de ligação é a dêixis.

Em *A natureza dos pronomes*, Benveniste observa, primeiramente, o fato de que essa classe de palavras (pronomes) não deve ser mais considerada, como habitualmente, uma *classe unitária* ao se referir à forma e à função. Ele pergunta a qual realidade *eu* e *tu* se referem. Sua resposta é categórica: *unicamente uma realidade de discurso, que é coisa muito singular*. (p. 278). Assim, ocorre uma dupla instância: de “eu” como referente e como referido, na instância de discurso.

Nesse sentido, os pronomes se configuram em uma classe da língua que opera no formal, sintático, e no funcional, pragmático. Sendo assim, os pronomes devem ser entendidos também como fatos de linguagem, pertencentes à mensagem (fala), às categorias do discurso e não apenas como pertencentes ao código (língua), às categorias da língua, como considerava Saussure.

Assim, conforme Benveniste, os indicadores são as formas como o *eu* vincula-se ao discurso:

poremos em evidência a sua relação com o eu definindo-os: aqui e agora delimitam a instância espacial e temporal coextensiva e contemporânea da

presente instância de discurso que contém eu. Essa série não se limita a aqui e agora: é acrescida de grande número de termos simples ou complexos que procedem da mesma relação: hoje, ontem, amanhã, em três dias, etc. (BENVENISTE, 1995, p 279).

Eis aí a vinculação da dêixis ao sujeito que fala, ou como quis Benveniste, um indicador da subjetividade no discurso, em que as formas pronominais remetem à enunciação.

Já em *Da subjetividade na linguagem*, a dêixis volta a ser referida para designar o par eu/tu como marcas da pessoa na enunciação, bem como para indicar o par sujeito/subjetividade no ato discursivo. É na instância de discurso na qual *eu* designa o locutor que este se enuncia como *sujeito*. Nesses termos, percebemos que o funcionamento da subjetividade está no exercício da língua. (BENVENISTE, 1989, p. 288).

Posteriormente, Benveniste descreve os indicadores de subjetividade ao definir o *aparelho formal da enunciação*. A partir das formas de interrogação, intimação e asserção, o autor inclui outros tipos de modalidades pertencentes à dêixis, como os modos (optativo, subjetivo) que enunciam atitudes do enunciador do ângulo daquilo que enuncia (expectativa, desejo, apreensão... e ainda outros mais, relativos à fraseologia, como talvez, provavelmente etc). (BENVENISTE, 1989, p 87).

Diante do exposto, notamos que estava em construção, para Benveniste, era o estatuto da subjetividade na linguagem, lugar em que a dêixis oferecia um conjunto de categorias visando a estabelecer algo mais profundo que a circunscrição de um “eu” na enunciação.

A dimensão individual e subjetiva atribuída por Benveniste ao discurso, e, por conseguinte ao sujeito produtor desse discurso, é contestada pela Análise de Discurso que trabalha com a concepção de sujeito incompleto e heterogêneo.

De um modo geral, as diferenças entre a posição de Benveniste e da Análise do Discurso são basicamente em relação ao sujeito.

Na posição de Benveniste o sujeito é centrado na pessoa, e apresenta-se como “uno”, e responsável pelo seu próprio dizer. Nesses termos, o sujeito se apresenta como tendo autonomia, como sendo um sujeito dotado de intenções e estratégias.

Em AD, o sujeito é visto como *descentrado*, pois é atravessado pelo inconsciente e afetado pela FD em que está inscrito. Nesse sentido, no interior de uma FD coexistem diferentes posições de sujeito (o que contribui para caracterizar o sujeito da AD como fragmentado) que se relacionam e diferem com a forma-sujeito (sujeito histórico) da FD.

Assim, em AD a subjetividade é entendida como posição e o que é levado em conta é o funcionamento do discurso, pois quando enunciados são proferidos (principalmente no discurso político), notamos que são mobilizados um conjunto complexo de outros sentidos.

Por meio dessas diferentes projeções de pessoa utilizadas pelo sujeito enunciativo, com seus diferentes efeitos de sentido, Lula vai construindo seu fazer-persuasivo-discursivo a partir de determinadas estratégias visando levar o destinatário a crer em suas 'boas intenções'.

Nesta segunda parte das análises, acreditamos ser relevante destacar a definição de "estratégia²⁵ discursiva" para a efetiva compreensão do enfoque que adotaremos.

A "estratégia" é toda ação realizada de maneira coordenada para atingir certo objetivo. Em AD, costuma-se dizer que o termo estratégia diz respeito às possíveis escolhas que os sujeitos podem fazer da encenação do ato de linguagem (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004).

Nesse sentido, para a nossa análise, consideramos estratégia toda "ação discursiva" empregada pelo locutor do discurso de acordo com um contrato comunicativo estabelecido.

Vejamos as análises:

²⁵ Vale ressaltar que faremos de um modo geral e simplificado uma análise comparativa das estratégias enunciativas e discursivas que marcam a posição-sujeito Lula sobre as diferentes temáticas: política, greve, classe empresarial, aborto.

TEMÁTICA: POLÍTICA FD: Política (FD-S)

Estratégias Enunciativas e Discursivas

Na posição do sujeito em análise, Lula tem a sua imagem de líder consolidada não só dentro do país, mas também internacionalmente e assume o papel discursivo de porta-voz de uma classe social que, até então, era deixada à margem. Essa liderança, por si só, legitima essa função enunciativa do porta-voz. “(...) *estou tentando aprender a ser um bom dirigente sindical. Não tenho pretensões políticas*” (Frag.08.)

Nos fragmentos abaixo, é possível notar o uso constante do pronome pessoal “eu”, **eu** digo..., **eu** faço questão..., **eu** quero dizer..., a repetição da primeira pessoa reforça seu lugar de posição “eu sou apolítico, eu não tenho partido, eu nunca pensei em me candidatar, eu não tenho vocação política...” (adaptação minha) “*estou tentando a ser um bom dirigente sindical*”, em outras palavras, podemos dizer que Lula queria deixar “estampado” sua isenção política.

Essa estratégia de Lula em demonstrar isenção política deu credibilidade a sua fala. Nesse sentido, a classe trabalhadora percebeu que havia alguém (Lula – bom dirigente sindical) para lutar pelos seus direitos.

Porém, verificamos que Lula, na medida em que toma posição no e pelo discurso, se constitui como um sujeito político. Isso nos permite compreender como que esse sujeito que se dizia apolítico, marca desde o início, sua identificação com a política através de práticas sociais desenvolvidas junto ao movimento sindical.

FD: Política (FD-P)

Estratégias Enunciativas e Discursivas

Reconhecemos que foi a partir da posição de Lula como presidente da república, que seu discurso passou a representar os saberes do grupo social que chega ao poder, nessa posição-sujeito o locutor não enuncia mais como porta-voz dos trabalhadores, mas como o líder dos trabalhadores que chega ao poder. Essa mudança marca assim, as transformações na constituição da subjetividade que se veem determinadas historicamente, por forças de poder que o indivíduo estabelece consigo e com o meio, “*eu aprendi a fazer política numa época de muita confrontação. Ora com o regime militar que predominava no Brasil, que governava o Brasil, ora com os empresários que se valiam de um momento de autoritarismo para criar dificuldades nas negociações*”(Frag.09).

O que se observa, portanto, é que Lula investe não mais em uma formação discursiva de sindicalista, agora as suas características são outras, trabalha com a constituição de um *ethos* de presidente com um discurso mais moderado, maduro e experiente, marca assim o saber vindo da experiência, (...) e *por entrar numa grande indústria eu fui para o sindicato, e por conta do sindicato eu fui para a política, e por conta da política eu virei presidente da República. Eu fiz questão de dizer para os jovens: se eu, um torneiro mecânico, formado pelo Senai, cheguei à presidente da República (...)* (Frag. 12).

Percebemos ainda, que Lula em seus discursos fala através de suas lembranças, pelo viés de sua memória histórica. Ao recorrer à biografia, o presidente dá legitimidade à sua fala. O passado e as dificuldades enfrentadas são, em primeira análise, instrumentos de absolvição e, numa segunda análise, propicia aos enunciatários acreditarem na capacidade de “fazer” do enunciador. Ao reafirmar as dificuldades já enfrentadas, o enunciador, Lula, habilita-se como obstinado e com capacidade de reverter situações adversas. *“A minha prisão deflagrou uma grande onda de solidariedade e aumentou a consciência política do movimento operário. O resultado foi uma derrota econômica e, ao mesmo tempo, uma extraordinária vitória política do movimento dos trabalhadores”* (Frag. 11).

Em suma, na temática política a partir de uma posição de poder de estado, Lula processa a construção discursiva de um presidente que marca a mudança esperada e que também é operada pela estratégia enunciativa de fazer falar “antes” um *ethos* pré-discursivo que o discurso coloca em cena através do *ethos* discursivo de presidente eleito que tem o poder de mudar e do *ethos* pré-discursivo de indivíduo pobre, torneiro mecânico, líder sindical que foi capaz de mudar a própria trajetória de vida. Com esta estratégia percebemos que o enunciador obtém o efeito de sentido de que foi capaz de mudar a própria vida, também será capaz de mudar o Brasil.

TEMÁTICA: GREVE FD: Sindicalista (FD-S)

Estratégias Enunciativas e Discursivas

Na condição de sindicalista, Lula assume a posição de porta-voz, defensor dos trabalhadores e conhecedor dos problemas do povo e da classe trabalhadora. Nesse sentido a temática *greve* apresenta-se como uma representação coletiva construída pela comunidade metalúrgica das greves dos anos 1978-80, através de um diálogo com outros discursos

presentes. Nesse contexto, *greve* aparece dotada de um valor semântico que remete à ideia de paralisação dos trabalhadores em prol de melhorias de salários e de autonomia e liberdade sindical, “*não é de hoje que eu venho falando que as paralisações iriam acontecer*”. (Frag. 13).

Nessa FD-S, a palavra *greve* pode ser relacionada às noções de “militância”, “luta”, “comunismo” e “esquerda”, baseando-se numa perspectiva de greve contra o capitalismo, materializada no padrão luta sindical e política.

Vale ressaltar que, para a formulação e manutenção destes significados para *greve*, o sujeito do ato de linguagem (Lula) é ciente dos “filtros construtores de sentidos” (CHARAUDEAU, 2009). Assim, as condições extralinguísticas do discurso podem ser notadas: são todos metalúrgicos da década de 1970 e 80, sob condições de trabalho inaceitáveis, com baixos salários, vivenciando um momento de ditadura militar.

Nesse contexto, os discursos são construídos em torno do sentido de “luta” da *greve*, unidos às condições extradiscursivas. Assim, Lula contribui para a formação de uma significação específica para a marca “*greve*”, sendo ele quem constrói, junto com as condições do ABC, o sentido da palavra greve neste momento da história sindical do Brasil: agregando um sentido que corresponde à militância, à luta da esquerda contra o governo, conforme sua fala: “*Deu também pra gente ter certeza de que a greve é o único instrumento que a classe trabalhadora tem de se defender dos abusos dos empresários, dos abusos do próprio governo. Eu acho que a greve, bem usada, é um instrumento infalível, é um instrumento que proporcionaria aos trabalhadores melhores dias, melhores salários, melhores condições de trabalho e melhor posição política dentro da sociedade*” (Frag. 18).

Dessa maneira, ocupando a posição de líder sindical dos metalúrgicos da região do ABC paulista, Lula pertence a uma “instituição que abriga seu enunciado para que ele possa contribuir para a consolidação ou transformação de determinados valores e hierarquizações de fala” (VOESE, 2004, p. 40). Além disso, ele é o líder da comunidade de metalúrgicos das greves, portanto, torna-se importante, no momento da construção do sentido da marca *greve*. Os discursos de Lula atualizam o sentido da greve, reafirma-o, e faz com que a comunidade reivindique seus direitos – de fazer greve.

FD: Política (FD-P)

Estratégias Enunciativas e Discursivas

As estratégias enunciativas utilizadas por Lula na posição de presidente da república no que diz respeito à temática greve apontam para uma sequência de argumentos que tentam

minimizar sua própria imagem de grevista, “O governo tem uma comissão de coordenação para as negociações, e isso passa pelo ministro do Planejamento. Seria importante que vocês atentassem para a quantidade de reajustes que já demos desde que eu assumi o governo. Vamos continuar fazendo justiça na medida em que as pessoas reivindicuem aquilo que nós entendemos que seja correto para os trabalhadores. Ao mesmo tempo, as pessoas têm que entender que as empresas públicas não são propriedade dos trabalhadores delas. Elas são propriedade da nação brasileira e, portanto, elas precisam prestar bons serviços à sociedade brasileira e fazer apenas as greves que forem impossíveis de ser evitadas.” (Frag. 20)

Nesse sentido, percebemos ainda um certo “apagamento” da palavra greve, que se dá em razão de um discurso ditatorial vigente e pela construção de um novo *ethos*. Com isso o caráter reivindicatório se perde e dá lugar a um discurso político que se ajusta ao poder de estado e não de militância sindical que reivindica direitos. Essas mudanças no discurso aparecem transvestidas de um caráter às vezes cômico, às vezes declaratória, “algumas categorias entram em greve e ficam 40, 50, 60, 80, 90, 100 dias de greve e recebem o pagamento. Você pode chamar isso de greve? Não. Isso, na verdade, são férias, na minha concepção sindical”. (Frag. 19).

Para aparecer como representante político (do poder de estado), Lula cria um discurso que atende à instância cidadã, sendo ela a instância que o elege, ao identificar nele um discurso de credibilidade que, para Charaudeau (2006), está cerceado por três condições fundamentais: a de sinceridade (relacionada à verdade do discurso), de performance e de eficácia, “(...) A greve no setor de transporte coletivo não pode ser feita como se faz numa fábrica, a greve da saúde não pode ser feita como se faz numa fábrica (...) Quando a área da saúde entra em greve, sobretudo na área de pronto-socorro, quem paga, as vítimas são os pobres, porque os ricos não vão em pronto-socorro e não vão a hospitais públicos”. (Frag. 19). A estratégia utilizada por Lula trás um resultado satisfatório, pois o mesmo busca resolver o problema da “greve” atentando para a classe dos menos favorecidos. Em outras palavras, as greves atuais prejudicam os mais pobres e necessitados que dependem de setores públicos como: hospitais, escola, transportes etc.

TEMÁTICA: CLASSE EMPRESARIAL FD: Sindicalista (FD-S)

Estratégias Enunciativas e Discursivas

As estratégias de Lula no que tange a classe empresarial a partir de uma FD-S era colocar em oposição a classe trabalhadora com a classe empresarial, a qual era vista por ele

como aquela que “ganhava as fortunas”, “que explorava os trabalhadores” etc. Lula se refere aos empresários, tendo como projeto a ideia de que: *“a única maneira de o trabalhador medir forças com a classe empresarial é com a paralisação. Eu que mantive contato com vários empresários senti a diferença do comportamento deles antes e depois da greve; é muito mais fácil negociar com os empresários com as máquinas paradas”. (Frag.22); “(...) o mais importante foi o trabalhador descobrir que é possível medir forças com a classe empresarial. (...) o mais importante foi o trabalhador descobrir, por exemplo, que greve não é sinônimo de baderna, que greve é isto, que existe em nível de consciência, de participação política. (Frag.23)*

Havia uma nítida separação entre trabalhadores e empresários, entre a classe dominada “trabalhadores” e a dominante “empresários”, *“então eu acho que está provado que os trabalhadores, melhor organizados, combaterão polícia, governo e a própria classe empresarial”.(Frag.24)*

FD: Política (FD-P)

Estratégias Enunciativas e Discursivas

Na posição de presidente da república, Lula, em relação à classe empresarial, realiza um discurso da coalização, do pacto entre os diversos segmentos da sociedade.

A proposta de Lula é de uma aliança entre capital e trabalho para que o Brasil pudesse avançar. Nesse sentido, Lula defende a geração de empregos, que seria, na época, alcançada com a união de todos os segmentos da sociedade, com a produção, a industrialização e a comercialização. Assim, a classe dos empresários e a dos trabalhadores era colocada lado a lado. É proposta uma união entre governo, empresários e trabalhadores para resolver os problemas da classe trabalhadora e do povo em geral, *“meu governo não será bem-sucedido sem a ação dos empresários (...) eles que organizam a maior parte da atividade econômica do País e respondem pela maior parte dos empregos. Mas é preciso destacar também a capacidade empreendedora do trabalhador brasileiro. (Frag.25); “(...) a tarefa de construir o Brasil não é de um partido político e não é de uma pessoa, mas de um conjunto de pessoas que envolve políticos, envolve empresários, envolve trabalhadores” (Frag.26).*

TEMÁTICA: ABORTO FD: Sindicalista (FD-S)

Estratégias Enunciativas e Discursivas

Na posição do sujeito em análise, Lula marca uma opinião favorável ao aborto. Ao assumir essa opinião utiliza a estratégia de que *“tudo o que é proibido é pernicioso”* (Frag.28). Em outras palavras, proibir é nocivo.

Em um outro fragmento de entrevista Lula, reforça a mesma opinião, ser a favor do aborto. *“Eu sou a favor do aborto. Primeiro porque eu acho que a pessoa pode cometer um erro. Às vezes nascer uma criança é muito mais prejudicial do que praticar o aborto (...) Então seria melhor legalizar isso, sabe, dar condições de salvar pelo menos a vida da mãe”*. (Frag. 27)

A estratégia dessa resposta fica subentendida, ou seja, o interdiscurso presente, inclui, além dos fatores econômicos, a questão do planejamento familiar *“Às vezes nascer uma criança é muito mais prejudicial do que praticar o aborto...”*. Nesses termos, a prática do aborto é correlacionada às condições financeiras, questões culturais e especificamente as questões voltadas para a falta da estrutura familiar.

FD: Política (FD-P)

Estratégias Enunciativas e Discursivas

Na posição de presidente da república, Lula utiliza como estratégia ao abordar a temática aborto o efeito de evidência em: *“nós temos, no Brasil, 30% das meninas de 15 a 17 anos fora da escola por causa de gravidez precoce”* (Frag.29), a presença de números parece propor um efeito de pesquisa estatística e – por conseguinte – credibilidade ao que é dito. Esse efeito relaciona-se ao sentido historicamente construído de que números estariam ligados às ciências exatas, sentido que se alinha com a proposta de comprometimento com a *“verdadeira face dos acontecimentos”*.

Há também no decorrer das respostas de Lula uma *“fuga”* do religioso e um deslocamento da questão para outros campos: ao longo do tempo, a religião de modo geral vem se configurando como um dos maiores entraves à liberação do aborto no Brasil *“a Igreja Católica tem uma atitude muito conservadora na questão do aborto”* (Frag.30). Assim, Lula opta por um discurso acerca do aborto que procura se afastar do ideal de moral (religiosa). Nesse sentido, percebemos nas respostas de Lula um *“deslizamento”* da questão do aborto do nível da moral para o social (a saúde pública) *“eu trato o aborto como uma questão de saúde pública”* (Frag.30). Assim, inicia o discurso de vitimização da mulher que pratica, que interrompe voluntariamente a gestação. Com isso, Lula insere o tema aborto num campo sócio-político: *“Se as mulheres ricas podem ir para uma clínica particular tirar um filho indesejado, quando uma*

“pessoa pobre tem problema, acho que o Estado não pode deixá-la ficar tentando fazer aborto por conta própria, o Estado precisa dar assistência”.(Frag.30).

O que se vê é a tentativa de mostrar a questão da descriminalização do aborto como parte integrante do grupo de problemas que têm reflexos principalmente nas camadas mais populares da sociedade. O sentido que se cria a partir disso é bastante positivo para a posição-sujeito de Lula – presidente da república –, uma vez que, de certa forma se alinha com o discurso contemporâneo que toma como positiva e urgente a resolução dos problemas que atingem prioritariamente as classes menos favorecidas.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa dissertação, buscamos empreender uma análise das estratégias enunciativas do discurso de Lula compreendidas no gênero entrevista.

Por meio de um exercício metodológico, fizemos o recorte de um *corpus* para análise que se constituiu de entrevistas concedidas por Lula, que apontaram para diversas temáticas, tais como: política, greve, classe empresarial e aborto.

Acreditamos, em razão das análises desenvolvidas, que esses temas, ao serem apresentados nos diferentes contextos históricos da trajetória sindical e política de Lula, atestam deslocamentos do sujeito e mostram sua constituição.

Além disso, as entrevistas selecionadas para compor o *corpus* trouxeram grandes informações sobre as conjecturas traçadas pelo PT desde a época em que Lula se destacava como líder sindical até a posição de Presidente da República.

Após o recorte do *corpus*, passamos à análise dessas entrevistas, atentando para os efeitos de sentidos construídos dentro de suas formações discursivas nas quais o sujeito se constituía. Nesse sentido, encontramos, nas respostas (de Lula) que foram analisadas, discursos que se aliam e que se afrontam dentro de uma mesma FD. Desse modo, a noção de FD constituiu um importante construto teórico que deu suporte às nossas análises, uma vez tratar-se, nas circunstâncias da análise, do lugar determinante para a constituição do sentido. É nesse lugar que uma expressão linguística, uma proposição, um enunciado assumem sua materialidade discursiva, como condição primeira para a ação.

Esse sentido que atravessa a materialidade discursiva é determinado pelas posições ideológicas, colocadas em jogo no processo social e histórico em que essa materialidade é (re)produzida. Nessa direção, assumimos que as palavras, expressões, proposições etc, transformam-se semanticamente segundo as posições ocupadas por Lula. Isso tudo equivale a dizer que a materialidade discursiva alcança seu sentido em referência a tais posições no interior de uma FD, em referência às formações ideológicas nas quais o sujeito se inscreve.

Essas observações reforçam mais uma vez nossa compreensão acerca das posições-sujeito assumidas pelo sujeito-enunciador Lula. São elas da ordem dos

acontecimentos históricos de sua trajetória política e também decorrentes dos lugares ocupados por ele. Nesse sentido, percebemos que o discurso de Lula migra de uma FD para outra, conforme o lugar enunciativo e as condições de produção envolvidas no contexto histórico. Em função disso, seus discursos refletiram relações de adesão e de tensão e antagonismo.

Por fim, diante dessa perspectiva de análise mostramos como o discurso político é um grande palco de ação de distintas estratégias enunciativas e discursivas.

REFERÊNCIAS

- ABCD Sociedade Cultural. **Lula: entrevista e discursos**. São Bernardo do Campo, 1980.
- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos do Estado**. Tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Graal Editora, 2001.
- ANSCOMBRE, J.C & DUCROT, O. **L'argumentation dans la langue**. Bruxelas: Mardaga, 1993.
- ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1979.
- AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer: palavras e ação**. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **"Heterogeneidade(s) enunciativa(s)"**. Cadernos de Estudos Linguísticos. Campinas, n. 19, p. 25-42, jul./dez. 1990.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2002.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p.261-306.
- BENVENISTE, Emile. **Problemas de Linguística Geral I**. 3. ed. Campinas: Pontes, 1995.
- BENVENISTE, Emile. **Problemas de Linguística Geral II**. São Paulo: Pontes, 1989.
- BETTO, Frei. **Lula: biografia política de um operário**. 7.a Ed. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.
- BRAIT, Beth (org.). **Estudos enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas**. São Paulo: Pontes, 2001.
- BRANDÃO, M. H. H.N. **Introdução à análise do discurso**. São Paulo, Unicamp, 2004.
- BRANDÃO, M.H.H.N. **Subjetividade, Argumentação e Polifonia – A propaganda da Petrobrás**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- BRETON, Philippe. **A argumentação na comunicação**. Tradução de Viviane Ribeiro, 2ª ed., Bauru, SP: EDUSC, 2003.
- CAZARIN, Ercília Ana.. **Identificação e representação política: uma análise do discurso de Lula**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

CHARAUDEAU, Patrick e MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso Político**. São Paulo: Contexto, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e Discurso: Modos de Organização**. São Paulo: Contexto, 2009.

CHARAUDEAU, Patrick. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, I.L.; MELLO, R. (Org.) **Gêneros: reflexões em análise do discurso**. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004. p.13-39.

COIMBRA, C.G (a). **A inconstitucionalidade da tramitação de legislação legalizadora do aborto no Brasil**. In: Âmbito Jurídico (online), Rio Grande, 25, 31/01/2006. Disponível em <http://www.ambito-juridico.com.br>

DUBOIS, Jean. **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 2001.

DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Campinas /SP: Pontes, 1987.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança Social**. Brasília: UNB, 2001.

FIORIN, José Luiz (1988). **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática.

FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação**: categoria de pessoa, espaço e tempo. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2002.

FOUCAULT, M. **Formações discursivas e Formações de Objeto**. Arqueologia do Saber. São Paulo: Cultrix, 2005.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1995. (Leituras Filosóficas).

HENRY, P. Os Fundamentos Teóricos da “Análise Automática do Discurso” de Michel Pêcheux (1969). In: GADET F.; HAK, T. (Orgs.) **Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Trad. de Eni P. Orlandi. Campinas: Unicamp, 1997, pp 13-38.

HOUAISS, Antônio & VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

KAMEL, Ali. **Dicionário Lula: um presidente exposto por suas próprias palavras**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

KERBRAT – ORECCHIONI, Catherine. **L’Enonciation. De la subjectivité dans le langage**. Paris: Armand Colin, 1980.

KOCH, Ingedore Gunfeld Villaça. **Argumentação e Linguagem**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.

MACHADO, A.R. A perspectiva interacionista sociodiscursiva de bronckart. In: MEURER, J. L. ; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros textuais: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p.237-259.

MACHADO. I. Gêneros discursivos. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: Conceitos chaves**. 2. ed. São Paulo: contexto, 2005. p.151-166.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. Campinas: Pontes, 1997.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de Textos de Comunicação**. São Paulo, Cortez, 2001.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. Curitiba: Criar, 2005.

MALDIDIER, D. A Inquietação do Discurso. (Re)Ler Michel Pêcheux hoje. Campinas (SP): Ed. Pontes, 2003 (tradução Eni P. Orlandi).

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital**. In MARCUSCHI, Luiz Antônio & XAVIER, Antônio Carlos (Orgs.) Hipertexto e gêneros digitais. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p; 13-67.

MARI, H. **Discurso e ação**. In: MARI, H. MACHADO, I.L. MELLO, R. (Org). Análise do Discurso em perspectivas. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2003b, p. 219-236.

MARI, H. **Fundamentos e dimensões da análise do discurso**. Belo Horizonte: Fale-UFMG. Carol Borges, 1999.

MARI, H.; SILVEIRA, José Carlos Cavalheiro. Sobre a importância dos gêneros discursivos. In: MACHADO, I.L.; MELLO, R. (Org.) **Gêneros: reflexões em análise do discurso**. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista, o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 2008.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

ORLANDI Eni. **Discurso e Texto: formação e circulação dos sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2001.

ORLANDI, Eni. **O discurso: estrutura ou acontecimento?** Trad. de Eni P.Orlandi. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

ORLANDI, Eni. **Introdução às ciências da linguagem - Discurso e textualidade/**

Suzy Lagazzi-Rodrigues e Eni P. Orlandi (orgs.) – Pontes Editores, 2006 – Campinas, SP.

OZAKABE, H. **Argumentação e discurso político**. São Paulo, KAIROS, 1999.

PARANÁ, Denise. **Lula o filho do Brasil**. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2009.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET F.; HAK, T. (Orgs.) **Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Trad. de Eni P. Orlandi. Campinas: Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, M. **O Discurso - estrutura ou acontecimento**. Trad. de Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 1983.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso** (1975). Traduzido por Eni P. Orlandi et alii. Campinas: UNICAMP, 1988.

PERELMAN, C. OLBRECHTS-TYTECA. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ROBIN, Régine. **A palavra como índice de comportamento político; Prática discursiva e formação ideológica**. História e lingüística. São Paulo: Cultrix, 1977.
ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. Trad. A. Chelini et al. São Paulo: Cultrix, 2006.

VOESE, I. **Análise do discurso e o ensino de língua portuguesa**. São Paulo: cortez, 2004.

SITES UTILIZADOS

SITE DE CONSULTA DE VÍDEOS E OUTROS MATERIAIS.

Disponível em: <<http://www.youtube.com>>

SITE DE CONSULTA DAS ENTREVISTAS DE LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA.

Disponível em: <<http://www.info.planalto.gov.br>>

SITE OFICIAL DO PARTIDO DOS TRABALHADORES

Disponível em: <<http://www.pt.org.br>>

SITES DE CONSULTAS

Disponível em: <<http://www.abcdeluta.org.br>>

Disponível em: <<http://www.patrick-charaudeau.com>>